

**Maria Nunes dos Santos Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado**

**A Opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional na inclusão  
de alunos com Necessidades Educativas Especiais**

Orientadora: Professora Doutora Isabel Maria Rodrigues do Amaral Oliveira

Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração  
Instituto de Educação

Lisboa

2023

**Maria Nunes dos Santos Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado**

**A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional na inclusão  
de alunos com Necessidades Educativas Especiais**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor, conferido pela Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa no dia 13/02/2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 104/2023, de 19 de janeiro de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Odete Emydgio da Silva

Arguente: Prof.<sup>a</sup> Doutora Teresa Maria dos Santos Leite

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Isabel Maria Rodrigues do Amaral Oliveira

**Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa**  
**Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**  
**Instituto de Educação**  
**Lisboa**  
**2023**

Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional na  
inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

---

Aos meus filhos

## **Agradecimentos**

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Amaral, pela sua disponibilidade, incentivo, orientação e sobretudo pela paciência, amizade, confiança e carinho.

À Diretora deste mestrado, Professora Doutora Maria Odete Emydgio da Silva, gratidão e reconhecimento pelo alento na construção deste caminho agora aberto.

Ao meu marido, pilar, porto e farol e aos meus filhos que compreenderam a minha ausência nas nossas rotinas, por terem partilhado comigo momentos de angústia e alegria ao longo destes anos mas, sobretudo, pelo carinho, amizade, amor, apoio e incentivo que sempre me deram.

À minha madrinha pelos conselhos, ajuda, apoio, ânimo e força, às minhas afilhadas a paciência, sorrisos e carinho, à minha tia Mila, minha prima Mercedes, mana Teté, Pat e todos os que partilharam comigo este percurso com angústias e alegrias , mas sobretudo pelo apoio, carinho, amizade, atenção, disponibilidade e “colo” que me deram.

À minha família e mãe, para quem estive menos disponível durante este trabalho.

Aos meus amigos que pacientemente aguardam por um encontro que espero , agora, seja em breve.

Às minhas colegas de curso pela amizade e entajuda.

A todos os que contribuíram de algum modo para a execução deste trabalho, colegas, amigos, professores e funcionários.

Bem-haja

## RESUMO

Neste estudo visámos conhecer a opinião dos diretores de turma relativamente à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas escolas profissionais. Foi nosso objetivo analisar como estes profissionais compreendem o processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas suas turmas do ensino profissional. Entrevistámos diretores das turmas em que existiam alunos com este perfil, procurando aquilatar as visões dos mesmos relativamente à inclusão destes alunos na escola e nas suas turmas. Foram entrevistados cinco diretores de turma e analisadas as suas respetivas entrevistas, o que nos permitiu recolher informação fidedigna sobre as suas opiniões. Estruturámos a análise qualitativa em cinco categorias (habilitações; atividade na escola; visão de inclusão; características da população atendida e adaptações necessárias), a partir das quais foi possível concluir que os docentes DT têm (de modo habitual como competência intrínseca e, não a tendo, reconhecem e procuram ter) a capacidade de ultimar e ultrapassar barreiras no ensino que consideram inclusivo.

Por razões de economia temática e cronológica, não tendo sido possível alongar este estudo, reconhecemos as suas limitações e auguramos, num futuro de investigação, novo aprofundamento.

**Palavras-chave:** Necessidades Educativas Especiais; Ensino Profissional; Inclusão; Docentes de Educação Profissional; Diretores de turma.

## **ABSTRACT**

In this study, we aimed to find out the opinion of class directors regarding the inclusion of students with special educational needs in professional schools. It was our objective to analyze how these professionals understand the process of including students with special educational needs in their professional education classes. We interviewed directors of classes in which there were students with this profile, trying to assess their views regarding the inclusion of these students in the school and in their classes. Five class directors were interviewed and their respective interviews were analysed, which allowed us to collect reliable information about their opinions. We structured the qualitative analysis into five categories (qualifications; activity at school; vision of inclusion; characteristics of the population served and necessary adaptations), from which it was possible to conclude that teachers have (usually as an intrinsic competence and not the having, recognize and seek to have) the ability to finalize and overcome barriers in teaching that they consider inclusive.

For reasons of thematic and chronological economy, as it was not possible to extend this study, we recognize its limitations and hope, in a future investigation, for further deepening.

Keywords: Special Educational Needs; Professional Education; Inclusion; Professional Education Teachers; Class directors.

## **SIGLAS**

CAA – centro de apoio à aprendizagem

CCP – certificado de competências pedagógicas

DID – dificuldade intelectual e desenvolvimental

DT – diretor de turma

EE – encarregado de educação

EMAEI – equipa multidisciplinar de apoio à educação e inclusão

EP – ensino profissional

EQAVET- European Quality Assurance Reference Framework for Vocational Education and Training, em português Quadro de Referência Europeu de Garantia da Qualidade para a Educação e Formação Profissional

ER – ensino regular

FCT – formação em contexto de trabalho

NEE – necessidades educativas especiais

OET – orientação educativa de turma

PAP – prova de aptidão profissional

PEI – plano educativo individual

PIT – plano individual de transição

RTP – relatório técnico pedagógico

THDA – transtorno hiperatividade e défice de atenção

TEA – transtorno do espectro do autismo

TIC – tecnologias da informação e comunicação

## ÍNDICE

RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
Siglas .....	8
ÍNDICE.....	9
1 Introdução .....	11
2 Enquadramento teórico .....	13
2.1 Necessidades Educativas Especiais.....	13
2.2 Fundamentos da Inclusão .....	15
2.2.1 Documentos norteadores e enquadramento legislativo da inclusão .....	17
2.2.2 Docentes de Educação Especial .....	23
2.2.3 Funções dos Diretores de Turma.....	25
2.3 Ensino Profissional.....	27
2.3.1 Docentes de Ensino Profissional .....	29
2.3.2 A inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional .....	30
3 Problemática e questão de partida.....	33
3.1 Objetivos.....	33
3.1.2 Geral.....	33
3.1.3 Específicos.....	33
3.2 Caraterização do Estudo .....	34
3.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados .....	35
3.3.1. Pesquisa Documental .....	35
3.3.2. Entrevista .....	36
3.3.3. Tratamento de Dados.....	38
3.4 Caraterização do contexto .....	39
3.4.1 Caraterização dos Sujeitos.....	40

3.4.2. Dados recolhidos por entrevista .....	41
3.4.3. Análise de dados da entrevista ao DT1 .....	42
3.4.4 Síntese geral das entrevistas .....	44
3.5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....	46
4 REFLEXÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOWEBGRÁFICAS .....	59
CRONOGRAMA .....	64
APÊNDICE 1: TERMO CONSENTIMENTO INFORMADO .....	65
APÊNDICE 2: GUIÃO DE ENTREVISTA AOS DT DE ALUNOS COM NEE NO ENSINO PROFISSIONAL .....	71
APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	76
Transcrição da entrevista ao DT1.....	91
Análise de dados da entrevista ao DT2 .....	105
Transcrição da entrevista ao DT2.....	126
Análise de dados da entrevista ao DT3 .....	139
Transcrição da entrevista ao DT3.....	153
Análise de dados da entrevista ao DT4 .....	166
Transcrição da entrevista ao DT4.....	179
Análise de dados da entrevista ao DT5 .....	191
Transcrição da entrevista ao DT5.....	199

## **1 Introdução**

O presente trabalho sobre inclusão e NEE, intitulado “A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais”, foi realizado no Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, no âmbito da Unidade Curricular Seminário de Apoio à elaboração da Dissertação/ Trabalho de Projeto, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

A escolha deste tema aconteceu durante a prática profissional enquanto docente de Educação Especial a nível secundário e profissional e focou-se nas visões dos Diretores de Turma (DT) do Ensino Profissional (EP) sobre a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Foi objetivo deste trabalho analisar de que modo compreendem os diretores de turma de uma escola de ensino profissional o processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas suas turmas: tratou-se de uma problemática que nos foi próxima durante os últimos meses, coincidentes com a realização desta pesquisa.

Pretendemos averiguar se o trabalho do docente DT pode ser feito, ou não, de modo isolado, ocasionalmente e de modo individual com a turma/aluno que o requer ou se, porém, é um programa que implique toda a turma, toda a escola e toda a colaboração docente, manifestando-se como crucial para elevar os resultados de todos.

Promover a inclusão é igualmente promover a cidadania, fomentar as bases para uma vida adulta solidária e criar pontes entre profissionais futuros, em qualquer área onde trabalhem. Igualmente procurámos compreender se, através do exemplo da colaboração dos DT, nas suas aulas, na escola, nas suas orientações de turma, os seus alunos estarão a construir uma base sustentada para estas atitudes (futuras nas suas vidas pessoais e profissionais), assim como, ao mesmo tempo, esperamos que desfaçam obstáculos pessoais (psicológicos, sociais ou outros).

Pensar sobre esta temática afigurou-se-nos de extrema importância para a promoção da inclusão no seio das turmas e nos seus alunos, através do papel desempenhado pelo Diretor de Turma. Questionar Diretores de Turma de alunos com NEE aparenta ser uma sólida base para aferir lacunas e esperanças face à inclusão na escola onde trabalhamos.

Este trabalho estruturou-se em quatro pontos principais. Após a introdução (primeiro ponto) seguiu-se o enquadramento teórico: neste segundo momento, dedicado à revisão da literatura, baseámo-nos em ensaios, livros e artigos sobre a temática a fim de evidenciar os conceitos que subjazem a NEE, Fundamentos da Inclusão e Ensino Profissional. O terceiro ponto inicia com a apresentação da problemática essencial e da questão de partida: os objetivos, a caracterização do estudo, as técnicas e instrumentos de recolha, a pesquisa documental e a caracterização do contexto são os subpontos deste tema. Nele se expõem as razões de um trabalho desta natureza e se aprofundam os objetivos, quer gerais, quer específicos, assim como se aplica a metodologia usada, de natureza qualitativa, nas entrevistas. Por razões de economia, e dado que as cinco entrevistas realizadas seguem extensamente a mesma tabela e síntese, apresentámos integralmente apenas uma delas no corpo desta Dissertação, tendo sido transferidas ao apêndice as quatro restantes, sempre seguindo a mesma estrutura. A síntese geral destas entrevistas antecede a discussão de resultados, temática que encerra finalmente este ponto argumentativo. Posteriormente, num quarto momento, apresentámos as últimas reflexões, sucedendo-se-lhe as referências bibliowebgráficas e os (ditos) apêndices.

A análise e interpretação dos dados visou responder à questão de partida: como é que os diretores de turma de alunos com NEE de uma escola de ensino profissional percecionam o processo de inclusão de alunos com NEE?

No capítulo seguinte foram apresentados os dados teóricos que fundamentaram este estudo.

## **2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

No âmbito da problemática que pretendemos estudar considerámos importante abordar previamente cinco conceitos fundamentais: Necessidades Educativas Especiais; Educação Profissional; Inclusão; Docentes de Educação Profissional e Diretores de Turma.

### **2.1 Necessidades Educativas Especiais**

O conceito de Necessidades Educativas Especiais surge, pela primeira vez, em 1978 com o relatório “Warnock”. A sua denominação deve-se ao reconhecimento de Helen Mary Warnock que investigou e analisou diferentes crianças, concluindo que para haver dificuldades não é intrínseca a deficiência, uma vez que todas as crianças podem apresentar dificuldades de aprendizagens. Segundo este documento: “O conceito de Necessidades Educativas Especiais, engloba não só alunos com deficiências, mas todos aqueles que, ao longo do seu percurso escolar possam apresentar dificuldades específicas de aprendizagem” (Warnock, 1978, p.36).

O Relatório Warnock também salienta a importância de analisar a situação dos jovens com NEE que terminam a escolaridade obrigatória. É possível que estes jovens terminem os seus estudos sem desenvolver capacidades necessárias à sua autonomia e integração social. Desta forma, o relatório propõe que estes alunos consigam prosseguir no meio escolar e, simultaneamente, frequentar programas de transição para a vida pós-escolar, fazendo uma mudança mais positiva e eficaz, possibilitando a aquisição de aprendizagens e preparando os jovens para a vida ativa. O Relatório Warnock refere a importância do processo individual do aluno. Este processo contém todos os dados do aluno e acompanha o seu percurso escolar. Aquilo que denominamos, ainda hoje, de ficha de aluno ou relatório e o acompanha desde o início da sua vida escolar até ao fim da escolaridade obrigatória. Considera-se importante no mesmo documento a participação dos pais, encarregados de educação e /ou tutores em todos os momentos de

avaliação e necessidade de decidir relativamente a qualquer assunto que diga respeito aos seus educandos, bem como poder ser aceder a toda a documentação e informação.

As NEE passam a abranger tanto as crianças com dificuldades de aprendizagem, como as chamadas sobredotadas, bem como as crianças em situações de risco ou desprotegidas, sem teto, sem apoio, crianças que trabalham e que, ao invés de ir à escola trabalham, de populações isoladas ou nómadas, relativas a minorias étnicas ou culturais, bem como as que exibem questões de comportamento ou de ordem emocional.

Assim, consideram-se Necessidades Educativas Especiais (NEE), determinadas condições específicas, permanentes ou temporárias, que podem necessitar de um conjunto de recursos educativos próprios, durante todo ou parte do seu percurso escolar, auxiliando o seu desenvolvimento académico, pessoal e emocional.

Atualmente, quando nos referimos a NEE temos o cuidado de refletir sobre as diferentes necessidades associadas a cada aluno e ao género de ajuda necessária e pedagógica essencial, promotora do acesso aos objetivos gerais da educação. Assim sendo, advém a necessidade de atuação a adaptações ao currículo, mais ou menos significativas, consoante as necessidades de cada um, para que todos tenham acesso e sucesso educativo.

A Declaração de Salamanca (1994) realça também a necessidade e a obrigatoriedade das escolas aceitarem e satisfazerem as diferentes carências dos seus alunos, adequando estratégias, as medidas, os currículos, bem como os seus recursos sejam eles materiais ou humanos aos diversos alunos, suas patologias, seus ritmos, precisões e ritmos de aprendizagem num esforço de garantir sucesso a nível de educação para todos os que a frequentam.

Na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), o conceito de NEE é aceite e reformulado, passando a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades compreendam problemas ou dificuldades de aprendizagem.

Para alcançar este objetivo e garantir a grande variedade de respostas em função das necessidades educativas dos alunos, a escola terá que desenvolver uma vasta oferta de adequações e realizações curriculares, prevenindo, assim, a atitude da diferença

como um desafio a que urge responder promovendo a inclusão na escola, bem como facultar respostas coerentes, numa linha orientadora inclusiva e de inserção social.

## **2.2 Fundamentos da Inclusão**

A Inclusão Educativa é uma necessidade social cada vez mais evidente no nosso complexo mundo contemporâneo. O avanço do conhecimento científico nesta área, a consciência política sobre o tema e, sobretudo, a delicadeza contextual das famílias e escolas com alunos NEE, reforçam essa importância e essa necessidade.

Fundamentando a Inclusão Educativa encontramos uma dupla vertente: a legislativa (que, de modo formal e estrutural, habilitam os decisores de modo jurídico) e a argumentativa (da parte de teóricos e cientistas que a aprofundam e plasmam, dinamicamente, às várias realidades sociais).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e a Declaração dos Direitos da Criança (1959), já mencionam pessoas com deficiência. Esta preocupação e direito já tem décadas. Os pontos 22 e 25 da Declaração dos Direitos Humanos defendem os direitos económicos, sociais e culturais da pessoa com deficiência, bem como a proteção da segurança social, a assistência médica e os serviços sociais necessários, para o indivíduo bem como a sua família. A pessoa com necessidades específicas tem direito a todos os cuidados necessários graças à sua condição.

Também a Declaração de Salamanca (1994), tem como objetivo atingir a Educação para Todos, tornando viável uma escola inclusiva, um programa que tem por base o princípio de inclusão, e, desta forma as escolas regulares aceitam as diferenças e olham às necessidades de cada um de modo a promover uma melhor integração na sociedade e a garantir melhores oportunidades de aprendizagem (UNESCO, 1994), combatendo, deste modo, a discriminação, (Rodrigues, 2019).

Nas comemorações dos 25 anos da Declaração de Salamanca, a UNESCO realizou, em setembro de 2019, o “Fórum Internacional sobre Inclusão e Equidade na Educação”, Colômbia, com o propósito de debater e aprofundar as reflexões sobre a

importância da educação inclusiva, capaz de responder às necessidades de cada um, pois garantir a igualdade de oportunidades para todos na educação continua a ser um desafio.

Neste Fórum concluiu-se e destacou-se a necessidade de elaboração de sistemas de educação mais inclusivos através de políticas educativas e formação de professores bem como partilha de experiências e práticas para uma educação inclusiva, onde todos contam e da importância da educação na luta contra o preconceito e discriminação.

De acordo com Silva, “a inclusão é uma questão de direitos: à educação, ao trabalho, ao lazer, isto é, à participação na sociedade a todos os níveis, que se entrecruzam com valores, ética e deontologia” (2019, p. 18). Por isso:

Inclusão, antes de tudo, significa um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Inclusão é, antes de tudo, uma questão de direitos e valores, é a condição da educação democrática (Leitão, 2010, pág. 1).

A inclusão é “aceitar” e respeitar o outro, seja através da adaptação de currículos, da criação de projetos específicos adaptados, da adoção de medidas que auxiliem estes alunos, de acordo com o seu potencial (Silva, 2019). É, assim, um desafio que exige mudanças ao nível da postura face à prática pedagógica dos professores, bem como da gestão e organização da escola, docentes, funcionários, colegas e grupo turma.

A inclusão não pode, nem deve, ser entendida, apenas e só, como a partilha de um espaço físico comum. Deve ser um lugar onde todos os alunos aprendem e interagem com todos, pois todos somos especiais e a nossa diversidade e diferença são uma mais-valia enriquecedora. Assim sendo, falamos de diferenciação pedagógica inclusiva, na qual o trabalho recai sobre as capacidades do aluno, contrariamente ao que acontecia quando havia apenas integração, que recaía sobre a dificuldade do aluno e apenas integrava. Ora, um aluno apenas matriculado/integrado, não é um aluno incluído e participativo, como se deseja.

A cooperação entre profissionais, entre alunos e entre escola-família são parte importante de todo este processo (Leitão, 2010). O currículo resulta da participação de todos e, ao ser pedida a sua participação, faz com que o empenho e investimento seja maior, falando assim em inclusão educativa.

A inclusão implica definir estratégias em contexto escola, sala de aula, de forma que todos beneficiem desta partilha, deste espaço, desta relação, sabendo construí-la na aceitação, respeito, entreaajuda, ressaltando que o professor tem, aqui, um papel fundamental.

Para que a inclusão aconteça, a educação inclusiva tem de ser colocada em prática pelos sistemas educativos. Leitão refere:

Falar de inclusão não é estruturar um sistema de educação especial, mesmo que de qualidade, criar recursos e medidas adicionais nas escolas que respondam às necessidades específicas dos alunos elegíveis para esse sistema, medidas quase sempre isoladas, segmentares e localizadas, exteriores à dinâmica escolar, à sala de aula, ou seja, no contexto de uma escola que, nas suas linhas gerais se mantém, ela própria, mais ou menos inalterada. A Inclusão, antes de tudo, significa um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Inclusão é, antes de tudo, uma questão de direitos e valores, é a condição da educação democrática (2010, p. 1).

Uma escola inclusiva abrange todos os alunos, valoriza a diferença e diversidade, respeita o indivíduo, é uma escola onde todos participam e capaz de adequar um currículo inclusivo, onde cada aluno aprende de acordo com as suas capacidades e ritmos, mas aprende!

### **2.2.1 Documentos norteadores e enquadramento legislativo da inclusão**

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), em 1948 e em 1959 e a Declaração dos Direitos da Criança (DDC), já referenciam pessoas com deficiência. Conscientes da necessidade de atender aos mais necessitados surge, em 1994, a Declaração de Salamanca (DS), promotora de inclusão, a nível internacional e nacional, onde vinte e cinco organizações não governamentais (ONG) e mais de noventa países se obrigaram a colocar em prática o princípio fundamental de escola inclusiva. Como nos diz Rodrigues, (2019), a DS é o culminar de diversos ideais defendidos, por exemplo, na Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, na qual se afirma o direito à educação para todos.

Já anteriormente em Jomtien, Tailândia, 1990, tinha sido organizada uma conferência Mundial sobre Educação. Aqui foram estabelecidos objetivos a alcançar até 2000, relativos à educação. Foram decididas medidas que, a par da escola para todos e acessível a todos, estipulassem a garantia de igualdade de oportunidades no acesso à educação e formação a pessoas com Necessidades Específicas ou deficiências. iniciando-se, assim, o desafio para abrir a educação escolar à diversidade com conteúdos, métodos e modalidades de Educação e aprendizagem diferentes de modo a garantir o sucesso educativo de todos os alunos (Unesco, 1990).

Depois de Jomtien, a Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), ressalva que:

(...) cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem; cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias; os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades; as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades; as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo (Unesco, 1994, n.º 2).

A Declaração de Salamanca apela, assim, aos governos que através de medidas políticas e orçamentais desenvolvam os seus sistemas educativos para que seja possível a inclusão de todas as crianças, adotando o modelo de educação inclusiva. A nível internacional apela aos governos e agências, em particular à ONU, UNESCO, UNICEF PNUD e Banco Mundial que apoiem, reforcem e apoiem a cooperação, colaboração e participação na construção de uma educação inclusiva.

Esta declaração tem como objetivo atingir a Educação para Todos, um programa que tem por base o princípio de Inclusão, a partir do qual escolas regulares anuem as diferenças e encarem as necessidades de cada um de modo a promover uma melhor integração na sociedade e a garantir melhores oportunidades de aprendizagem (UNESCO, 1994), combatendo, deste modo, a discriminação (Rodrigues, 2019).

Na DS afirma-se que a educação de crianças e jovens com NEE não pode progredir de forma isolada e deverá ser englobada no quadro do sistema regular de educação. Esta obrigará a grandes reformas escolares e serão necessárias ajudas da comunidade internacional e igualmente preciso, a nível local, encorajar a participação dos pais, comunidades e organizações de pessoas com deficiência no planeamento e na tomada de

decisão sobre os serviços na área das NEE. Começou-se nesta altura a falar da necessidade de Intervenção Precoce e da formação de professores (UNESCO, 1994). “Acreditamos e proclamamos que: (i) cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem; (ii) cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias; (iii) os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades; (iv) as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades; (v) as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva, constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa ótima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo” (UNESCO, 1994, p. viii-ix).

Em 2000, os propósitos da Declaração de Salamanca seriam reforçados no Fórum Mundial da Educação de Dakar. No nosso país, em 2008, foi reforçada com o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, onde se apresenta, pela primeira vez, de forma manifesta, a palavra “inclusão”, no normativo jurídico português. A publicação do Despacho 105/97, de 1 de julho, indicava, pela primeira vez, uma filosofia de escola inclusiva (Silva, 2009).

A Declaração de Incheon (DI) foi assinada em maio de 2015 durante o Fórum Mundial de Educação que teve lugar na Coreia do Sul. Estiveram presentes mais de 1.600 participantes de 160 países, incluindo mais de 120 ministros, líderes e membros de delegações, chefes de agências mundiais e funcionários de organizações, bem como representantes da sociedade civil, da área docente, do movimento jovem e do sector privado.

A sociedade civil participou ativamente na Declaração de Incheon, dando um contributo muito relevante no que respeita à educação. Trata-se de um documento que determina referências, princípios e desafios que são traduzidos num objetivo maior e cujo texto serve de base para a definição das metas internacionais de educação para o período 2016-2030. Defende que a educação é o principal impulsionador para o desenvolvimento e para que o mundo alcance os demais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) organizados pela ONU – Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável – onde os Estados Membros se comprometeram com 17 objetivos, destacando-se entre eles o seguinte: “

assegurar uma educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” e suas metas correspondentes (ODS 4). Assume o

compromisso com a defesa de uma educação de qualidade, para a melhoria dos resultados de aprendizagem e pretende transformar vidas através de uma nova visão de educação (UNESCO, 2015).

Na Declaração de Incheon (2015) constam essencialmente 6 pontos chave: (1) Para o acesso à educação ficou deliberado que são necessários, no mínimo, 12 anos de educação primária e secundária gratuita, equitativa, de qualidade com financiamento público por 12 anos, dos quais, pelo menos nove devem ser obrigatórios. Também encorajam o fornecimento de pelo menos um ano de educação pré-escolar de qualidade, gratuita e obrigatória; (2) Promoveram-se valores de inclusão e equidade na/atraves da educação; (3) Reconheceram a importância da igualdade de género para alcançar o direito à educação para todos; (4) Comprometeram-se com uma educação de qualidade e obtenção de melhores resultados a nível de aprendizagem, garantindo ainda recursos para Professores e Educadores de forma a serem apoiados e terem a qualificação profissional necessária para puderem cumprir de forma eficaz os novos objetivos; (5) Foi declarado que as oportunidades de aprendizagem devem acontecer e estar disponíveis ao longo da vida para todos, em todos os contextos, idades, sexos e em todos os níveis de educação; e (6) Comprometeram-se a desenvolver sistemas de aprendizagem mais inclusivos onde a aprendizagem deve ser adquirida em ambientes saudáveis, acolhedores e seguros, livres de violência.

A implementação destas medidas cabe aos governos, mas depende da colaboração, cooperação, coordenação e acompanhamentos adequados, tanto a um nível global quanto comunitário. Exige políticas e planeamento sólidos, investimentos com a despesa pública em educação, bem como acordos de implementação eficientes (UNESCO, 2015).

Em Portugal a grande mudança legislativa a nível da educação especial dá-se com a publicação do Decreto-Lei n.º 319/91, de 23 de agosto, relativa ao regime educativo dos alunos com NEE e que responsabiliza a escola pela educação de todos e pela capacidade de criar respostas para os alunos com NEE, produzindo uma melhor articulação entre os intervenientes no processo educativo bem como a possibilidade de estabelecer protocolos com outras entidades. Em 2008 é publicado o Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, que assenta na Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) da Organização Mundial de Saúde, distinguindo os alunos com Necessidades

Educativas Especiais de Caráter Permanente e cria o Plano Individual de Transição (PIT) permitindo a integração destes alunos no final do seu percurso escolar. Uma década depois, em 2018, Portugal promulga dois Decretos-Leis muito significativos para a Educação Inclusiva: o Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho – Institui o regime jurídico da educação inclusiva e o Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho - Institui o currículo dos Ensinos básico, secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens.

O Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho faz a articulação entre aprendizagens essenciais, a autonomia e flexibilidade curricular bem como o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória. Começa por identificar, sinalizar e referenciar para, se necessário, aplicar medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão e, por último, utilizar recursos específicos de apoio à aprendizagem e à inclusão. Estabelece as funções do docente de educação especial, da equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva, do centro de apoio à aprendizagem bem como de outros intervenientes, tais como os pais, encarregados de educação, docentes, diretores de turma, diretores de escola. Também avalia aprendizagens, progressão e certificação dos alunos.

Com este Decreto-Lei pretende-se gerar as condições necessárias para que as escolas sejam espaços de inclusão e que proporcionem oportunidades de aprendizagem bem como soluções para o sucesso escolar até ao fim da escolaridade obrigatória, independentemente do tipo Educação no qual estejam inscritos ou frequentem.

O Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho identifica um novo currículo, os princípios orientadores da sua conceção, a sua operacionalização, a avaliação das aprendizagens e institui regras que dão mais liberdade às escolas para tomadas de decisões que ajudem os alunos a alcançar as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Se antes do Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, as medidas de apoio existentes eram apenas dirigidas a alunos com necessidades educativas especiais, depois do mesmo e, uma vez que o sistema educativo se baseia na diferenciação pedagógica, passa a ser dirigido a todos os alunos, independentemente da existência de um diagnóstico de

uma perturbação de aprendizagem específica e/ou de outra de carácter permanente ou temporário. uma vez que qualquer aluno, em qualquer momento do seu percurso académico, pode necessitar de medidas de suporte à aprendizagem para garantir equidade e igualdade de oportunidades de acesso ao currículo, de frequência e de progressão no sistema educativo.

A primeira alteração, por apreciação parlamentar, ao Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho, que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva data de 13 de setembro, lei n.º 116/2019. No art.º 2.º do DL 54/2018, de 6 de julho referenciam-se as adaptações curriculares não significativas, mas na nova alteração (2019) o texto é simplificado.

No art.º 3 altera-se o termo “singularidades” para “especificidades”. O art.º 4 relativo aos pais/EE é-lhes atribuída mais direitos, passando a ser elemento variável na EMAEI, podendo participar na elaboração do RTP, PEI e PIT, bem como solicitar a sua revisão.

No art.º 5 a avaliação da eficácia de medidas passa a ser realizado pela EMAEI.

O art.º 7 possibilita a implementação de outras medidas, a par das previstas na lei.

O art.º 8, relativo às medidas universais introduz o apoio tutorial e redefine o papel do professor de educação especial enquanto dinamizador, articulador e especialista.

O art.º 9 reforça a EMAEI na eficácia das medidas seletivas e reforça a presença, a par do professor titular de turma, do professor de educação especial.

Relativamente ao art.º 10, medidas adicionais, dá maior ênfase ao ministério da educação no que concerne à mobilização de recursos.

O art.º 11 reforça a necessidade de formação específica e gratuita de apoio à aprendizagem e inclusão. O seguinte artigo reforça a necessidade de introduzir elementos variáveis na EMAEI, como o coordenador ou os assistentes operacionais, reforçando, igualmente a importância dos pais e /ou EE.

O Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA), art.º 13, altera “espaço” para espaços (todos são de aprendizagem e todos são intervenientes) bem como possibilita a elaboração de um regime própria da instituição.

No art.º 21 a nova lei esclarece que o RTP acompanha o aluno, na eventualidade de mudar de escola. A lei 119/2019 de 13 de setembro acrescenta à lei anterior a possibilidade ou prosseguimento de estudos além da escolaridade obrigatória. No que concerne à matrícula a nova alteração na lei dá prioridade na sua renovação a alunos apoiados no CAA.

Por último, na nova lei introduz, no ensino secundário, novas adaptações relativas ao processo de avaliação externa, reportadas ao Júri Nacional De Exames (JNE).

As alterações introduzidas pela Lei nº 116/2019 de 13 de setembro introduz o paradigma da educação inclusiva, alterando a “integração” para “inclusão”, deixando de se reportar unicamente a alunos com condições de deficiência, para incluir todos os alunos que eventualmente vivenciem dificuldades em acompanhar os colegas nas atividades curriculares e/ou escolares, e os professores titulares de turma, os educadores de infância, o diretor de turma são os responsáveis pela coordenação da implementação das medidas previstas no relatório técnico-pedagógico elaborado com a participação do professor de educação especial.

### **2.2.2 Docentes de Educação Especial**

O docente de Educação Especial (cuja intervenção abrange dificuldades ou incapacidades de grau ligeiro a grave de carácter transitório a permanente) pode atuar em centros de desenvolvimento, em escolas de Educação regular, em creches, no apoio domiciliário, em hospitais ou outras instituições.

Igualmente, a crescente preocupação das sociedades na elaboração de políticas sociais e educativas de combate à exclusão e à marginalização e de promoção da integração social e profissional de todos os indivíduos, leva cada vez mais a uma procura destes profissionais enquanto mediadores e facilitadores do processo de Educação aprendizagem e de preparação do indivíduo para a inserção na vida ativa (Salvador, 2014).

A necessidade deste docente e do seu trabalho específico mereceria, dos restantes docentes, colaboração imediata e atenta, resultante da relevância do seu papel no seio das turmas e na facilitação da aprendizagem.

Os dois Decretos-Leis suprarreferidos ( Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho e o Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho), ao instituir a obrigatoriedade e o currículo dos vários graus de Educação, identifica, sinaliza e referencia medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, utilizando recursos específicos de apoio à aprendizagem e à inclusão, estabelece as funções do docente de educação especial, da equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva, do centro de apoio à aprendizagem bem como de outros intervenientes, tais como os pais, encarregados de educação, docentes, diretores de turma, diretores de escola.

Quando referimos o professor de Educação Especial, consideramos o profissional com formação especializada e que tem como objetivo essencial o desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais das crianças e jovens, o alcance da sua estabilidade emocional, o desenvolvimento das suas possibilidades de comunicação, a redução das limitações provocadas pela deficiência, o apoio na sua inserção familiar, escolar e social, o desenvolvimento da sua autonomia e a preparação de uma formação profissional adequada e conseqüente transição para a vida ativa (Madureira, 2014).

A sua intervenção direta com os alunos, através da criação e implementação de estratégias e métodos educativos diversificados, por forma a promover o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças e jovens, assim como o apoio educativo à instituição escolar no seu conjunto, isto é, ao professor, ao aluno e à sua família, são tarefas confiadas a este profissional. Igualmente se espera de sua parte a colaboração na organização e gestão dos recursos e medidas diferenciadas, nomeadamente no que concerne à flexibilidade dos currículos e a sua adequação às capacidades e aos interesses dos alunos, ou à elaboração de planos e programas educativos, adequados às necessidades individuais e específicas de cada criança, colocando deste modo em prática as medidas previstas na lei.

O docente de Educação Especial pode atuar em centros de desenvolvimento, em escolas de Educação regular, em creches, no apoio domiciliário, em hospitais ou em outras instituições.

### **2.2.3 Funções dos Diretores de Turma**

O Diretor de Turma (DT) é, em particular, um exemplo para os seus alunos. A par das atribuições estabelecidas pela lei, cumpre ao DT promover uma relação ativa, empreendedora e dinâmica com os seus alunos e restante corpo docente e, de igual modo, fazer a ligação entre estes e restante corpo docente da turma que orienta, bem como fortalecer e estreitar laços entre escola e família /Encarregados de Educação.

O D.L n.º 115-A/98, de 4 de maio, determina as funções de autonomia, administração e gestão escolar relativas ao DT, devendo “integrar estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para o contexto da sala de atividades ou da turma destinadas a promover a melhoria das condições de aprendizagem e a articulação escola-família” (art.º 36.º, 1.º).

Desta forma, é uma posição que implica deter aptidões de comunicação, empatia, relacionamento interpessoal, coordenação e gestão, entre outras. Ser diretor de turma é um cargo muito relevante no acompanhamento dos alunos e turma ao longo do seu percurso escolar e, igualmente, na criação de laços estreitos de colaboração entre escola e família.

Tendo como base as contexturas de organização referenciadas no Decreto-Lei n.º 115-A/99 de 4 de maio, compareceu o Decreto Regulamentar n.º 10/99 de 21 de julho, no qual estão definidas as funções do DT. Neste Decreto, entre outras competências, referem-se: "a articulação entre todos os professores da turma e alunos, pais e encarregados de educação"; a promoção de "comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos"; a já referida "coordenação, em colaboração com os docentes da turma, [da] adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e à especificidade de cada aluno"; a articulação das "atividades da turma com os pais e encarregados de educação

promovendo a sua participação"; e a coordenação do "processo de avaliação dos alunos" (art.º 7º, n.º 2).

O DT ocupa vastas funções de responsabilidade que se dirigem a áreas de gestão, coordenação e relação acarretando, em simultâneo, a determinação de relações interpessoais entre pares, colegas, escola e família.

O DT trabalha com o grupo turma e com cada aluno em particular dadas as suas especificidades e diferenças, uma vez que cada aluno é diferente dos seus pares, estabelecendo relações de proximidade entre os todos os intervenientes do processo educativo, sejam alunos, pais, professores e escola.

O DT acompanha pessoalmente cada aluno, porém trabalha com todos os alunos inseridos na turma. O DT comunica e colabora com cada EE no acompanhamento do seu educando, embora necessite acompanhar, igualmente, o grupo de pais /EE.

O DT, a par das informações e acompanhamento individual e coletivo ajusta e articula estratégias e adaptações dos seus alunos nas várias disciplinas que o justifiquem, com os colegas que acompanham a turma e, de igual modo, individualmente e no todo como, por exemplo, nos Conselhos de Turma.

Tarefa não menos importante é a da articulação, concordância, comunicação e criar uma boa relação entre alunos e professores, encarregados de educação e professores, alunos e seus pares, entre os seus colegas professores, bem como, por vezes, alunos EE.

O DT professor deve ser promotor de uma relação ativa, empreendedora e dinâmica com os seus alunos e, de igual modo, fazer a ligação entre alunos e restante corpo docente da turma que orienta, apresentando-se como um orientador cuja finalidade é facultar ao aluno uma aprendizagem que o acompanhe ao longo da vida enquanto elemento agregador de capacidades e aptidões, atitudes, valores, interesses, seja como pessoa seja como cidadão, inculcando os valores de cidadania, humanidade, solidariedade e interesse pelo bem-estar do seu próximo, da comunidade no seu todo, proporcionando momentos de partilha e entrega em projetos individuais ou em grupo, na escola e /ou na comunidade onde se insere.

## 2.3 Ensino Profissional

O Ensino Técnico impõe-se no século XIX quando, em resultado da revolução industrial, se nota uma preocupação acentuada com a Educação. Em Portugal, o século XIX foi marcado pela crescente responsabilidade do Estado na educação pública. Foram criados, um em Lisboa e outro no Porto, os primeiros conservatórios de artes e ofícios. O ensino industrial e comercial foi-se alargando e sofrendo sucessivas reformas. Durante o Estado Novo, foi reformulada a organização destas escolas e surge a primeira reforma que perdurará até aos anos setenta. O ensino técnico passou a ser um ensino paralelo ao ensino liceal, mas não proporcionava acesso ao ensino superior. As denominadas escolas comerciais e industriais ofereciam vários cursos, mas os mais procurados eram os de formação feminina, comércio, metalomecânica e eletricidade. Na reforma educativa da década de setenta as duas vias do secundário foram aproximadas pela criação de cursos gerais do ensino técnico (equivalentes ao 5.º ano do liceu), que davam acesso a outros cursos complementares da área profissional, tendo uma duração de dois anos e já permitindo o acesso ao ensino superior. Mas a tentativa de aproximar os dois tipos de ensino levou ao quase desaparecimento ou perda dos cursos técnicos. Esta situação viria a originar um conjunto de iniciativas para recuperação do ensino secundário técnico, bem como novas experiências e modelos educativo-formativos. Tal como concebido em Portugal, o sistema de aprendizagem inclui uma tripla componente de formação: escolar, profissional e em empresa, visando, para além da qualificação profissional, uma certificação escolar. Portugal entra na comunidade europeia e, tendo isso em consideração, o Instituto de Emprego e Formação Profissional é institucionalizado.

Em 1985, foi igualmente promulgada a lei da formação em cooperação (DL 165/85, de 16 de maio), que criou a possibilidade de financiamento de ações de formação desenvolvidas por «protocolo» em parceria com entidades externas. Crescem os centros de formação, mais ativos e dinâmicos e com uma oferta formativa mais alargada. Com a entrada na comunidade europeia e acesso aos fundos sociais europeus aumentam exponencialmente as formações, a nível empresarial e particular. Até então, apenas algumas grandes empresas da região de Lisboa (metalúrgicas, metalomecânicas,

construção naval, transportes e multinacionais) realizavam formação inicial ou contínua. As consequências foram benéficas, uma vez que o desemprego juvenil diminuiu, as associações empresariais, até então muito “isoladas”, passaram a desenvolver iniciativas subsidiadas em regiões que até aí se mantinham à margem desta atividade.

Em 1988, o Ministério da Educação criou o Gabinete para o Ensino Tecnológico Artístico e Profissional, GETAP, que foi o impulsionador do ensino profissional em Portugal. Esta modalidade de ensino que pretendia responder a preocupações diversas: a criação de emprego a nível regional; a diversidade de oferta no fim da escolaridade obrigatória; uma alternativa ao ensino dito “convencional”; a utilização dos fundos da comunidade europeia. O enquadramento legal das escolas profissionais foi posteriormente revisto em 1993 e em 1998. Inicia-se a transição dos cursos técnico-profissionais para os tecnológicos, na década de noventa, e generalizou-se a sua implementação nos anos que se seguiram. Os novos cursos têm a duração de 3 anos, sendo constituídos por componente de formação geral, componente específica e componente técnica. Tal como os cursos das escolas profissionais, conferem diploma do ensino secundário, uma qualificação profissional e facultam acesso ao ensino superior. A formação profissional foi legalmente enquadrada pela lei de bases do sistema educativo (LBSE) e pelos DL 401/91, de 16 de outubro, e 405/91, de 16 de outubro. Estes decretos distinguem-se pela tutela, uma vez que a formação profissional se baseia no sistema educativo, Ministério da Educação, mas também no mercado de trabalho, Ministério do trabalho e da Solidariedade, respetivamente.

Embora, nestas últimas décadas, a imagem do ensino profissional tenha vindo a ser construída e desconstruída sucessivamente, não impede que o mesmo tenha acabado por se consolidar na compleição do sistema educativo, servindo cada reforma, apesar dos seus traços distintos, para o tornar cada vez mais sustentado e morfológicamente mais presente na sua estrutura. Ou seja, existe uma descontinuidade que, analisada temporalmente, constrói uma continuidade, em função de múltiplos contextos que, por vezes, partilham de aspetos comuns como, por exemplo, a relação cada vez mais recorrente entre educação, economia e sociedade, que legitima e consolida cada ação reformista na esfera educativa. Daí a escolha de um limiar temporal que abarca cerca de cinquenta anos de políticas educativas, para melhor perceber a consolidação do ensino profissionalmente qualificante no sistema de educação e formação de nível secundário em Portugal (Cerqueira & Martins, 2011, p. 12).

O ensino profissional é ministrado em escolas públicas, privadas ou cooperativas de educação. Tem, tal como no ensino regular, currículo próprio ajustado à população-alvo e ofertas formativas. A formação profissional tem uma duração de três anos e

confere dupla habilitação, uma vez que além do certificado de habilitações de ensino secundário, também concede um certificado profissional de qualificação de nível 4 da União Europeia.

O plano de estudos do ensino profissional engloba três áreas: a sociocultural; a científica e a área tecnológica. Os seus programas organizam-se por módulos, diferenciados de acordo com a formação profissional correspondente. A sua componente sociocultural é comum a outras áreas de educação, comumente denominadas de educação regular, e as componentes científicas e técnicas são específicas de cada área profissionalizante.

A grande diferença entre o ensino regular e o ensino profissional é que este é um ensino mais prático e ativo, marcado por uma acentuada componente prática no decorrer do seu percurso e direcionada para o mercado de trabalho. Os alunos frequentam estágios, uma vez que este ensino é baseado no modelo de Formação em Contexto de Trabalho, (FCT), que é, basicamente, um estágio numa instituição ou empresa. De todo o modo também permite a continuação do seu percurso académico para continuação da sua formação.

O ensino profissional está assente em parcerias e protocolos com vários organismos, com empresas e instituições nas quais os alunos vivenciam a praticidade do seu curso, facultando aos alunos uma perspetiva única do mercado de trabalho e da profissão que desejam exercer no futuro. São cursos com elevadas taxas de sucesso escolar e altas taxas de empregabilidade, uma vez que o aluno à saída do curso está mais preparado para integrar o mercado de trabalho na sua área de formação.

À saída do curso estes alunos já possuem experiências, vivências, relações pessoais e laborais, já vivenciaram o ambiente e regras de uma empresa e /ou instituição.

### **2.3.1 Docentes de Ensino Profissional**

Quando, em 1988, o Ministério da Educação criou o Gabinete para o Ensino Tecnológico Artístico e Profissional, GETAP, a formação profissional foi legalmente

enquadrada pela LBSE e pelos DL 401/91 e 405/91, ambos de 16 de outubro, admitindo-se pela primeira vez os Docentes de Educação Profissional com as mesmas regalias, deveres e direitos dos restantes professores a nível nacional.

Como focado anteriormente, estes decretos distinguem-se pela tutela, dado que a formação profissional se baseia no sistema educativo, mas também no mercado de trabalho. Sendo ministrado em escolas públicas, privadas ou cooperativas de educação, o ensino profissional e os seus docentes preparam-se para três áreas: a sociocultural, a científica e a área tecnológica. Tal como já notado, os seus programas organizam-se por módulos, diferenciados de acordo com a formação profissional correspondente, e a sua componente sociocultural é comum a outras áreas de educação, comumente denominadas de educação regular, sendo as componentes científicas e técnicas específicas de cada área profissionalizante.

Em última instância, os seus docentes são os mesmos do dito educação regular, profissionalizados e habilitados para a docência. Pode haver nalgumas formações específicas formadores (e não professores) mas têm o Certificado de Competências Pedagógicas (CCP).

### **2.3.2 A inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional**

Como referido anteriormente, inclusão é “aceitar” e respeitar o outro, seja através da adaptação de currículos, da criação de projetos específicos adaptados, da adoção de medidas que auxiliem estes alunos, de acordo com o seu potencial (Silva, 2019). Inclusão implica desafios e mudanças ao nível da postura face à prática pedagógica dos professores, bem como da gestão e organização da escola, docentes, funcionários, colegas e grupo turma. Esta inclusão também está patente na lei, Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, incluindo as Escolas Profissionais.

O ensino profissional tem uma vertente mais prática e, geralmente, os seus alunos saem diretamente para o mercado de trabalho, mesmo que possam ingressar no ensino superior. Porém, também aqui é necessário entender a inclusão não apenas como a partilha de um espaço físico comum, mas onde todos os alunos aprendem e interagem uns com os outros. Igualmente, no ensino profissional falamos de diferenciação pedagógica inclusiva, de medidas a adotar, universais, seletivas, adicionais, as

necessárias para o sucesso do aluno, tal qual outra instituição de ensino com as suas próprias características. A lei é igual para todos: Incluir!

A cooperação é, igualmente fulcral, entre profissionais, entre docentes-alunos, entre alunos e entre escola-família.

Para que a inclusão seja positiva, é necessário definir estratégias em contexto escola, sala de aula, de forma que todos beneficiem desta partilha, deste espaço, desta relação, sabendo construí-la na aceitação, respeito, entreajuda, ressaltando que o professor tem, aqui, um papel fundamental. Porém, estas estratégias são tão importantes no ensino profissional quanto no ensino regular ou vice-versa. O aluno beneficia das boas práticas que dão resposta às suas necessidades e potenciam o seu sucesso e aprendizagem.

Sendo o ensino profissional uma educação mais prática e, na sua conclusão, os seus alunos devem estar aptos para ingressar no mercado de trabalho, deve a escola profissional ser uma instituição consciente desta realidade, pois tem o dever e a obrigação de preparar os seus alunos, incluindo os alunos com NEE, para esta transição.

A escola tem o dever e a responsabilidade de proporcionar a todos os seus alunos uma educação inclusiva e de qualidade, estimulando o desenvolvimento de competências diferenciadas e aprendizagens significativas com aplicabilidade para a vida. Tem ainda a obrigação de prestar apoio, ajudando o aluno nas fases de transição, em especial na transição dos jovens para a vida pós-escolar, ainda mais quando se trata de alunos com determinadas especificidades. Em certa medida, a escola deve atuar como intermediária na transição para o emprego, criando as condições, entre elas a elaboração do Plano Individual de Transição (PIT), de modo que o aluno e a família tenham a possibilidade de projetar o futuro do jovem. A transição é um processo complexo e a escola não pode atuar de forma isolada, é necessário que exista uma estreita colaboração entre a escola e o mercado de trabalho, com um apoio reforçado e uma forte intervenção a nível das políticas.

A ideia de transição implica mudança e movimento, estando o ser humano sujeito a diversos processos de transição, ao longo da sua existência. Como tal, desde o jardim-de-infância até à idade adulta, estádio em que supostamente se estará preparado para

tomar parte ativa na sociedade e no mundo do trabalho, muitas são as transições a enfrentar. A escola, como entidade de referência marca presença, em todos estes momentos, logo quanto maior for o investimento numa preparação sistemática dos planos de transição, maior será a probabilidade de os alunos virem a ter sucesso, quando finalmente transitam da escola para o mercado do trabalho (Patton & Kim, 2016).

Todas as escolas, especialmente as de ensino profissional, devem ensinar aos alunos competências para a vida que fazem parte do currículo e aptidões de autodeterminação e autodefesa e devem também avaliar e planear, de forma abrangente, as necessidades de formação, bem como dotar os alunos com competências necessárias para a vida em sociedade.

### **3 PROBLEMÁTICA E QUESTÃO DE PARTIDA**

A inclusão escolar de crianças com NEE vem sendo estudada ao longo das últimas décadas devido ao desafio implicado na sua efetivação, na medida em que exige o envolvimento de todos os intervenientes na comunidade escolar, professores, assistentes, direção, coordenação, família e comunidade (Fernandes, 2017).

Os DT, como referenciado anteriormente, são uma categoria muito importante na escola e de extrema importância para o bom funcionamento da mesma, bem como na orientação das turmas e na inclusão de alunos. Os alunos com NEE necessitam estar incluídos no contexto escolar, turma, escola e os DT são essenciais para consubstanciar este processo. Desta constatação nasceu a nossa questão de partida:

Como é que os diretores de turma de alunos com NEE de uma escola de ensino profissional percebem o processo de inclusão de alunos com NEE?

#### **3.1 Objetivos**

##### **3.1.2 Geral**

Analisar a opinião dos diretores de turma relativamente à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) nas escolas profissionais.

##### **3.1.3 Específicos**

Este trabalho tem como objetivos específicos:

- Identificar como o entrevistado perspetiva a inclusão dos alunos com NEE no Ensino Profissional;
- Conhecer expectativas relativamente à inclusão de alunos com NEE no ensino profissional;

- Conhecer recursos, estratégias e atividades facilitadoras da inclusão de alunos com NEE utilizadas pelos entrevistados;
- Identificar dificuldades sentidas com o processo de inclusão de alunos com NEE nas turmas de ensino profissional;
- Perceber como os entrevistados avaliam os recursos, estratégias e atividades facilitadoras da inclusão que implementam;
- Identificar fatores de sucesso obtidos relativamente à inclusão dos alunos com NEE no ensino profissional.

### **3.2 Caracterização do Estudo**

Entende-se por metodologia o conjunto de procedimentos e instrumentos de trabalho para compreender e agir sob um objeto de estudo (Gil, 1999). Miranda (2009) refere a abordagem qualitativa como uma investigação que julga valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, permitindo ao investigador do estudo balizar teoria e dados, favorecendo a cooperação entre si e os indivíduos que são objeto do estudo, fazendo uso da percepção dos acontecimentos com o propósito de os analisar em toda a sua complexidade e em contexto

Este estudo de natureza qualitativa utilizou a entrevista como método de recolha de dados de opinião de DT relativamente à inclusão de alunos com NEE em escolas de ensino profissional.

Neste trabalho, o enquadramento metodológico cuidou da descrição do conjunto de ferramentas e técnicas utilizadas durante o estudo. Foi utilizada uma metodologia qualitativa, considerando os objetivos atrás descritos, com o propósito de aferir a realidade dos sujeitos desta pesquisa (diretores de turma), o que sentem, percebem, vivenciam e experimentam acerca desta temática.

A pesquisa aconteceu em ambiente escolar, uma situação em concreto, facultando uma melhor abrangência do objetivo do estudo. As estratégias de recolha de dados utilizadas, nomeadamente a entrevista, permitiram ao investigador fazer um levantamento de informações relevantes sobre o objeto de estudo (Bogdan & Biklen,

2003). Posteriormente, a análise de conteúdo permitiu a compreensão dos dados que foram rececionados.

Os resultados da análise foram interpretados de acordo com o contexto em que foram recolhidos.

### **3.3 Técnicas e Instrumentos de recolha de dados**

A fim de recolher as informações necessárias à realização desta investigação utilizámos a pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas com o intuito de compreender um fenómeno, a sua problemática e repercussão de uma forma mais profunda e qualitativa (Lüdke & André, 2013).

Para o presente trabalho recorreremos à pesquisa documental e à entrevista.

#### **3.3.1. Pesquisa Documental**

A pesquisa documental foi uma prática importante para a recolha de dados. Através da pesquisa efetuada, verificou-se que são vários os autores que a estudaram, tais como Bardin (2010), Yin (2015), Bowen (2009), entre outros. A pesquisa documental é definida por Gil (1991) como a utilização de materiais que ainda não passaram nenhuma análise, ou são suscetíveis de uma elaboração em concordância com novos objetivos. Esta técnica foi utilizada para melhor perceber a estrutura do objeto de estudo.

A pesquisa documental consiste num procedimento de investigação, na qual a escolha dos documentos pode mudar consoante o seu propósito ou os objetivos que se tencionam aferir. Porém, a pesquisa pode centrar-se em documentos externos, (governamentais, legais), ou internos (relatório, regulamento). Desta feita é uma prática que carece de rigor na sua aplicação, sendo de muita utilidade, particularmente em estudos de caso, como facilitadora de triangulação de dados.

### **3.3.2. Entrevista**

A entrevista é considerada uma das técnicas de recolha de dados mais comuns em investigação qualitativa. Esta técnica é utilizada para coletar dados explicativos na linguagem própria do sujeito, possibilitando desta forma ao investigador avaliar distintamente uma ideia sobre a forma como os sujeitos analisam determinados aspetos do mundo (Miranda, 2009).

É uma excelente metodologia para aferir a variedade de exposições e significações que as pessoas têm sobre a determinada realidade e tem como objetivo a compreensão exata daquilo que se passa com o outro: a descoberta do modo como ele sente a situação e o esclarecimento progressivo da sua vivência (Lopes et all, 2014).

Existem três tipos de entrevistas: estruturada, semiestruturada e não-estruturada. A entrevista estruturada é aquela onde apenas existem perguntas fechadas e de resposta curta; a entrevista semiestruturada é orientada por um guião de perguntas semiabertas; e a entrevista não-estruturada tem objetivos e questões abertas colocadas aos entrevistados, construindo-se à medida que o discurso entre o entrevistador e o entrevistado flui.

Segundo Quivy & Campenhoudt (2015), durante as entrevistas a realizar, procurar-se-á que os entrevistados expressem as suas visões, opiniões e sentimentos, experiências e vivências. Para tal, através de perguntas semiabertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão, evita que ele se afaste dos objetivos sempre que necessário.

Orientar uma entrevista de forma correta e eficaz não é suficiente. A sua maior vantagem é que os comentários produzidos podem ser investigados e as respostas vagas podem ser clarificadas na prossecução da conversação através de novos dados, respostas ou questões no seguimento da entrevista. O entrevistador pode orientar a entrevista e acrescentar perguntas de forma a clarificar as suas respostas.

A preparação da entrevista consiste em escolher criteriosamente quem deve ser o entrevistado; traçar os objetivos a atingir; elaborar o guião/temática; escolher meio (s) de registo de respostas e preparar um contexto.

As entrevistas foram gravadas para agilizar a sua transcrição, sendo essencial ou ideal a boa relação de empatia / simpatia entre o entrevistador e entrevistado, garantindo ética e confidencialidade. Porém, deve considerar os fatores de ordem social, psicológica e cognitiva, utilizando uma linguagem cuidada, mas assertiva e simples, cuidando o tema ser do interesse do entrevistado, bem como o contexto onde se irá realizar de forma a não manipular ou influenciar as respostas.

Resumindo, na entrevista urge seguir um fio condutor que inicia na elaboração do guião ('como se faz?'), passando pela aplicação ('como se regista?') e terminando no tratamento do conteúdo ('como se analisa?').

Devemos ter noção de que a solicitação de autorização para a sua gravação é uma obrigação, fundamentando este pedido com a necessidade de manter uma transcrição o mais credível possível.

A escolha da entrevista semiestruturada contribui para alguma otimização do tempo disponível; para o tratamento sistemático dos dados; para selecionar temáticas para aprofundamento; e permite questões novas, mas requer uma boa preparação por parte do entrevistador para não deixar o entrevistado ir para caminhos que não do interesse do trabalho em análise.

Neste estudo, as entrevistas foram realizadas com diretores de turma que têm alunos com NEE ou alunos considerados como tal, a partir de um guião semiestruturado, cujos blocos e objetivos são os seguintes:

#### **Quadro 1. Blocos e Objetivos Gerais do Guião de Entrevista**

<b>BLOCO A</b> Legitimação da entrevista	- Informar o entrevistado sobre o que se pretende investigar. - Assegurar a confidencialidade dos dados fornecidos. - Solicitar autorização para gravar a entrevista
<b>BLOCO B</b> Inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional	- Saber como o entrevistado perspetiva a inclusão dos alunos com NEE no Ensino profissional
<b>BLOCO C</b> Expectativas relativamente à Inclusão de alunos com NEE	- Conhecer expectativas que o entrevistado tem relativamente à inclusão de alunos com NEE no ensino profissional
<b>BLOCO D</b> Recursos utilizados para a inclusão de alunos com NEE	- Identificar recursos utilizados para a inclusão de alunos com NEE a) pela direção da escola b) pelo entrevistado

	d) pelos professores
<b>BLOCO E</b> Estratégias utilizadas pelo entrevistado para a inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional	-Identificar estratégias utilizadas pelo entrevistado para a inclusão de alunos com NEE a) isoladas, ocasionais e individuais b) grupais, coletivas e estruturadas c) com os docentes que lecionam a turma d) com os pais dos alunos e/ou encarregados de educação e) com a comunidade
<b>BLOCO F</b> Atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE	- Conhecer atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE -a) pela escola -b) pelo entrevistado
<b>BLOCO G</b> Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE	- Identificar dificuldades sentidas pelo entrevistado relativamente ao processo de inclusão de alunos com NEE
<b>BLOCO H</b> Avaliação dos recursos, estratégias e atividades implementadas	- Perceber como o entrevistado avalia os recursos, estratégias e atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE
<b>BLOCO I</b> Fatores de sucesso	- Identificar fatores de sucesso que contribuem para a inclusão de alunos com NEE
<b>BLOCO J</b> Informações adicionais	- Dar ao entrevistado oportunidade de acrescentar outros assuntos relevantes relativamente à inclusão de alunos com NEE

### 3.3.3. Tratamento de Dados

Neste ponto, apresentamos os resultados da análise de dados e da investigação no total efetuada considerando os objetivos previamente definidos. Depois de realizada a recolha dos dados, quer da pesquisa documental quer das entrevistas procedemos ao tratamento dos mesmos.

Segundo Ghiglione (1993) “a análise de dados tem como objetivo organizar e sumarizar os dados de forma a darem-nos respostas aos problemas levantados e propostos pela investigação” (como citado em Reis, 2011, p. 63).

Segundo Patton (1980) a análise de dados qualitativos é um processo de grande exigência intelectual e de muita dedicação. “Não existe uma forma melhor ou mais correta, o que se exige é sistematização e coerência do esquema escolhido com os objetivos do estudo” (como citado em Ludke & André, 2018, p. 49).

Bogdan e Biklen (1982) recomendam que o investigador recorra, inicialmente, a uma série de estratégias para ir gerindo a informação. “Entre os procedimentos sugeridos por esses autores destacam-se:

1. a delimitação progressiva do foco do estudo; 2. a formulação de questões analíticas; 3. o aprofundamento da revisão de literatura; 4. A testagem de ideias junto aos sujeitos; e 5. O uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta” (como citado em Ludke & André, 2018, p. 54).

### **3.4 Caracterização do contexto**

Situada numa zona central do interior de Portugal, a escola onde decorreu o estudo foi uma instituição privada de educação profissional frequentada por 150 alunos de classe média baixa.

A instituição de educação profissional tem mais de 30 anos de existência, iniciando a sua atividade em 1992. Foi das primeiras escolas profissionais do país naquela região e cidade e usufrui de boa reputação. Para ministrar a componente técnica, científica e sociocultural possui cinco professores internos (alguns colocados nesta escola há mais de 15 anos, formando um corpo docente estável) que garantem a qualidade de formação/aprendizagem. O restante corpo docente encontra-se no ensino regular, mas é prestador de serviços nesta escola.

Os 150 alunos dividem-se entre os Cursos de Educação e Formação (CEF) e os cursos profissionais. O princípio norteador da escola é a oportunidade de facultar aos seus alunos a possibilidade de “sair da sala de aula” e proporcionar vivências e novas experiências a fim de desenvolverem a sua autonomia, de se confrontarem com estilos de vida diferente, bem como permitir-lhes conhecer empresas e instituições de forma que, quando terminarem o seu percurso escolar, sejam capazes de escolher e decidir o seu futuro. Considera que este percurso se constrói na interação escola-aluno e valoriza atitudes nessa esteira.

É uma escola dinâmica expondo vários projetos tais como o Euroescola, Fórum Multimédia, frequência de estágios em Espanha e participação em debates com temas como a regionalização, autárquicas, artesanato e gastronomia regional, entre outros, onde os seus alunos podem colocar à prova aprendizagens transversais a todas as áreas, desenvolvendo competências de relação pessoal e social além das linguísticas.

Como logística assinalam-se dois edifícios, uma escola sede e um polo. Na escola sede encontra-se a sala de orientadores de turma, um gabinete financeiro, uma secretaria, uma direção, uma coordenação de direção, uma biblioteca, uma sala de convívio, um bar e um refeitório, não tendo espaço exterior. No polo, uma antiga escola da cidade, encontram-se quatro salas de aula e vasto espaço exterior.

Esta instituição de Educação inclui alunos com Necessidades Educativas Especiais. Alguns têm atraso geral no desenvolvimento e dificuldade na funcionalidade da escrita, estando assinalados alunos com THDA, alunos com Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID), alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) entre outros. A maioria dos alunos, como mencionam os entrevistados, são estudantes provenientes de famílias desestruturadas, alguns institucionalizados, com atrasos ligeiros de desenvolvimento ou “com muitas dificuldades”.

### **3.4.1 Caracterização dos Sujeitos**

Os diretores de turma foram os sujeitos da investigação e, assim sendo, questionados com o propósito de aferir o que sentem, experimentam, interpretam, bem como a forma como agem no contexto em que se insere o estudo. São professores do quadro (internos) e alguns há mais de vinte anos. No entanto também encontramos professores do ensino regular (cerca de cinquenta) que vão prestar serviço à escola profissional. São a maioria, uma vez que o número de professores do quadro é de apenas quatro e os mesmos que asseguram as direções de turma dos cinco cursos profissionais existentes nesta escola profissional. A psicóloga e professora assegura, também, direções de turma, mas é prestadora de serviços.

Encontramos professores com muitos anos de experiência no ensino profissional bem como professores mais novos e professores que conciliam o ensino regular e o ensino profissional. Só no termo deste trabalho poderemos aferir com rigor qual a opinião dos DT e se há -ou não- características idênticas no resultado das entrevistas que iremos aplicar, posteriormente.

O primeiro entrevistado, DT1, tem uma licenciatura em secretariado e uma pós-graduação em gestão de empresas. Dá formação na área das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). É o diretor de turma mais recente pertencendo à escola desde há dois anos. Este ano orienta três turmas do Curso profissional de gestão de equipamentos informáticos.

O segundo entrevistado, DT2, detém uma licenciatura em línguas e literaturas clássicas e uma pós-graduação em teatro clássico. Desde sempre se encontra ligado ao ensino profissional seja em instituições de ensino profissional seja no IIEFP. Foi coordenador durante oito anos numa escola profissional e mudou, há seis anos para a escola profissional em análise. Quando mudou ingressou no mestrado em educação especial, domínio cognitivo e motor, possuindo já a especialização, encontrando-se a terminar o mestrado. É professor há vinte e um anos e, de igual modo, diretor de turma.

O terceiro entrevistado, DT3, é licenciado em Animação Sociocultural, tem uma pós-graduação em Intervenção social escolar, encontrando-se no 2.º ano do Mestrado de Ensino Especial- Domínio cognitivo e motor. É formador, professor e diretor de turma há doze anos na área da animação cultural.

O quarto entrevistada, DT4, é mestre em psicologia, área clínica é saúde. Esteve sempre ligada à área da formação, mas como psicólogo em contexto escolar. Desde 2020 que leciona nesta escola profissional e assumiu direções de turma o ano passado na área das artes gráficas e comunicação e relações-públicas e publicidade.

O quinto entrevistado, DT5, é o professor com mais anos de experiência e encontra-se na escola à vinte e oito anos. É licenciado em marketing, mas no momento leciona área de integração (AI). É diretor de turma desde que assumiu a docência, no momento dos cursos de relações públicas e publicidade, comunicação e marketing e artes gráficas.

### **3.4.2. Dados recolhidos por entrevista**

Foram realizadas cinco entrevistas semiestruturadas. Para efeitos de compreensão do processo de análise apresenta-se de seguida, integralmente, a análise da entrevista ao

DT1. Como referido na introdução, a análise das restantes entrevistas foi incluída em apêndice. .

### **3.4.3. Análise de dados da entrevista ao DT1**

Síntese dos dados da entrevista ao DT1: o entrevistado possui uma perspetiva bastante positiva relativamente à inclusão de alunos com NEE no EP, considerando que no EP a maioria dos alunos tem NEE diagnosticadas, implicando por parte do corpo docente um esforço na adaptação às suas necessidades e inclusão na escola e mercado de trabalho. Refere como razões promotoras de inclusão a preparação para o exercício de uma profissão, a frequência de estágio, a certificação de nível quatro e, na eventualidade de assim o desejarem, a possibilidade de prosseguir estudos e frequentarem o ensino superior.

Como dificuldade, DT1 realça a ausência de uma equipa de educação especial, mas o seu discurso é contraditório pois refere que a direção tem apostado muitíssimo na formação dos seus docentes e que a escola faculta “uma psicóloga, temos a colega xxxxx que é a coordenadora da equipa para a educação especial que tem algumas horas no seu horário destinadas ao trabalho individualizado com os alunos e, portanto, quer a xxxxx quer a psicóloga que também é diretora de algumas turmas, fazem esse trabalho em conjunto”.

DT1 reforça a proximidade professor-aluno e a dimensão da escola (pequena) para o sucesso da inclusão e formação dos seus alunos. No entanto menciona a dificuldade dos professores do ensino regular na resolução de problemas e adaptação ao EP, apostando a escola, através de ações de formação, na dotação destes profissionais.

Relativamente a estratégias DT1 refere os estágios, a proximidade com empresas e entidades mais recetivas à aceitação de alunos com NEE, referindo, uma vez mais, o meio pequeno como facilitador sendo por isso necessário “nós prepararmos as entidades para algumas necessidades que o aluno tenha de forma que depois não existam estes níveis de frustração, muitas vezes até podem levar à desistência”. O estágio é visto como uma vantagem e possibilita mostrar que os alunos com NEE conseguem ter sucesso no mercado de trabalho. É, também, considerada uma mais-valia

relativamente ao ensino regular. O entrevistado menciona como fator de inclusão os casos de sucesso existentes e que, num meio pequeno, são conhecidos de todos.

Eleva a importância da avaliação dos alunos e adaptação do corpo docente ao ensino modular do EP, salientando a necessidade de fugir à avaliação “tradicional” e apostar em alternativas, diversificando a mesma em material e peso, considerando que “estar a colocar o peso da avaliação num único momento é extremamente injusto “e contrário aos princípios do EP. De todo o modo DT1 refere como dificuldade de inclusão de alunos com NEE o comportamento do corpo docente do ensino regular e a necessidade de trabalhar com os mesmos para que haja harmonia na forma de agir e de prestar a todos os alunos as mesmas possibilidades de aprendizagem.

Expõe a importância dos pais/ EE na inclusão, no conhecer e perceber os seus alunos, mas realça dificuldade em lidar com os mesmos: “com o aluno eu sei lidar. Com os pais não. Não tenho essa competência!” e também porque “nós não conseguirmos ajudar quem não quer ser ajudado. Ou quem às vezes também não está disposto a ter a consciência de que necessita dessa ajuda e isto aplica-se não só aos alunos, mas também aos encarregados de educação”. O seu discurso (DT1) acaba por ser contraditório pois eleva a importância dos pais para conhecer os seus alunos e dúvidas existentes, mas refere a dificuldade existente nessa relação.

No que concerne ao EP , DT1 refere que ainda há preconceito e é visto como um ensino para os “alunos difíceis” ou para quem não consegue ter sucesso noutra tipo de ensino salientando que o ensino regular encaminha para o profissional os alunos que não deseja, “tudo o que é difícil chuta, entre aspas, para ensino profissional”, considerando difícil fugir a este comportamento e crença tão cedo. No entanto salienta a importância dos alunos se encontrarem na escola pois: “nem é bom pensarmos o que eles estariam a fazer se não estivessem na escola” e considera este ensino muito positivo e inclusivo para os seus alunos.

Como desafios na inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional menciona a questão do modelo de avaliação da escola, do aluno, a necessidade dos conteúdos programáticos serem mais apelativos, considerando que

estão desatualizados e são exigentes em carga horária, em particular para os alunos com NEE, considerando que estes são “os desafios do futuro”.

### 3.4.4 Síntese geral das entrevistas

Categorias	Subcategorias				
	DT1	DT2	DT3	DT4	DT5
Habilitações	-Secretariado -Pós-graduação gestão empresas	-Estudos clássicos + espanhol -Pós-graduação teatro clássico e educação especial	-Animação cultural -Pós-graduação educação especial	-Mestre em psicologia clínica	-Marketing
Atividade na escola	-Relação, proximidade e entajuda - Preocupação com pais/EE	-Ensino mais inclusivo - Excelente relação entre todos os intervenientes - Preocupação com pais /EE	- Relação e proximidade com família e professores - Área profissional e tipo de ensino inclusivo -Relação próxima com família	- Ensino muito inclusivo e facilitador para os alunos com NEE - Relação, proximidade e condições propicias ao sucesso -Relação com EE nem sempre fácil	- Relação, proximidade e dimensão da escola (facilitador) -Caraterísticas do EP são facilitadoras de inclusão - Famílias nem sempre percebem as necessidades dos filhos
Visão de inclusão	-Muito positiva -Ensino prático e promotor de sucesso pessoal e profissional -Conotação negativa sobre o	- Ensino mais inclusivo - o EP é visto como o “parente pobre “da educação -Caraterísticas	- Opinião contraditória de inclusão - Maioria de alunos com NEE - Escola não	-Perspetiva muito positiva sobre inclusão -Maioria alunos com NEE e serão cada vez mais graças às	-Opinião positiva sobre inclusão no EP -Depende das dificuldades e número de alunos com NEE

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

Categorias	Subcategorias				
	DT1	DT2	DT3	DT4	DT5
	EP	do EP são ideais para alunos com NEE	está preparada - Curso propício à inclusão	caraterísticas do EP - Conotação negativa sobre o EP (sociedade)	
Caraterísticas da população atendida	- Maioria alunos com NEE diagnosticado - Dificuldade em ajudar “quem não quer ajuda”	- Ensino mais adequado para alunos com NEE - “Problemas graves não nos procuram”	- Maioria alunos com NEE diagnosticado - Escola não reúne condições	- Maioria de alunos com NEE - Alunos com caraterísticas e estilos aprendizagens diferentes	- Alunos com dificuldades - Cada vez mais alunos diagnosticados
Adaptações necessárias	- Esforço e adaptação às necessidades dos alunos. - NEE vista como vantagem de aprendizagem para os professores - Adaptação dos alunos ao ensino e caraterísticas do EP positiva. - Crítica ao currículo e avaliação	- Escola e ensino muito direcionado para a comunidade. - Boa relação entre professores e trabalho conjunto - Adaptação aos conteúdos e atividades - Relação e dimensão da escola como promotora de sucesso e inclusão	- Necessidade adaptações aos recursos e adequações aplicadas aos alunos com NEE - Necessidades diferentes entre parte prática e teórica - Adaptação à avaliação	- Escola e intervenientes muito recetivos e próximos aos alunos com NEE - Necessidade adaptação e flexibilidade ao currículo - Aplicação de medidas de apoio - Crítica ao currículo e carga horária - Adaptação dos alunos ao mercado de trabalho	- Considera que o corpo docente tem uma resposta positiva - Não vê necessidade alterar atividades - Adaptação positiva dos alunos a este tipo de ensino

### 3.5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Da análise das cinco entrevistas efetuadas, resultaram as seguintes categorias: **habilitações; atividade na escola; visão de inclusão; características da população atendida e adaptações necessárias**. Estas categorias resultam da anexação de subcategorias necessárias ao tratamento das entrevistas.

A primeira categoria, **habilitações**, permitiu aferir os níveis de habilitação dos professores e áreas de intervenção. Interessante destacar que duas professoras possuem especialização em educação especial e uma outra professora é, também, psicóloga. Como refere o entrevistado DT2 “estamos mais abertos para estas questões” da inclusão de alunos com NEE no EP.

A segunda categoria, **atividades na escola**, resultou das subcategorias tempo de serviço, orientação de turma e preocupações. Todos os intervenientes são DT na escola e com experiência em formação. Nas suas orientações de turma a relação e proximidade e a dimensão da escola como promotores e facilitadores de inclusão são comuns. Relativamente aos EE, todos os entrevistados revelaram alguma preocupação pois embora refiram que são essenciais e que o contacto com as famílias é fundamental revelam preocupação na ausência, na falta de interesse, nas dificuldades dos pais em aceitar e compreender as barreiras dos seus filhos e, exceto DT5, referem as famílias desestruturadas, sem condições e estabilidade para acompanhar os seus educandos no seu percurso escolar.

Todos os entrevistados referem a relação, a proximidade e a dimensão da escola como promotora de sucesso e inclusão e consideram ser esta uma escola e ensino inclusivo. Apenas a entrevistada DT3, embora concordando que seja um ensino inclusivo, refere que a escola não está preparada para receber alunos com NEE, não reunindo condições para tal. Igualmente o entrevistado DT5 considera positiva a inclusão, ressaltando se “não forem muitos” e salientando a importância de mais um professor de educação especial a tempo inteiro na instituição. São unânimes na referência ao aumento de alunos com NEE neste ensino e, embora todos refiram que são necessárias adequações, concordam que o tipo de ensino mais prático e mais “virado” para o exterior, para a comunidade e é um ensino inclusivo. De todo modo, também

consideram que ainda é visto como “o parente pobre da educação” (DT2) e que ainda há preconceito sobre este tipo de ensino (DT1, DT2 e DT4). Todos realçam facilidade na relação pessoal e profissional e no acesso à informação necessária para apoiar os alunos das suas DT. Sublinham a importância de reunir e conversar com o corpo docente e no facto do trabalho ser -graças à proximidade e relação- muito similar. Apenas o entrevistado DT1 menciona a dificuldade dos professores do ensino regular na resolução de problemas e adaptação ao EP, apostando a escola, através de ações de formação, na dotação destes profissionais.

No geral, todos apontam o tipo de ensino, a relação, a proximidade e o grau de dificuldades dos alunos como promotores de sucesso e inclusão.

Nas preocupações sobressai a relação com as famílias – maioritariamente desestruturadas e ausentes -, o estigma ou preconceito que consideram existir sobre o EP, incluir os alunos nas atividades e comunidade envolvente. O DT5 alude o volume das turmas como prejudicial. DT4 refere a falta de condições e apreensão relativamente ao futuro dos alunos quando terminam o EP pois considera que “não há respostas” e acompanhamento na inclusão destes jovens.

A terceira categoria, **visão de inclusão**, tem como subcategorias as Perspetivas de inclusão, Condições de inclusão, Importância do sucesso e Condições do sucesso. Para todos os entrevistados o EP é visto de uma forma positiva relativamente à inclusão de alunos com NEE. O DT1 considera como “necessidade absoluta”. DT2 como “o ensino que mais inclui”. O DT3 refere que é positivo e “perspetivo que vamos receber cada vez mais” alunos com NEE. DT4 considera ser um ensino inclusivo e “facilitador” e “com grandes potencialidades” sobretudo ao “pós-escola”. E o DT5 considera que “conseguimos dar uma boa resposta”. No entanto há algumas opiniões contraditórias: em DT3 “raramente acontece” (colocação no mercado de trabalho) e quando terminam “estão perdidos”. DT5 salienta a falta e a importância de um professor de educação especial na escola.

Todos os entrevistados consideram este ensino mais prático, mais profissionalizante, mais dinâmico e apelativo com um conjunto de características muito facilitadoras na aprendizagem e formação dos seus alunos com NEE. Realçam a

importância da comunidade, das atividades no exterior, no modelo de avaliação mais flexível e variado, no ensino modular, a frequência de estágios, a possibilidade de prosseguir estudos, toda esta conjuntura como promotor de inclusão. Referem que este tipo de ensino é contributivo para o sucesso dos alunos, a proximidade e a dimensão da escola, ser e pertencer a uma comunidade mais pequena, de igual modo, auxilia. Há, no entanto, algumas opiniões contraditórias. O DT3 realça a necessidade de “outro tipo de apoios” e “raramente eles são colocados” no mercado de trabalho quando concluem a sua formação. Considera que “se for uma deficiência física nós desculpamos, como é cognitiva não se vê e então a sensibilidade para aceitar é menor”. O DT5 considera que “depende, depois, das dificuldades destes alunos porque pode haver outro tipo de respostas” e “não podemos ter muitos alunos (com NEE) porque nós também temos que dar atenção aos outros”.

DT2 considera ser a razão pela qual os alunos procuram o EP. Pela sua diferença! No entanto quando especifica que relativamente a patologias mais gravosas “não os receberíamos...só recebemos aqueles alunos que nós vemos que efetivamente temos resposta para eles”. Frisa o facto de o EP “não ser o parente pobre da educação, que é bastante rico, que tem de ser valorizado, que é talvez aquele que é verdadeiramente inclusivo”.

A quarta categoria, **caraterísticas da população atendida** tem como subcategorias Tipos de alunos e Dificuldades. Todos os entrevistados mencionam alunos com dificuldades e maioritariamente com RTPs e medidas, ou seja, são alunos que já ingressam na escola, no EP, com diagnósticos feitos e consideram que são encaminhados para este tipo de ensino pelas escolas do ensino regular, salientando o aumento do número de alunos com NEE no EP.

Para DT1 “muitos dos alunos estão diagnosticados com NEE” e já “vêm diagnosticados em outras escolas”. Tem um aluno “com autismo diagnosticado” e “muitos dos nossos alunos estão abrangidos com NEE”, mas considera que “se nós não conseguirmos fazer inclusão com os alunos com NEE, independentemente do grau das suas medidas, nós teremos muito poucos alunos”.

Considera, no entanto, que apesar de “não conseguir ajudar quem não quer ser ajudado” é muito bom estarem na escola e a escolaridade ser obrigatória até aos 18 anos ou frequência do 12.º ano, pois “nem é bom pensarmos o que eles estariam a fazer se não estivessem na escola”. Vê, assim, o EP muito assertório para a maioria dos alunos.

DT2 considera que os alunos que ingressam no EP têm um passado com “reprovações, com rebeldias, com atitudes desviantes”. Menciona défices cognitivos, PHDA, alunos com dificuldades, mas em particular os provenientes de famílias desestruturadas. Refere “aquela deficiência profunda nós não a temos. De todo!” e refere “problemas mais graves não nos procuram”. Como os restantes entrevistados considera haver um aumento significativo de alunos com NEE, mas “o EP está indicado para este tipo de alunos”. O seu discurso é contraditório pois refere que “aqui, no EP, não há o papel do professor de educação especial, não há o 910, digamos assim”. Considera que há dificuldades, mas que as conseguem superar.

Para DT3, o tipo de alunos são “jovens maioritariamente com medidas” e considera que as características do EP são ideais e mais fáceis para estes alunos: “ser um ensino mais prático...será mais fácil juntar a prática com a teoria”. Dos entrevistados é a única que indica o número de alunos (25) com medidas na escola num universo de 140 alunos o que explica ser um número considerável. Considera, no entanto, que muitos vêm com medidas desajustadas para frequência no EP e, graças ao tipo de ensino, as medidas são alteradas passando mesmo de adicionais ou seletivas para universais: “passam de adicionais para seletivas, ou até, às vezes para universais porque tem a ver com o tipo de ensino...”. De todos os entrevistados, é a única que considera ainda não ter um ensino preparado para responder às necessidades do público-alvo: “não temos ainda um ensino preparado para dar resposta a problemáticas mais...mais graves”, realçando a dificuldade em colocar estes alunos no mercado de trabalho e na dificuldade de resposta por parte de instituições e empresas e “depois fazem estágios de faz de conta”, não concordando com este comportamento pois considera que “ou as coisas são levadas a sério e são bem feitas, ou então este faz de conta não...”. Observa a dificuldade de inclusão no grupo turma, por vezes, e na aceitação e compreensão em “compreenderem porque é que ele terá mais atenção...avaliado doutra forma, às vezes há aqui limitações dos colegas, dos alunos em si” (grupo turma).

O entrevistado DT4 observa que a maioria dos alunos vem desmotivado: “eles vêm, alguns deles, vêm com expectativas muito baixas, vêm com a autoestima muito reduzida”. Realça o estigma que o EP ainda manifesta e o facto do ensino regular ou professores do ER considerarem este tipo de ensino (EP) o ideal para estes alunos, “só que, às vezes, ter problemas ainda dá alguma conotação negativa. Ainda há algum estigma em relação ao EP”. Aponta críticas ao programa e à necessidade de adaptação da avaliação para a inclusão destes alunos. Considera que a escola e professores faz um excelente trabalho: “Então tem que haver uma grande flexibilidade...os próprios professores têm que ser muito criativos na forma como lecionam as aulas e não esquecendo toda a turma”. Expõe ter dois alunos com medidas seletivas, mas encontram-se muito bem na escola:” eles estão bem integrados na escola”.

Por último, DT5 expõe alunos com muitas dificuldades e a escolha deste tipo de ensino resulta da praticidade do mesmo ao invés de frequentar o ER: “muitos deles escolhem este tipo de ensino mais prático...em vez de estar a fazer outro”. Como os colegas observa o aumento de alunos com NEE, mas “não vinham com NEE...hoje já vêm com RTPs feitos”. Tal como DT3, refere alguma preocupação na colocação destes alunos no mercado de trabalho: “às vezes temos de pensar onde vamos colocá-lo porque nem todas as, as instituições ou as empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos”.

A última e quinta categoria, **adaptações necessárias**, tem como subcategorias Adaptações do corpo docente aos alunos, Adaptação dos alunos ao ensino profissional e adaptação às características de avaliação. Todos os entrevistados observam ter os recursos essenciais para desempenhar um bom trabalho, embora com algumas opiniões divergentes.

De acordo com DT1 é necessário um esforço por parte dos docentes em “não os adaptar a nós enquanto corpo docente, mas ser o corpo docente a adaptar-se a eles” e as necessidades são vistas como vantagens. A escola facilita formação e todos os recursos necessários, mas destaca a importância da relação e proximidade com alunos e professores. No entanto atenta na dificuldade em “trabalhamos com o corpo docente para que todos ajam da mesma forma e todos prestem ao aluno com NEE as mesmas possibilidades e ferramentas de forma equitativa” quando refere os professores que vêm

do ensino regular. Considera, porém, que como há cada vez mais a tendência será para uma adaptação “ao que os outros fazem”.

Sobre os alunos divulga a necessidade de lhes facultar “uma série de competências que tem de lhes ser dadas porque muitas vezes em casa não são”, revelando uma ou outra situação no grupo turma com a qual é necessário lidar e o currículo que devem e têm de cumprir como premissa para um bom desempenho escolar.

Critica a avaliação de desempenho da escola considerando que “há uma serie de indicadores que fogem um pouco ao âmbito da nossa ação” como professores. Critica a avaliação, a carga horária considerando que “há um desfasamento entre aquilo que é a realidade e as necessidades do mercado”.

Para DT2 a relação e proximidade com o aluno são diferentes “o próprio trato com o aluno, a relação”, salientando a escola, sua dimensão, os recursos, a disponibilidade da direção e de todos os intervenientes para um bom desempenho e sucesso dos seus alunos. Realça a importância da equipa multidisciplinar e do trabalho que exercem na escola. Afirma que no EP “trabalham muito direcionados para a comunidade”, os professores são presentes e “sempre muito disponíveis” e extensível a todos os professores (ER), partilhando preocupações, estratégias e experiências. No entanto expõe “conseguimos trabalhar muito bem com qualquer um destes alunos, talvez porque nunca houve nenhuma deficiência grave aqui dentro”, contraditório ao facto de considerar “não é de todo difícil trabalhar com NEE “e, na eventualidade de alguma coisa estar em falta, com a disponibilidades da direção “se nos faltasse não tínhamos qualquer problema em recorrer ao exterior, nomeadamente terapeutas ou instituições”.

Revela que os alunos surpreendem “de forma significativa”, razão pela qual “mostra que estamos a fazer um bom trabalho”. A tipologia do EP permite adequar as medidas não sendo necessárias medidas “tão severas e tão pesadas”. Os estágios e atividades promovidas durante o ano são elementos essenciais para os alunos.

Atenta na preferência de adaptação na avaliação e opina que as PAPs sejam sempre elaboradas de “dentro para fora”, da escola para a comunidade.

De acordo com DT3 salienta-se a importância de adaptação ao EP, da equipa de educação especial e dependendo “da parte teórica, sociocultural e científica...os colegas têm de utilizar outros recursos”. No entanto considera que a direção tem “muitas limitações e os recursos disponíveis de direção são os mesmos que nós temos”, embora observe que na sua área de formação não há problemas o que revela um discurso contraditório uma vez que revela “se nós planeamos atividades...se for necessário comprar jogos ou determinadas dinâmicas nós podemos adquirir”. Manifesta preocupação com os alunos e a capacidade de resposta da escola (edifício) e relativamente à avaliação critica os apoios dados pois “esses alunos (com NEE) não são contabilizados de forma diferente...a nossa escola não tem condições para isso.

O entrevistado DT4 considera que o corpo docente faz um excelente trabalho. “Tentamos não são só eles que têm de se adaptar à escola, nós também os temos de ajudar”, realçando as medidas de suporte à aprendizagem, as formações, a participação em atividades no exterior, aos trabalhos mais dinâmicos como facilitadores e promotores de inclusão. Menciona que “há uma preocupação muito grande em que para incluir, integrar estes alunos se trabalha com a rede envolvente dos alunos...” revelando a importância da família, da escola e professores, das empresas e instituições trabalhando com todos “os elementos que fazem parte da vida daquele aluno”, realçando o excelente trabalho desenvolvido.

Atenta no EP como possibilidade de contato com a “prática, alguma preparação e possibilidade de poderem criar expectativas positivas relativamente ao mercado de trabalho”. Aponta como lacuna a avaliação e programa, embora refira que os alunos podem prosseguir estudos e compreende a necessidade de determinados conteúdos para preparação de exames e ingresso no ensino superior. No entanto observa que “os programas podiam ser mais flexíveis” e para “alguns é um pouco mais exigente”. Também salienta a carga horária e horas de formação como causadoras de dificuldades.

O entrevistado DT5 considera que o corpo docente faculta uma resposta positiva tendo em conta a dimensão da escola que possibilita uma relação e proximidade entre aluno e professor muito favorável. Não considera ser necessário “individualizar-se...esses alunos estão incluídos” e considera que a escola tem todos os recursos necessários embora “se tivéssemos mais um, pelo menos, mais um professor do ensino

especial seria bom”. Sobre os alunos atenta nas características do EP “mais prático e um ensino também muito próximo, personalizado, individualizado”.

Considerando o **primeiro objetivo** proposto neste trabalho, verificámos que a forma como os entrevistados perspetivam a inclusão de alunos com NEE no ensino profissional é muito positiva, aludindo a uma “necessidade absoluta”, o “ensino que mais inclui”, ensino “inclusivo e facilitador e com grandes potencialidades no pós escola” e “conseguimos dar uma boa resposta”. Neste objetivo, o entrevistado DT3, embora concordando com ensino inclusivo, referiu a falta de condições da escola para receber alunos com NEE. Ou seja, o ensino é, de facto, inclusivo, mas a escola não reúne condições para o ultimar. O entrevistado DT5 salientou a importância de ter mais um professor de educação especial na escola e, embora concordando que este tipo de ensino é inclusivo, apontou “se não forem muitos” (alunos com NEE na mesma escola) como condição para a resposta ser positiva. Desta forma, o primeiro objetivo revelou-se perspetivado de forma positiva por todos os entrevistados. Apenas o entrevistado DT3 referiu a dificuldade de inclusão no grupo turma, além de não ser, ainda, um ensino capaz de responder às necessidades de alunos com NEE.

O **segundo objetivo** proposto obteve, de igual modo, uma resposta positiva. A expectativa de todos os entrevistados referiu o aumento e uma maior afluência de alunos com NEE nos anos subsequentes, considerando as características deste ensino como as principais causas para esta procura. Igualmente tópicos como a relação, a proximidade, o ensino modular, os estágios, a possibilidade de prosseguir estudos, colocação no mercado de trabalho e ensino capaz de promover inclusão foram notados como positivos. Porém, os entrevistados DT2 e DT3 referiram preocupação e apreensão quanto ao futuro dos alunos com NEE ao terminar o seu percurso escolar, considerando que “não há respostas” ou acompanhamento efetivo para estes jovens. Por outro lado, a colocação no mercado de trabalho de alunos com NEE “raramente acontece”, o que realça (conclusivamente) a necessidade de mais apoios (DT3). A expectativa do entrevistado DT5 sublinha a possibilidade de “haver outras respostas” quando o número de alunos com NEE seja significativo.

Relativamente ao **terceiro objetivo** proposto, os entrevistados consideraram ter acesso a todos os recursos necessários para desenvolver um bom trabalho junto de

alunos com NEE, assim como uma direção muito acessível. A escola faculta formação e todo o material solicitado, seja nas atividades no exterior, seja pela adaptação do corpo docente aos seus alunos através de medidas de suporte à aprendizagem, ou ainda aos trabalhos mais dinâmicos e apelativos, aos estágios e PAPs. e à existência de uma equipa multidisciplinar. Apenas o entrevistado DT3 referiu as limitações da direção da escola para adquirir recursos.

Respeitante ao **quarto objetivo** deste trabalho (a saber: concluir sobre as dificuldades sentidas no processo de inclusão), os entrevistados são unânimes quando referem enquanto tais o modelo de avaliação, a carga horária, a avaliação de desempenho da escola, o programa, a relação com as famílias, o estigma ou preconceito relativamente ao ensino profissional. Concretamente, o entrevistado DT1 acresceu como dificuldade o trabalho conjunto com os professores do ensino regular.

Referente ao **quinto objetivo** (isto é, perceber de que forma os entrevistados avaliam os recursos, estratégias e atividades como promotoras de inclusão), todos os entrevistados possuem uma opinião positiva, concluindo (relativamente às características deste tipo de ensino, as características da escola, a disponibilidade da direção e professores, as atividades, os estágios e formações) que são apreciadas e fortemente inclusivas para alunos com NEE. Consideraram esta tipologia de ensino promotora e facilitadora, podendo, inclusive, dispensar medidas rigorosas.

Concernente ao **sexto e último objetivo** deste trabalho (ou seja, fatores de sucesso de alunos com NEE no ensino profissional), todos os entrevistados concluíram que a relação, a proximidade e a dimensão da escola são os principais fatores de sucesso.



#### **4 REFLEXÕES FINAIS**

Falar de uma escola para todos é um imperativo para todos os envolvidos na educação, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Referenciando os alunos com NEE, o assunto é mais delicado relativamente aos motivos e formas como poderemos capacitar os professores que interagem com estes alunos em sala de aula.

Conforme à sua pretensão inicial, este estudo quis apresentar as conceções dos professores diretores de turma de uma escola profissional relativamente aos seus alunos com NEE e à sua inclusão nessas mesmas turmas, escola e tipo de ensino.

Confirmámos, de acordo com os Diretores de Turma entrevistados, que o sucesso dos alunos está intrinsecamente ligado ao corpo docente, à sua experiência, à qualidade relacional e, sem dúvida, à capacidade de ultimar e ultrapassar barreiras. Sublinha-se, uma última vez, que inclusão significa aceitar e respeitar o outro, seja através da adaptação de currículos, seja pela criação de projetos específicos adaptados, seja ainda na adoção de medidas que auxiliem estes alunos, tudo sempre em respeito e de acordo com o seu potencial (Silva, 2019).

Este claro desafio exige cada vez mais coragem, persistência, resiliência (tal constatámos nas entrevistas aos DT), aliados ao conhecimento e formação da classe. Significa isto mudanças fortes a nível da postura e, ainda, face à prática pedagógica dos professores, bem como dinamismo e atualização do modelo de gestão e organização de uma escola em todos os seus atores: docentes, funcionários, colegas e grupo turma.

Comprovámos, pelas mesmas entrevistas, como o esforço do corpo docente pode ser garantia humana e emocional do sucesso e realização dos nossos alunos. Mas os nossos docentes DT têm (de modo habitual como competência intrínseca -e se não têm, reconhecem e procuram ter-) a referida necessária capacidade de ultimar e ultrapassar barreiras: julgamos ser essa a essência do serviço pedagógico, a saber: a entrega à aprendizagem do outro (o aluno), quaisquer que sejam as suas características.

De acordo com o D.L n.º 115-A/98, de 4 de maio (que determina as funções de autonomia, administração e gestão escolar relativas ao DT), este deve “integrar estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para o contexto da sala de atividades ou da turma destinadas a promover a melhoria das condições de aprendizagem e a articulação escola-família” (art.º 36.º, 1.º). Em todas as entrevistas realizadas pudemos atestar a capacitação (natural e/ou adquirida) dos colegas docentes para esta tarefa diretiva.

Na escola, a figura do DT assume uma posição axial: nela se esperam aptidões de comunicação, empatia, relacionamento interpessoal, coordenação e gestão, entre outras. Estas expectativas (consagradas na lei, sentidas em contexto escolar e exigidas aos colegas diretores) atestam o quão relevante é o cargo do DT para a excelência do acompanhamento real e metódico dos alunos e turma no seu percurso escolar, mas igualmente na relação direta com a família e a comunidade.

Dos resultados obtidos e de acordo com os Diretores de Turma entrevistados, podemos inferir que o ensino profissional surge como a melhor oferta educativa para alunos com NEE que terminam a escolaridade obrigatória e/ou frequentam o ensino secundário, provando assim ser promotor e facilitador de inclusão. Como referido:

“Inclusão, antes de tudo, significa um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Inclusão é, antes de tudo, uma questão de direitos e valores, é a condição da educação democrática (Leitão, 2010, pág. 1)”.

Estes resultados resultam, no entender dos Diretores de Turma entrevistados, das características do ensino profissional, da sua vertente prática e individualizada, da frequência em estágios, da possibilidade de potenciar as capacidades académicas e individuais dos alunos com NEE, proporcionando os conteúdos programáticos de uma forma mais apelativa e flexível para o sucesso e bom desempenho dos alunos, sendo assim capaz de prepará-los para uma vida pós escolar ativa, capaz e promotora de sucesso e ingresso no mercado de trabalho.

Este tipo de ensino e escola profissional revela-se como um local altamente privilegiado de desenvolvimento de competências pessoais e qualificações profissionais válidas para o futuro e sucesso dos seus alunos com NEE. Infere-se, dos resultados obtidos, que aproveita os diferentes contextos e aprendizagens para dotação de

competências e aprendizagens capazes, funcionais e concretas que lhes permitam ser cidadãos de sucesso a nível pessoal, social e profissional.

Os limites deste estudo, na sua natureza qualitativa, impedem generalizar: aponta apenas a uma escola e à sua realidade (forçosamente, de dimensão reduzida), assim como escuta o testemunho de um breve conjunto de professores. Caso possível, com outro fôlego ou amplitude, poder-se-ia ter alongado e aprofundado este estudo mediante outros indicadores, tais como as opiniões dos alunos com NEE, das suas famílias, e também pela análise dos documentos adstritos aos processos individuais dos alunos: todo este acervo nos daria possibilidade de triangular dados, contrastar temas ou pensar criticamente a situação pedagógica em causa. Reconhecemos, assim, as limitações deste estudo na economia temática e cronológica a que nos propusemos; acresce, ainda, o peculiar enquadramento de uma época Covid, com todas as restrições inerentes, dificultando o acesso direto à escola, aos processos individuais dos alunos e a uma vivência no quotidiano dito normal.

Não obstante, e muito embora acreditando que o esforço e dedicação são mais gratificantes que a desmotivação e a desistência, não podemos negar as dificuldades encontradas no ensino profissional, sobretudo no que concerne a alunos com NEE. Resta confirmar o «fator humano» ou «saldo positivo»: quem tem a sorte de privar, educar e preparar estes jovens sai mais rico e feliz desta partilha de relação e conhecimentos.

Neste país com (ainda) acentuados desníveis sociais, culturais e económicos, de verbas nem sempre adequadas e com uma formação de professores que, no horizonte próximo, se mostra quase um desafio (ou mesmo uma incógnita), desejamos que seja este «fator humano» a fazer a diferença.

Concluimos com a viva esperança de que a inclusão de alunos com NEE no ensino profissional decorrerá, cada vez mais, de forma eficaz e progressiva. Assim no-lo permitem esperar o cenário ministerial, a formação de professores e a atitude dos nossos DT: a interação e integração destes três vetores auguram um horizonte melhor para a educação dos nossos alunos, futuros cidadãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOWEBGRÁFICAS

- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (4ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bento, A. (2012, abril). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira)*, nº 64, ano VII (pp. 40-43). ISSN: 1647-8975.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora. Fortin, M. (2003)
- Cerqueira, F. Martins, O. (2011). A consolidação da educação e formação profissional nos últimos 50 anos em Portugal. *Revista Lusófona de Educação*, 17, 123-145. <http://hdl.handle.net/10437/1469>
- Duarte, A. F. (2014). *A inclusão de alunos com Trissomia 21 em Turmas/Escolas do Ensino Regular* (Doctoral dissertation).
- Decreto-Lei no 54/2018, de 6 de julho. (2018). D.R. 1.a Série. N.o129, 2918–2928.
- Decreto-Lei no 55/2018, de 6 de julho. (2018). D.R. 1.a Série. N.o129, 2928–2943.
- Downing, J. (1973). *Comparative Reading*. New York: Macmillan.
- Encarnação, P, Azevedo, L, Londral, A. (2015). *Tecnologias de Apoio para Pessoas com Deficiência*. EMEC - Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Gil, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.
- Lopes, A., Cavalcante, M. , Oliveira, D. , Hypolito, A. (2014). Trabalho docente e formação. Políticas, práticas e investigação: prontos para a mudança. Ed FPCE. Universidade do Porto, Porto.
- Lüdke, M. André, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2013.

<http://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/59#.YeFSQnG1v>

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=es&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=es&tlng=pt).

<https://www.apa.org>

<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/RELATORIO-WARNOCK.pdf>

<http://hdl.handle.net/10400.26/14218>

<https://docplayer.com.br/38794597-Escola-superior-de-educacao-joao-de-deus.html>

<https://epbjc.pt/institucional/destaques/o-que-sao-cursos-profissionais-e-quais-as-vantagens-deste-Educação/>

<https://escoladigital.com/cursos-profissionais/o-que-sao-cursos-profissionais/>

<https://www.adapt4you.com/post/comunicacao-aumentativa-e-alternativa>

<https://www.adapt4you.com/post/tecnologias-de-apoio-o-que-sao>

<https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/declaracao-salamanca.pdf>

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Legislacao/portaria74\\_a\\_2013\\_15fev\\_ensprofissional.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Legislacao/portaria74_a_2013_15fev_ensprofissional.pdf)

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38124/27576>

[https://www.unicef.pt/media/2766/unicef\\_convenc-a-o\\_dos\\_direitos\\_da\\_crianca.pdf](https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf)

<https://www.educare.pt/opiniao/artigo/ver/?id=11967&langid=1>

<https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-regulamentar/10-1999-353971>

<https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/115-a-1998-155636>

<https://educalingo.com/pt/dic-pt/percecao>

Leitão, F. A. R. (2010). *Valores educativos, cooperação e inclusão*. Salamanca: Luso-Espanola de Ediciones.

Machado, E. S. (2017). Comunicação e Educação: *Revista de Estudos Universitários - REU*, 43(2). <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2017v43n2p337-349df>

Miranda, R (2009). Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental? um estudo no 1º Ciclo. Universidade de Lisboa, Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10451/5489>

Pereira, J. M. M. M. (2016). *A comunicação aumentativa e alternativa enquanto fator de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais*. Escola Superior de Educação João de Deus.

Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Santos, J., & Pereira, B. (2019). INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR: análise do Projeto Professor Diretor de Turma. *Revista Teias*, 20(56), 475-490.  
<https://doi.org/10.12957/teias.2019.35624>

Teixeira, E. B. (2011). A Análise de Dados na pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento Em Questão*, 1(2), 177–201. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2003.2.177-201>

UNESCO. (1990). *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem*. Jomtien: UNESCO. doi:<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

UNESCO. (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: UNESCO. Obtido em 10 de 01 de 2019, de [redeinclusao.web.ua.pt/files/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf)

UNESCO. (2001). *Educação para Todos: o Compromisso de Dakar*. Dakar: UNESCO. doi:<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf>

UNESCO. (2019). *Manual para garantir inclusão e equidade na educação*.  
Brasília: UNESCO.

doi:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000370508?posInSet=1&queryId=42bcd32b-e4cc-41f6-DT349-9c914cddc2f9>

Perles, J. B. (2007). Comunicação: conceitos, fundamentos e história -Conceitos-Fundamentos-História.1–17.<http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>

Pinheiro, P., Cruz-Santos, A., & Gomes, M. J. (2017). As tecnologias de informação e comunicação na comunicação aumentativa e alternativa: um estudo quantitativo exploratório. *Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación*, (11), 114. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.11.2543>

Roldão, M. D. C., & Almeida, S. (2018). Gestão curricular: Para a autonomia das escolas e professores. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, Direção-Geral da Educação.

Rodrigues, David (2003). A Educação e a Diferença. In Educação e Diferença. Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva. Porto: Porto Editora.

Santos, V.R. (2012). A importância e a prática da formação profissional na performance técnica dos formandos no tecido empresarial. Instituto Politécnico de Leiria.

Sapage, S., Cruz Santos, A., & Fernandes, H. (2018). A comunicação aumentativa e alternativa em crianças com perturbações graves da comunicação: cinco mitos. *REVISTA DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL*, 5(2), 229–240. <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v5n2.17.p229>

Silva, M. O. E. da. (2019). Gestão das aprendizagens na sala de aula inclusiva. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

UNESCO (1994). Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Conferência Mundial de Educação Especial. Salamanca, Espanha.

UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. Paris: UNESCO.

[https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao\\_Salamanca.pdf](https://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1011&fileName=Declaracao_Salamanca.pdf)

UNESCO. (2016). Declaração de Incheon. In Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos <http://isec2015lisbon-pt.weebly.com/declaracao-de-lisboa-sobre-equidade-educativa.html>

## CRONOGRAMA

<i>Etapas</i>	<i>Datas</i>											
	<i>Nov.</i>	<i>Dez.</i>	<i>Jan.</i>	<i>Fev.</i>	<i>Mar.</i>	<i>Abr.</i>	<i>Mai.</i>	<i>Jun.</i>	<i>Jul.</i>	<i>Ago.</i>	<i>Set. a Dez</i>	
<i>Elaboração do projeto</i>	X	X										
<i>Levantamento bibliográfico</i>	X	X	X	X	X	X	X					
<i>Coleta de dados</i>					X	X						
<i>Análise dos dados e informações</i>					X	X						
<i>Redação da Parte I</i>						X	X					
<i>Redação da Parte II</i>							X	X				
<i>Redação da Parte III</i>								X	X			
<i>Análise e tratamento de dados</i>									X	X		
<i>Conclusões e referências</i>										X	X	
<i>Revisão e redação final</i>											X	X

## **APÊNDICE 1: TERMO CONSENTIMENTO INFORMADO**

 UNIVERSIDADE LUSÓFONA	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Académico: <b>2021-2022</b>
--	--	---------------------------------------

**Termo de consentimento informado**

Exma. Sr.ª Diretor/da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo – Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título “ Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais ” sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Melhores cumprimentos,  
Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

Eu, [nome] \_\_\_\_\_, portador do  
Cartão do Cidadão \_\_\_\_\_, declaro ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações \_\_\_\_\_ do que os dados  
apenas serão utilizado \_\_\_\_\_ científico estrito desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os princípios da confidencialidade e do anonimato.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

 UNIVERSIDADE LUSÓFONA	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Académico <b>2021-2022</b>
--	--	--------------------------------------

**Termo de consentimento informado**

Exma. Sr.ª Diretora da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo – Mestrado em Ciências da Educação Educação Especial- Dominio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título “ Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais “ sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Melhores cumprimentos,

Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

.....  
Eu, [nome]  portador do  
Cartão do Cidadão n.º ..... e ao ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantido que os dados  
apenas serão utilizados no âmbito científico estrito desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os princípios de confidencialidade e do anonimato.

Assinatura:

Data: 1 / 1 / 0 2

	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Académico: <b>2021-2022</b>
---	--	---------------------------------------

**Termo de consentimento informado**

Exma. Sr.ª Diretora da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo - Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título "Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais" sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Melhores cumprimentos,

Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

.....  
Eu, [nome], portador do  
Cartão do ( ) declaro ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantido que os dados  
apenas serão utilizados para fins científicos e de investigação científica estrita desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os princípios da confidencialidade e do anonimato.

Assinatura:

Data: 22/01/2022

 UNIVERSIDADE LUSÓFONA	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Académico <b>2021-2022</b>

### Termo de consentimento informado

Exma. Sr.ª Diretora da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo - Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título "Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais" sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Me

Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

Eu, [nome], portador do  
C: \_\_\_\_\_, declaro ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantido que os dados  
apenas serão utilizados no âmbito científico estrito desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os princípios da confidencialidade e do anonimato.

Assinatura:

Data:     /     ,

 UNIVERSIDADE LUSÓFONA	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Acadêmico: <b>2021-2022</b>

### Termo de consentimento informado

Exma. Sr.ª Diretora da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo – Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título “ Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais “ sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Melhores cumprimentos,

Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

.....  
Eu, [nome] \_\_\_\_\_, portador do  
Cartão do Cidadã \_\_\_\_\_ declaro ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantido que os dados  
apenas serão utilizados no âmbito científico estrito desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os princípios da confidencialidade e do anonimato.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: 28/4/2022

 UNIVERSIDADE LUSÓFONA	<b>MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL</b>	Ano Académico: <b>2021-2022</b>
--	--	---------------------------------------

**Termo de consentimento informado**

Exma. Sr.ª Diretora da Escola Profissional

No âmbito do mestrado que realizo – Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial- Domínio Cognitivo e Motor, solicito a sua autorização para fazer um trabalho na sua Escola, com o título “ Dados de opinião de Diretores de Turma do Ensino Profissional na Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais ” sob orientação da Professora Doutora Isabel Amaral, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Garanto total confidencialidade e anonimato sobre a escola, bem como dos intervenientes no estudo. Os dados recolhidos serão sempre do seu conhecimento, podendo solicitar a qualquer momento mais informações, se assim o entender.

Melhores cumprimentos,

Maria Castel-Branco da Silveira e Vieira Caiado

.....  
Eu, [nome] \_\_\_\_\_, portador do  
Cartão do Cidadão n \_\_\_\_\_, declaro ter lido e compreendido este documento, bem  
como as informações verbais que me foram fornecidas. Foi-me garantido que os dados  
apenas serão utilizados no âmbito científico estrito desta Dissertação académica, sendo  
respeitados os pr

Assinatura: TC  
Data: 23/5/2021

## **APÊNDICE 2: GUIÃO DE ENTREVISTA AOS DT DE ALUNOS COM NEE NO ENSINO PROFISSIONAL**

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

---

Guião de Entrevista semiestruturada aos diretores de turma (DT) do ensino profissional que acompanham turmas onde se incluem alunos com NEE.

**Tema:** A importância do diretor de turma na inclusão de crianças com NEE.

**Objetivo geral:** Recolher dados e expectativas dos DT entrevistados acerca do seu papel na inclusão das turmas de crianças com NEE.

<p><b>BLOCO A</b> <b>Legitimação da entrevista</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar o entrevistado sobre o que se pretende investigar.</li> <li>- Assegurar a confidencialidade dos dados fornecidos.</li> <li>- Solicitar autorização para gravar a entrevista</li> </ul>	<p>Bom dia, apresento-me, novamente e agradeço ter-me facultado a possibilidade de elaborar esta entrevista. Sou Maria e estou a fazer mestrado em EE. A necessidade desta entrevista advém de na minha dissertação pretender investigar de que forma os DT do Ensino Profissional vêm a inclusão de alunos com NEE nas suas turmas. Asseguro, obviamente, total confidencialidade dos dados fornecidos. Autoriza uma entrevista? Autoriza a gravação? No final posso mostrar a transcrição, na eventualidade de desejar acrescentar algo ou eliminar algo que não deseja que figure na mesma.</p>
<p><b>BLOCO B</b> Inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saber como o entrevistado perspetiva a inclusão dos alunos com NEE no Ensino profissional</li> </ul>	<p>De que forma perspetiva a inclusão de alunos com NEE no EP? Há quanto tempo leciona e é DT? O trabalho com estes jovens e anos de experiência mudaram a sua opinião sobre inclusão de alunos com NEE no EP?</p>
<p><b>BLOCO C</b> Expectativas relativamente à Inclusão de alunos com NEE</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer expectativas que o entrevistado tem relativamente à inclusão de alunos com NEE no ensino profissional</li> </ul>	<p>Relativamente ao EP quais as expectativas relativas a inclusão de alunos com NEE nesta via de ensino, mais profissionalizante e orientada para o mercado de trabalho? Qual a sua opinião relativamente a alunos com NEE na frequência de cursos profissionais? Considera positivo ou negativo?</p>
<p><b>BLOCO D</b> Recursos utilizados para a inclusão de alunos com NEE</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar recursos utilizados para a inclusão de alunos com NEE</li> </ul>	<p>Relativamente a recursos utilizados para a inclusão de alunos com</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

	<p>a) pela direção da escola b) pelo entrevistado d) pelos professores</p>	<p>NEE quais identifica como sendo utilizados pela direção da escola? Quais os recursos que utiliza? E os outros professores?</p>
<p><b>BLOCO E</b> Estratégias utilizadas pelo entrevistado para a inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional</p>	<p>-Identificar estratégias utilizadas pelo entrevistado para a inclusão de alunos com NEE a) isoladas, ocasionais e individuais b) grupais, coletivas e estruturadas c) com os docentes que lecionam a turma d) com os pais dos alunos e/ou encarregados de educação e) com a comunidade</p>	<p>Pode identificar as estratégias utilizadas para incluir um aluno com NEE de forma isolada, ocasional ou individual? E estratégias grupais, coletivas e estruturadas? Relativamente aos docentes que lecionam a turma? Quais as estratégias utilizadas? Com os pais ou EE, elementos essenciais, quais as estratégias que utilizam? Por último, quais as estratégias utilizadas pela comunidade para a inclusão destes alunos?</p>
<p><b>BLOCO F</b> Atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE</p>	<p>- Conhecer atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE -a) pela escola -b) pelo entrevistado</p>	<p>Quais as atividades implementadas pela escola para a inclusão de alunos com NEE? E quais as atividades implementadas pelo DT?</p>
<p><b>BLOCO G</b> Dificuldades sentidas com a inclusão de alunos com NEE</p>	<p>- Identificar dificuldades sentidas pelo entrevistado relativamente ao processo de inclusão de alunos com NEE</p>	<p>Identifica algum tipo de dificuldade relativamente ao processo de inclusão de alunos com NEE?</p>
<p><b>BLOCO H</b> Avaliação dos recursos, estratégias e atividades implementadas</p>	<p>- Perceber como o entrevistado avalia os recursos, estratégias e atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE</p>	<p>De que forma avalia os recursos disponíveis, as estratégias implementadas e atividades desenvolvidas para a inclusão destes alunos?</p>
<p><b>BLOCO I</b> Fatores de sucesso</p>	<p>- Identificar fatores de sucesso que contribuem para a inclusão de alunos com NEE</p>	<p>Na sua opinião quais os fatores de sucesso que contribuem para a inclusão?</p>
<p><b>BLOCO J</b> Fatores geográficos</p>	<p>- Perceber de que forma uma EP situada em capital de distrito, zona centro de Portugal, pode influenciar, ou não, a inclusão de alunos com NEE</p>	<p>Considera que a escola reúne todas as condições para garantir inclusão de alunos com NEE no EP, uma vez que se encontra no interior? Considera que têm acesso a todos os</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

---

		recursos e estratégias necessárias para desenvolver um bom trabalho junto destes alunos ou considera que são “esquecidos” por se encontrarem longe dos grandes centros urbanos? Qual a sua opinião?
<b>BLOCO K</b> Informações adicionais	- Dar ao entrevistado oportunidade de acrescentar outros assuntos relevantes relativamente à inclusão de alunos com NEE	Há algum outro dado adicional que considere importante relativamente à inclusão de alunos com NEE no EP? Algum dado relevante que considere pertinente para este trabalho? Muito obrigada

## **APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

Entrevistadora - Bom dia, o meu nome é Maria Caiado, sou professora de Educação Especial. Gostaria de solicitar autorização para o entrevistar relativamente à inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional. Asseguro total confidencialidade dos dados fornecidos. Autoriza a entrevista?

Por favor, pode fazer uma introdução, uma contextualização sobre o seu percurso, o seu trabalho?

Diretor de Turma (DT) -

(E) - Quantos anos tem?

(E) - Há quantos anos trabalha nesta escola?

(E) – Quais são as suas habilitações literárias?

(E) - Há quanto tempo trabalha com jovens com NEE?

(E) – Há quanto tempo é DT de turmas com alunos com NEE?

(E) -De que forma perspetiva a inclusão de alunos com NEE no Ensino Profissional?

(E) - Gosta de trabalhar com estes jovens?

(E) - Acha que os alunos com NEE devem frequentar as escolas do Ensino Profissional?

(E) – Quais são as suas expetativas relativamente à inclusão destes alunos neste tipo de ensino?

(E) – Quais os recursos facultados pela direção da escola para a promoção da inclusão destes alunos?

(E) – Quais são os recursos que utiliza para a inclusão destes alunos?

(E) - Estes alunos são aceites pelos seus pares, dentro e fora da sala de aula?

(E) - Que estratégias utiliza para a inclusão destes alunos e para potencializar as suas capacidades?

(E) - Altera a forma de avaliar o desenvolvimento e aquisição de conteúdos, a forma de aplicar provas e trabalhos?

(E) - Que estratégias utiliza com os seus colegas docentes que lecionam nesta turma?

(E) – Relativamente aos outros professores, tem conhecimento das estratégias que utilizadas para a inclusão destes alunos?

(E) -Relativamente aos pais e /ou encarregados de educação utiliza alguma estratégia para potenciar a inclusão destes alunos?

(E) - Quais são as estratégias utilizadas junto e com a comunidade?

(E) – Acha que há colaboração e articulação entre os vários parceiros?

(E) - Que tipo de atividades a escola promove para a inclusão de alunos com NEE?

(E) – Que tipo de atividades implementa, como DT, para a inclusão destes alunos?

(E) - Os alunos são encorajados a participar ativamente na vida escolar incluindo-os nas atividades curriculares e extracurriculares?

(E) – Identifica dificuldades relativamente ao processo de inclusão de alunos com NEE? Quais?

(E) – De que forma avalia os recursos, as estratégias e atividades implementadas para a inclusão de alunos com NEE?

(E) – Quais os fatores de sucesso que considera importantes e que contribuem para a inclusão de alunos com NEE?

(E) - Que estratégias costuma utilizar com mais frequência?

(E) - Considera a inclusão destes alunos na escola vantajosa para os mesmos?

(E) - Para si, quais são os maiores desafios na inclusão de alunos com NEE no ensino profissional?

(E) – Alguma questão adicional que considere pertinente e relevante que queira acrescentar?

(E) – Muito obrigada pela colaboração!

### **Análise de dados da entrevista ao DT1**

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Habilitações	Literárias	-Secretariado (licenciatura)  -Pós-graduação em gestão de empresas  -Se calhar uma pós-graduação (Educação especial) ainda vou fazer, ainda vou pensar nisso. Se calhar a parte curricular ainda a faço
	Profissionais	-Formador nas áreas das TIC
Atividade na escola	Tempo de serviço	-Na escola eu estou a trabalhar à cerca de dois anos  -Sou o diretor de turma mais recente da casa
	Orientação de turma	-Estou a orientar as três turmas do curso profissional de gestão de equipamentos informáticos  -Tive especial cuidado na integração daquele aluno na turma (aluno com doença oncológica)  -(quando regressou) Sabia o nome de todos os colegas; sabia o nome de todos os professores, eles depois identificam-se e ajudam-se uns aos outros; aluno tutor  -Nas áreas em que eles estão melhores tentarem, em ambiente de aula, ajudarem os colegas para ajudarem também o professor no exercício da sua

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>atividade; aluno tutor</p> <p>-Este espírito de entreajuda tem funcionado muito bem (grupo turma)</p> <p>-Nós, diretores de turma, sempre que identificamos um caso de necessidade ativamos a equipa e direcionamos o aluno para esse apoio</p> <p>-Eu não tenho um recurso específico que se destine à inclusão... Não é algo que eu ative em determinada altura e que diga assim agora vou ter que ativar este recurso para permitir uma maior inclusão do aluno</p> <p>-Procuro, de facto, que haja uma grande proximidade entre mim e entre eles (alunos)</p> <p>-Não que eles me vejam só como um professor...deixo sempre dez, quinze minutos para falar com eles</p> <p>-Procuro muito ouvir os meus colegas, os professores, nós como somos uma escola pequena...</p> <p>-Somos uma escola pequena e nos cruzamos diariamente com a maior parte dos colegas</p> <p>-É muito fácil nós atacarmos de imediato, até precocemente, algum problema que esteja a existir</p> <p>-Termos uma grande proximidade, contactos telefónicos, emails</p> <p>-Eu tenho no meu classroom, tenho uma disciplina</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>que se chama mesmo orientação de turma</p> <p>-Não se querem expor e em termos de privacidade o classroom traz a sua vantagem e nós depois marcamos (reunião)</p> <p>-Às vezes são questões muito fáceis ou porque um colega lhe respondeu mal ou não está a tomar a medicação</p> <p>-Individualmente eu chamo-os muitas vezes</p> <p>-Os alunos ainda têm na figura do diretor de turma ou do OET, têm uma figura de respeito um bocadinho superior e eu chamo e falo com eles</p> <p>-Há toda uma monitorização de se há módulos em atraso, se não há módulos em atraso, o absentismo</p> <p>-Entrevistas individuais, chamá-los à parte com frequência, envolver muito a colega que está responsável pela educação especial para a inclusão</p> <p>-Para nós o mais precocemente possível identificarmos o problema e podermos identificar para o resolver</p> <p>-No final de cada período fazemos uma avaliação e temos consciência que fizemos o melhor possível</p>
	Preocupações	<p>-Com frequência ouvirmos os pais e os pais terem noção (das dificuldades dos seus filhos)</p> <p>-Sempre que identificamos um problema também procuramos envolver, sempre que possível, porque às vezes as famílias são de tal forma desestruturadas</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>que nós não temos essa possibilidade, mas sempre envolvemos os pais</p> <p>-Com o aluno sei lidar, com os pais não. Não tenho essa competência</p> <p>-Convém-nos muito sempre falarmos com os pais especificamente para saber quais são os problemas que eles têm, como é que eles se manifestam, se tomam a medicação ou se não tomam a medicação, por exemplo</p> <p>-Procuramos sempre chamar cá os pais</p> <p>-Procuramos sempre que possível ter uma relação estreita com os pais</p> <p>-Nós não nos podemos imiscuir da forma como o professor dá as aulas</p>
Visão de inclusão	Perspetivas de inclusão	<p>-Necessidade absoluta (alunos com NEE no EP)</p> <p>-Considero que é positivo (frequência alunos com NEE no EP)</p> <p>-Ter uma filha com necessidades educativas especiais estaria mais descansado ela seria mais feliz (se frequentasse o EP)</p> <p>-Na maior parte das áreas nós conseguimos incluir aquele aluno (aluno com NEE diagnosticado)</p> <p>-Bastante positiva, não é ideal (inclusão no EP)</p> <p>-Considero bastante positivo, em grande parte por esta proximidade, numa escola com cento e cinquenta alunos nos é possível manter</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>-São os casos de sucesso existentes, são provavelmente a melhor estratégia que nós temos para a inclusão</p> <p>-Avalio de forma bastante positiva, não é ideal (recursos, estratégias e atividades)</p> <p>-Considero bastante positivo, em grande parte por esta proximidade, numa escola com cento e cinquenta alunos nos é possível manter (recursos, estratégias e atividades)</p> <p>-São os casos de sucesso existentes... são provavelmente a melhor estratégia que nós temos para a inclusão</p> <p>-Mudou, efetivamente, mudou (opinião sobre inclusão no EP)</p> <p>-Aplica-se aquela questão dos pares, havendo mais na mesma situação a discriminação diminui.</p>
	Condições de inclusão	<p>-A questão (da formação) do interior para o litoral acho que não fará muita diferença. Eu penso que temos todas as condições e recursos para podermos lidar com eles</p> <p>-Mais tarde na questão da inclusão no mercado de trabalho em que, de facto, no litoral tinha mais oportunidades por uma questão de dimensão de oferta</p> <p>-Até poderá haver uma vantagem. O meio é mais pequeno, a segurança é outra... acho que pode ser uma vantagem</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		-Isso é inquestionável, aliás isso é essencial (vantagem de inclusão no EP)
	Importância do sucesso	<p>-Certificação de nível quatro</p> <p>-Podem prosseguir os estudos</p> <p>-Este ensino permite que o aluno fique preparado para exercer uma atividade no mercado de trabalho</p> <p>-Fica preparado a exercer uma profissão</p> <p>-Eles terem estágio e de frequentarem durante o percurso o mercado de trabalho ajuda imenso</p> <p>-Quando vêm (do estágio) têm uma perspetiva e de que há necessidade de aprender completamente diferente</p> <p>-Estamos a formar cidadãos do mundo</p> <p>-Estão aptos a exercer a sua atividade em qualquer lugar do mundo</p> <p>-Uma pessoa, quer um profissional de sucesso, porque nós não estamos só a falar de profissionais, nós estamos efetivamente a falar de pessoas</p> <p>-Tendo eles necessidades educativas especiais ou não, os meninos com necessidades educativas ainda mais, eles têm de perceber para que é que serve a escola. Eles muitas vezes não percebem porque é que têm de vir para a escola. E se eles virem que a escola vai ser um meio às vezes para eles saírem de um ciclo de desestruturação, para conseguirem ter um emprego melhor, para conseguirem ter um</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

---

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>salário melhor, independência, eles ganham outra apetência para a escola</p> <p>-Não conseguimos que ele tenha na área da matemática ou na área da físico-química o mesmo grau de sucesso que terá por exemplo na área técnica</p> <p>-Eu penso que é muito mais fácil...que um aluno com necessidades educativas especiais as consiga ultrapassar, ou consiga lidar com elas obtendo sucesso</p> <p>-Sucesso que ele vai obtendo é também gradual e, sendo gradual, vai diminuindo a desmotivação</p> <p>-A questão profissional é uma área que contribuirá e muito para o sucesso daquela pessoa</p>
	Condições do sucesso	<p>-Modelo de avaliação da escola, do aluno, o que é que é o sucesso</p> <p>-Nós enquanto escola temos de os preparar para o mercado de trabalho...se o aluno sai da escola e não tem a iniciativa de procurar esse emprego e não entra no mercado de trabalho, a escola pode ser penalizada</p> <p>-Temos de ser diferentes do resto para termos melhores, mais sucesso</p> <p>-Ser um aluno de sucesso, com tudo aquilo que acarreta de instrumentos de sistemas da avaliação de desempenho dos nossos alunos, as taxas de sucesso</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Caraterísticas da população atendida	Tipos de alunos	<p>-Se nós não conseguirmos fazer inclusão com os alunos com necessidades educativas especiais, independentemente do grau das suas medidas, nós teremos muito poucos alunos</p> <p>-Muitos dos nossos alunos estão abrangidos com necessidades educativas especiais</p> <p>-Temos muitos (alunos com NEE)</p> <p>-Eles vêm diagnosticados em outras escolas com determinadas necessidades educativas especiais</p> <p>-Tenho um aluno com autismo diagnosticado</p>
	Dificuldades	<p>-Dificuldade no seguinte: nós não conseguirmos ajudar quem não quer ser ajudado</p> <p>-Nem é bom pensarmos o que eles estariam a fazer se não estivessem na escola</p> <p>-Não está disposto a ter a consciência de que necessita dessa ajuda e isto aplica-se não só aos alunos, mas também aos encarregados de educação</p> <p>-Aqueles que identificam que o filho tem necessidades educativas especiais, ou que às vezes até essas necessidades educativas especiais podem advir de um aluno estar a frequentar um sistema de ensino que não é o mais adequado para ele. Isso vai gerar necessidades educativas especiais e vai gerar frustrações</p>
		<p>-Não os adaptar a nós enquanto corpo docente, mas ser o corpo docente a adaptar-se a eles, uma</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Adaptações necessárias	Adaptação do corpo docente aos alunos	<p>vantagem para nós aprendermos mais</p> <p>-Costumamos dizer que em vez de vermos a necessidade especial do aluno como uma desvantagem, procuramos sempre vê-la como uma vantagem</p> <p>-Temos que fazer um grande esforço para a inclusão dos mesmos (alunos com NEE)</p> <p>-Antes de ter esta experiência na escola e também ser mais alertado para esta questão da inclusão eu teria alguma dificuldade em compreender que aquele aluno teria sucesso</p> <p>-Na semana passada convidámos uma professora especialista aqui do XXXXX na área das necessidades educativas especiais para dar uma formação ao corpo docente acerca das formas e das estratégias que devem ser utilizadas para lidar com alunos com necessidades educativas especiais</p> <p>-Nunca tive necessidade (elaborar PIT)</p> <p>-Formação ao grupo docente, a questão das FCT's, o chamarmos cá as entidades relacionadas com o ensino especial, é muito frequente também fazermos</p> <p>-Avaliar da aplicação das medidas</p> <p style="padding-left: 40px;">-Estes miúdos das necessidades educativas especiais...tendência de autoisolamento</p> <p>-Uma resposta um bocadinho mais ríspida eles com alguma facilidade amuam</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>-Nós temos esta facilidade de quê, de haver uma grande proximidade e haver, de facto, a possibilidade de nós atacarmos digamos assim o problema logo quando ele surge</p> <p>-A legislação atribuiu uma série de direitos a estes alunos que têm de ser assegurados</p> <p>-Estar a colocar o peso da avaliação num único momento é extremamente injusto</p> <p>-Formas de avaliação e formas de trabalho que puxem a criatividade deles</p> <p>-A principal dificuldade, apesar de ser minoritária, é muitas vezes nós trabalhamos com o corpo docente para que todos ajam da mesma forma e todos prestem ao aluno com necessidades educativas especiais as mesmas possibilidades e as mesmas ferramentas de forma equitativa</p> <p>-A partir do momento em que a maioria seja cada vez maior a tendência é, também, para que a minoria se tente adaptar ao que os outros fazem...e o sistema vai começando a funcionar</p>
	Adaptação dos alunos ao ensino profissional	<p>-No geral é ... lá temos uma situação ou outra, trabalhamos com pessoas (grupo turma)</p> <p>-Esta parte de ok, há um currículo para seguir, há, há conhecimentos técnicos que devemos dar, há, se me diz assim é importante eles terem formação em Gil Vicente, não sei..., mas não lhes faz mal. Certo?! Mas há depois uma série de competências</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>que têm de lhes ser dadas porque muitas vezes em casa não são, que nós estamos cá para isso.</p> <p>-Esta falta às vezes de respeito, que até não é consciente porque para eles é normal</p> <p>-O professor tem de exercer a atividade no papel de professor, eles tem que exercer a atividade de aluno, esta parte do saber estar é essencial</p> <p>-Determinado aluno ter um dez, tem se calhar mais peso do que um da mesma turma ter um dezoito</p>
	<p>Adaptação às características da avaliação</p>	<p>-Avaliação de desempenho</p> <p>-Certificação EQAVET</p> <p>-Série de indicadores que fogem um pouco ao âmbito da nossa ação enquanto professores</p> <p>-No final do mês, no final do pedido de reembolso é isso que conta, é quantos alunos é que vão naquele pedido de reembolso e é isso que nos paga o ordenado no final do mês</p> <p>-Um número numa tabela e que tem de ser atingido porque senão somos prejudicados e até recentemente é-nos retirado essa certificação que depois tem implicações na obtenção de financiamento</p> <p>-Este desafio da avaliação é, a meu ver, assustador (modelo avaliação EP)</p> <p>-Estamos a falar de uma avaliação que mede até a taxa de inclusão de empregabilidade dos alunos</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>-Há parâmetros de avaliação e neste caso dos alunos com necessidades educativas especiais ainda muito mais...num modelo de ensino modular, profissional excelente, o princípio é excelente, mas trabalhamos com o catálogo nacional de classificações que é super desatualizado, super exigente na carga horária</p> <p>-Não podemos fazer alterações ao catálogo como foi feito recentemente na pandemia para incluirmos módulos</p> <p>-Acho que deveria de haver uma adaptação do catálogo às necessidades dos alunos</p> <p>-Carga horária ser mais permissiva à realização de outras atividades</p> <p>-Não temos os cursos que queremos, os cursos têm de ser negociados</p> <p>-O sistema devia ser mais modular do que apenas chamar-se modular</p> <p>-O sistema atribuiu classificações aos cursos, nós há dois anos tínhamos, como é que era, técnico de construtor naval tinha uma maior classificação na área de cidade X do que tinha o operador de informática</p> <p>-Há um desfasamento entre aquilo que é a realidade e aquilo que são as necessidades do mercado</p> <p>-O nosso ensino... nós enquanto escola, é...fazemos um esforço bastante grande de ligação ao mercado de trabalho e ouvirmos as necessidades</p>

Categorias	Subcategorias	Indicadores
		<p>o que é que o mercado de trabalho tem em termos de formação, em recursos, mas depois isso cai tudo por terra porque em sede de negociação nos impõem técnico de construção naval</p> <p>-O sistema não é perfeito...é o modelo de avaliação da escola e dos alunos, o que é o sucesso, basicamente é isto e depois é a questão da adequação dos conteúdos e de os conteúdos serem atrativos, serem práticos, prepararmos as escolas</p>

### **Transcrição da entrevista ao DT1**

Entrevista realizada online dia 17 de maio às 15h00

**Entrevistadora:** DT1, eu vou mais uma vez apresentar-me. O meu nome é Maria, agradeço antes de mais, ter-me facultado a possibilidade de elaborar esta entrevista. Estou no momento a fazer o segundo ano de Mestrado em Educação Especial no Domínio Cognitivo e Motor e esta entrevista advém de pretender investigar de que forma os diretores de turma do ensino profissional, que é um ensino que tem as suas especificidades, vêem a inclusão de um aluno com necessidades educativas especiais (NEE) nas suas turmas. Como é óbvio, asseguro total confidencialidade destes dados, de todos os dados. Vou pedir-lhe a sua autorização para a gravação da mesma...

**DT1:** Sim, autorizo Maria.

**Entrevistadora:** E no final, se desejar, eu faculto a transcrição na eventualidade de desejar acrescentar ou eliminar algo que esteja e que figure na mesma se assim o desejar. Podemos então avançar?

**DT1:** Podemos.

**Entrevistadora:** Obrigada. Contextualizando só para ter um conhecimento daquilo que faz e das suas habilitações, DT1, ia perguntar exatamente aquilo que estávamos a começar há pouco. Quais são as habilitações literárias, a sua área de formação, há quantos anos está na casa? E é diretor de turma, em particular do ensino profissional?

**DT1:** A minha formação inicial é o secretariado, já antes de frequentar a licenciatura... eu já frequentei a licenciatura, já trabalhava há cerca de 10 anos. Foi uma necessidade que eu senti de frequentar o ensino superior. E já antes exercia a atividade de formador na área das TIC, portanto eu tive formação profissional, comecei logo a trabalhar aos 18 anos e depois, mais tarde, senti a necessidade de ter a licenciatura. Licenciei-me em secretariado e, mais tarde, dois anos depois iniciei a pós-graduação em gestão de empresas que é o mestrado que estou agora a concluir. Especificamente na escola eu estou a trabalhar à cerca de dois anos, portanto sou o diretor de turma mais recente da casa e logo quando entrei foram atribuídas duas turmas em termos de orientação de turma. Nós aqui não usamos a designação de diretor de turma, usamos a designação de orientador educativo de turma. Pronto. Exatamente. E neste momento estou a orientar três, portanto, são as 3 turmas do curso profissional de gestão de equipamentos informáticos em que tenho um primeiro, segundo e terceiro ano. Portanto, a título de enquadramento foi assim que eu aqui apareci e é isto que estou a fazer no momento.

**Entrevistadora:** Exato. De que forma DT1, porque este ensino é um ensino que tem as suas especificidades, eu também conheço, de que forma perspetiva ou vê a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais neste tipo de ensino?

**DT1:** Olhe Maria, a necessidade deste é absoluta. Se nós não conseguirmos fazer inclusão com os alunos com necessidades educativas especiais, independentemente do grau das suas medidas, nós teremos muito poucos alunos. Efetivamente no mercado do ensino profissional muito dos nossos alunos estão abrangidos por alunos com necessidades educativas especiais. Nós temos que fazer um esforço no sentido de não os adaptar a nós enquanto corpo docente, mas ser o corpo docente a adaptar-se a eles. Portanto nós aqui costumamos dizer que em vez de vermos a necessidade especial do aluno como uma desvantagem, procuramos sempre vê-la como uma vantagem para quer

para nós aprendermos mais alguma coisa com ele, quer o aluno de facto ser um aluno de sucesso, com tudo aquilo que acarreta de instrumentos de sistemas da avaliação de desempenho dos nossos alunos, as taxas de sucesso, mais recentemente a questão da certificação EQAVET, não sei se é algo que é conhecido da Maria. Nós conseguimos a certificação e efetivamente há uma série de indicadores que fogem um pouco ao âmbito da nossa ação enquanto professores. E visto que temos muitos, senão a grande maioria, com necessidades educativas especiais identificadas nós, de facto, temos que fazer um grande esforço para a inclusão dos mesmos.

**Entrevistadora:** Exato. Faz sentido a questão que lhe vou colocar a seguir, que é, de que forma perspetiva ou vê o trabalho com estes jovens e os anos de experiência que tem mudou a sua opinião sobre a inclusão?

**DT1:** Mudou, efetivamente mudou. Nós temos, posso dizer que tenho pelo menos numa turma, tenho um aluno com autismo diagnosticado, com algum grau de autismo, que eu antes de ter esta experiência na escola e também ser mais alertado para esta questão da inclusão eu teria alguma dificuldade em compreender que aquele aluno teria sucesso e efetivamente nós conseguimos chegar ao fim do percurso do aluno identificando que ele pelo menos em determinadas áreas, é lógico que não conseguimos que ele tenha na área da matemática ou na área da físico-química o mesmo grau de sucesso que terá por exemplo na área técnica, mas na maior parte das áreas nós conseguimos incluir aquele aluno e aquele aluno vai frequentar o seu 12.º ano, portanto o seu curso profissional numa turma...isto sem querendo usar rótulos, numa turma regular.

**Entrevistadora:** Sim, sim, exato.

**DT1:** Eu penso que sim, que cada vez mais nós vamos conseguindo, nós ainda há pouco temos tivemos entre nós o professor XXXXX e partilhou algumas das experiências que ele tinha, e levou-nos a parar e a pensar no que é que estamos a fazer na escola com os nossos alunos e o que é que podemos fazer de diferente com eles. Estes anos de pandemia trouxeram uma série de dificuldades em termos de aproximação, de contacto, até de afetos e de proximidade, que são essenciais para a inclusão. Nós procuramos em algum tipo de estratégias que pudéssemos superar estas dificuldades, mas eu estou, de facto, ansioso de começar o próximo ano letivo porque desejo que seja o meu primeiro ano letivo na casa 100% normal, sem estas contrariedades da pandemia.

**Entrevistadora:** Foi difícil, de facto.

**DT1:** Foi muito difícil.

**Entrevistadora:** DT1, quais são as suas expetativas relativamente a inclusão destes alunos neste tipo de ensino que se diz e que é mais profissionalizante? Muito profissionalizante, muito orientado para o mercado de trabalho? Considera que é positivo ou negativo?

**DT1:** Eu sem dúvida considero que é positivo. Primeiro porque este ensino permite que o aluno fique preparado para exercer uma atividade no mercado de trabalho com um grau maior ou menor de especificidade e de profissionalização, mas fica preparado a exercer uma profissão. Eu quando concluí o meu 12.º ano, foi humanidades no ensino regular e eu não estava minimamente preparado para fazer nada no mercado de trabalho. Pronto! Só o facto de eles terem estágio e de frequentarem durante o percurso o mercado de trabalho ajuda imenso. Eles vão para estágio, quando vêm têm uma

perspetiva e de que há necessidade de aprender completamente diferente. E depois permite-lhes, também, caso eles queiram, eles podem prosseguir os estudos. E podem prosseguir os estudos pela via normal com exames nacionais ou até com algumas vagas que estão destinadas para os cursos profissionais... a certificação de nível quatro, exatamente é muito bom, é considerado a nível europeu... nós também não nos podemos esquecer que estamos a formar cidadãos do mundo, sobretudo da Europa, com os conhecimentos que existem ao nível de habilitações e das certificações obtidas, mas estamos de facto a formar cidadãos para o mundo, eles estão aptos a exercer a sua atividade em qualquer lugar do mundo. E eu penso que é muito mais fácil, apesar de eu ser suspeito, que um aluno com necessidades educativas especiais as consiga ultrapassar ou consiga lidar com elas obtendo sucesso e este sucesso que ele vai obtendo é também gradual e, sendo gradual, vai diminuindo a desmotivação desse aluno de forma a que ele seja efetivamente quer uma pessoa, quer um profissional de sucesso, porque nós não estamos só a falar de profissionais, nós estamos efetivamente a falar de pessoas. A questão profissional é uma área que contribuirá e muito para o sucesso daquela pessoa, mas não é a única. E eu acho que...eu se tivesse uma filha apesar de eu achar que todos têm necessidades educativas especiais, todos eles são diferentes...

**Entrevistadora:** Todos temos pontos fortes e temos pontos fracos.

**DT1:** Exatamente. Eu ter uma filha com necessidades educativas especiais identificadas, clinicamente ou psicologicamente identificadas eu teria, estaria mais descansado, porque ela seria mais feliz, porque teria mais hipóteses de obter sucesso no ensino profissional do que no ensino regular. Efetivamente eu tenho essa noção.

**Entrevistadora:** Mesmo a nível de inclusão?

**DT1:** Mesmo a nível de inclusão. Até porquê Maria?! Vamos lá ver... aqui aplica-se aquela questão dos pares, havendo mais na mesma situação a discriminação diminui.

**Entrevistadora:** Então considera que estes alunos são aceites pelos seus pares? Dentro e fora da sala de aula?

**DT1:** Considero. Olhe eu vou partilhar consigo um sucesso, um caso de sucesso, não é propriamente uma necessidade educativa especial, eu tenho um aluno com...é doente oncológico e o aluno iniciou no ano passado o décimo ano, primeiro ano do ensino profissional, ele não tem necessidades educativas especiais identificadas. Em sede de início do ano letivo nós, equipa de coordenação pedagógica, achámos por bem, propor aos pais que o rapaz ficasse em casa visto ter um sistema imunitário muito debilitado e a legislação permitia, visto ser um doente de risco, o ensino à distância e o rapaz esteve um ano inteiro em casa, excelentes notas, nunca faltava, exceto quando ia às consultas médicas. Quando ele regressou eu tive especial cuidado na integração daquele aluno na turma, os colegas nunca tinham interagido com ele e comecei-me a aperceber que ele sabia o nome de todos os colegas. Já tinha participado em trabalhos de grupo com alguns mesmo à distância, sabia o nome de todos os professores e foi incluído numa realidade, ele que já não frequentava o ensino até por internamentos que tinha anteriormente sucessivos, há mais de três anos que ele não ia todos os dias às aulas e é um rapaz ...provavelmente das minhas três turmas é o meu rapaz melhor aluno percebe?! Porque eles depois identificam-se e ajudam-se uns aos outros, nós procuramos também muito a..., termos quase a figura do aluno tutor. Que é aqueles que

de alguma forma, em determinadas áreas, se calhar eu tenho o “João” que pode ser um aluno tutor a matemática que já não pode ser a português. Mas nas áreas em que eles estão melhores tentarem, em ambiente de aula, ajudarem os colegas para ajudarem também o professor no exercício da sua atividade. E, portanto, este espírito de entreajuda tem funcionado muito bem. Eu penso que grande parte do caminho para mim é um pouco por aí.

**Entrevistadora:** Certíssimo. Adoro estas conversas porque acaba, deixa de ser uma entrevista passa a ser uma conversa e as perguntas vão-se atropelando, passo a expressão, às vezes parece que me vou repetir, mas não é intencional, é só para não perder o rumo. Já falamos nisto, o DT1 já fez esta referência. Consegue identificar os recursos que a direção, facultados pela direção da escola para a promoção da inclusão destes alunos?

**DT1:** Olhe, nós temos essa grande lacuna que é nós não temos conforme tem o ensino regular uma equipa de pessoas do ensino especial para prestarem apoio aos alunos. Aqui não há figura de eu estar a dar uma aula por um colega de ensino especial que está a ajudar o aluno em determinada atividade. O que é que a escola faculta? Nós temos na nossa equipa uma psicóloga, temos a colega xxxxx que é a coordenadora da equipa para a educação especial que tem algumas horas no seu horário destinadas ao trabalho individualizado com os alunos e, portanto, quer a xxxxx quer a psicóloga que também é diretora de algumas turmas, fazem esse trabalho em conjunto. Nós, diretores de turma, sempre que identificamos um caso de necessidade que nos seja identificado por sua vez por algum elemento do conselho de turma, também ativamos a equipa e direcionamos o aluno para esse apoio. É nessa medida que nós trabalhamos.

**Entrevistadora:** Relativamente a si DT1 que é orientador educativo de turma, utiliza algum recurso em particular de forma a incluir estes alunos?

**DT1:** Olhe eu não tenho um recurso específico que se destine à inclusão. Não é algo que eu ative em determinada altura, e que diga assim agora vou ter que ativar este recurso para permitir uma maior inclusão do aluno. Procuo, de facto, que haja uma grande proximidade entre mim e entre eles, procuro sempre se eles têm alguma necessidade que ma façam chegar. É lógico que também temos problemas não só com os alunos de necessidades especiais, alguns problemas de bullying, algumas necessidades de intervenção que temos que fazer, mas eu aposto sobretudo nesta questão da proximidade. Não que eles me vejam só como um professor que lhes dá um módulo ou dois, ou três, ou quatro, mas alguém... eu às vezes nas minhas aulas de orientação de turma não faço isso tanto nas outras, mas deixo sempre dez, quinze minutos para falar com eles. Quando vejo... procuro muito ouvir os meus colegas, os professores, nós como somos uma escola pequena...

**Entrevistadora:** Era o que eu ia perguntar a seguir. Relativamente aos outros professores da escola, das suas orientações de turma...

**DT1:** Como é que nós funcionamos?! É lógico que nós temos momentos no calendário escolar de realização de reuniões dos conselhos de turma. Mas não podemos estar à espera do dia dez de fevereiro para reunirmos o conselho de turma e sabermos os problemas que temos e como vamos atuar. Como somos uma escola pequena e nos cruzamos diariamente com a maior parte dos colegas é comum nós perguntarmos e eles

dizerem assim: “- olha, o teu “João” faltou duas vezes à aula, tens de ver o que é que se passa”. “- Olha que o Manuel está com este problema. Olha que o Rui está com este problema” e é muito fácil nós atacarmos de imediato, até precocemente, algum problema que esteja a existir. Para além de termos uma grande proximidade, contactos telefónicos, emails, a pandemia trouxe estas coisas maravilhosas que são as plataformas, os classrooms e por aí fora. Eu tenho no meu classroom, tenho uma disciplina que se chama mesmo orientação de turma porque às vezes eles podem não sentir muito à vontade de estar a dizer assim, Professor DT1 preciso falar consigo na aula, então muitas vezes eles combinam comigo um encontro através do classroom. Não se querem expor e em termos de privacidade o classroom traz a sua vantagem e nós depois marcamos... eu digo-lhes assim: “pronto amanhã vá ter comigo à sala dezasseis, a sala dezasseis está livre e, portanto, às vezes são questões muito fáceis ou porque um colega lhe respondeu mal ou não está a tomar a medicação porque lá em casa não há dinheiro para tomar a medicação, portanto as coisas passam muito por aí. Sempre que identificamos um problema também procuramos envolver, sempre que possível, porque às vezes as famílias são de tal forma desestruturadas que nós não temos essa possibilidade, mas sempre envolvemos os pais nesse problema, sobretudo nesta questão da medicação surge muitas vezes nestes miúdos com necessidades educativas especiais ou porque não a tomam ou porque estão a tomar demais e ficam totalmente apáticos...é frequente isso acontecer sim.

**Entrevistadora:** DT1, a estratégia que utiliza...já me deu um exemplo... que as estratégias que utiliza para incluir um aluno com necessidades de forma isolada, ocasional e individual. Deu-me um exemplo do classroom, por exemplo, de chegarem a si e do exemplo da relação que para mim também é tudo, de facto, se não houver relação não há mais nada. Utiliza mais alguma estratégia individual?

**DT1:** Utilizo, olhe individual... olhe posso-lhe dizer que eu ainda hoje eram 7h30 da manhã e tinha um aluno a ligar-me que estava positivo ao covid. Pronto, acontece. Individualmente eu chamo-os muitas vezes, felizmente, eu apercebo-me que eles...os alunos ainda têm na figura do diretor de turma ou do OET, não digo que eles faltem ao respeito aos outros professores, mas ainda têm uma figura de respeito um bocadinho superior e eu chamo e falo com eles,” - Ouçam lá, mas o que é que aconteceu na aula? Então respondeu mal à professora? -Respondi. -Então e acha que fez bem? -Não. -Então o que é que tem de fazer? -Ok, já sei tenho que ir pedir desculpa. -Então faz favor de ir pedir desculpa à professora”. Estes miúdos das necessidades educativas especiais o que é que nós fazemos? Eles individualmente, mas também a título de grupo, ou até a título dos docentes...eu posso dizer que na semana passada convidámos uma professora especialista aqui do XXXXX na área das necessidades educativas especiais para dar uma formação ao corpo docente acerca das formas e das estratégias que devem ser utilizadas para lidar com alunos com necessidades educativas especiais. Aos miúdos, por exemplo, vou lhe dar um exemplo, a primeira vez que nós tivemos este tal aluno, um autista, na turma que foi o ano passado no primeiro ano também o que é que fizemos? Arranjámos um estratagema para retirar o rapaz da sala e fizemos uma ação para aquela turma, lógico sem estar a referir nomes, acerca da diferença, acerca do autismo, para os prepararmos de alguma forma para um episódio diferente que pudesse vir a acontecer durante o ano letivo. E, portanto, funcionamos sempre que possível na situação do problema, na dotação de competências quer por parte do grupo turma, quer

por parte do grupo de docentes, porque muitos dos nossos professores são professores do regular que vêm aqui dar umas horas...eu posso lhe dizer que nós temos cerca de cinquenta professores, em média dão aqui umas quatro horas por semana. E o que é que acontece, muitos deles ainda vêm formatados de um regular, quando têm um aluno com necessidades educativas especiais chamam um colega e depois aqui não há esse recurso a tempo inteiro e totalmente disponível para eles fazerem isso. Portanto, procuramos muito através de ações de formação, de convidarmos outras entidades que possam cá vir partilhar experiências, prepararmos para esse tipo de realidades.

**Entrevistadora:** Relativamente a estratégias de grupo coletivas ou estruturadas e relativamente aos outros professores da casa quais eram as estratégias utilizadas para a inclusão de alunos. Relativamente aos pais e aos encarregados de educação, que muitas vezes podem não ser os pais, uma vez que já nos falou que são elementos essenciais, quais as estratégias que utilizam?

**DT1:** Nós procuramos sempre chamar cá os pais, ultimamente já o fazemos desde fevereiro, janeiro, fevereiro já chamamos presencialmente. Antes fazíamos via classroom ou por telefone. Identificamos, efetivamente eles vêm diagnosticados em outras escolas com determinadas necessidades educativas especiais, mas nós convém-nos muito sempre falarmos com os pais especificamente para saber quais são os problemas que eles têm, como é que eles se manifestam, se tomam a medicação ou se não tomam a medicação, por exemplo, se tenho um aluno que é medicado e se o aluno vem de manhã sonolento para as aulas eu tenho que alertar os outros colegas do conselho de turma, “atenção se o aluno estiver com mais sono durante o primeiro tempo, pelo menos, é porque ele está a tomar medicação, ou porque às vezes muda a medicação”, portanto, há aqui uma série...nós procuramos sempre que possível ter uma relação estreita com os pais, para que os pais nos possam informar qual é que é o estado do aluno e que vai sendo alterado.

**Entrevistadora:** A receptividade que recebem dos seus colegas de turma é positiva, no geral?

**DT1:** No geral é, sem dúvida, sem dúvida que sim. Sim. No geral é. Lá temos uma situação ou outra, trabalhamos com pessoas. Pronto, mas no geral podemos dizer que sim.

**Entrevistadora:** Pronto, espantoso. DT1, relativamente a estratégias utilizadas junto e com a comunidade para a inclusão destes alunos?

**DT1:** Olhe as estratégias funcionam muito na questão do estágio. É aí que nós intervimos mais. Procuramos trabalhar com, com pessoas, com empresas e com entidades que estejam mais recetivas para a receção deste tipo de alunos e também muitas vezes na proteção dos alunos. Eu vou-lhe dar o seguinte caso...eu, por exemplo, este ano não fiz um bom serviço em termos de seleção de estágio para o meu aluno, para este aluno que eu tenho com autismo. E porque é que não fiz um bom serviço? Porque achei por bem e conversei com os pais, que eu estar a levar aquele aluno para uma empresa, a empresa não está preparada para lidar com ele, fazer exigências de realização de tarefas e daí gerar um grau de frustração ao aluno que não ia fazer nada bem. E então o que é que nós fizemos? Ficámos com ele aqui na escola e demos uma série de tarefas relacionadas com a área da informática para ele poder fazer. Mas só

depois de o estágio ter iniciado eu ia na rua e vejo passar uma carrinha que dizia Associação de Apoio à Criança. Bem, e eu lembrei-me que isto era uma instituição espetacular para ele ter feito um estágio. Porque tinha pessoas que estavam preparadas para ele, para a diferença dele, e não me lembrei na altura. Efetivamente não lhe prestei, poderia ter prestado esse serviço melhor. Outros casos em que a necessidade educativa especial não seja tão profunda nós procuramos sempre, nós conhecemos as empresas, este é um meio pequeno, o tecido empresarial, infelizmente, também é pequeno proporcional e, portanto, é frequente nós prepararmos as entidades para algumas necessidades que o aluno tenha de forma a que depois não existam estes níveis de frustração, muitas vezes até podem levar à desistência e ele dizer que não quer ir ao estágio, ponto final. Mas ao nível de integração com a comunidade eu acho que nós enquanto escola, enquanto ensino profissional o nosso grande âmbito de atuação passa efetivamente pelos estágios, porque são uma grande vantagem que nos distingue em relação ao ensino regular e é aqui que nós mostramos à comunidade que aquele aluno, apesar das suas diferenças, pode ser um profissional normal.

**Entrevistadora:** Exato, alguma vez precisou, viu, achou necessário elaborar um PIT?

**DT1:** Não, nunca Maria, nunca tive necessidade. Pelo menos nos meus casos...

**Entrevistadora:** Certo. É excelente e gosto de o ouvir dizer que não esteve bem... é fantástico... eu acho que nós estamos sempre a aprender com os nossos alunos.

**DT1:** Efetivamente não estive presente foi... olha é uma conversa que por acaso ainda não tive com a mãe do aluno... não, não, não.

**Entrevistadora:** Tem formação na área?

**DT1:** Eu se não fosse este trauma dos dois anos para concluir o mestrado, mas se calhar uma pós-graduação ainda vou fazer, ainda vou pensar nisso. Se calhar a parte curricular ainda a faço.

**Entrevistadora:** Está lá tudo...

**DT1:** Sim, sim, sim...

**Entrevistadora:** A parte da relação, da entrega, está lá tudo.

**DT1:** Eu vou lhe dizer uma coisa, eu tenho aquele, eu costumo dizer isto aos meus colegas, que eu conhecendo o aluno no primeiro dia, conhecer durante o percurso os pais, que às vezes me deixa ainda mais preocupado do que qualquer coisa...eu com o aluno sei lidar, com os pais não. Não tenho essa competência. E conseguir que eles, passado algum tempo passem por nós e digam bom dia professor, boa tarde professor, é uma vitória excepcional. Porque lá está, nós não estamos aqui só para os ensinar a saber fazer. Eu normalmente falo muito nesta questão do saber, o saber ser, o saber estar, explicar-lhes porque é que eles numa sala de aula não vão estar com o gorro, em última análise eu sou professor deles e digo-lhes que não quero que eles entrem com o gorro. Esta parte de ok, há um currículo para seguir, há. Há conhecimentos técnicos que devemos dar, há, se me diz assim é importante eles terem formação em Gil Vicente, não sei..., mas não lhes faz mal. Certo?! Mas há depois uma série de competências que têm de lhes ser dadas porque muitas vezes em casa não são, que nós estamos cá para isso. Eu dizer assim a um aluno larga o telemóvel estás com o telemóvel porquê?! Porque a minha mãe me está a mandar uma mensagem, portanto, isto diz logo.

**Entrevistadora:** Está em aula, não é? O aluno está em aula...

**DT1:** E eu digo assim não a sua mãe não pode estar a enviar uma mensagem porque você está em aula. - mas é urgente. Se for uma urgência a sua mãe liga para a escola, não tem que ligar para si. E esta falta, às vezes de respeito, que até não é consciente porque para eles é normal... percebe. Nós fazemos ver que não, estão em ambiente de aula, estão a aprender, o professor é o professor, o professor tem de exercer a atividade no papel de professor, eles tem que exercer a atividade de aluno, esta parte do saber estar é essencial, e às vezes demora muito para nós conseguirmos transmitir isso.

**Entrevistadora:** Têm também que ensinar que no mercado é isso que vão encontrar? E eles vão sair preparados para o mercado de trabalho...

**DT1:** Exatamente. Perguntar assim a um aluno, olhe a sua mãe trabalha onde? Ai a minha mãe trabalha no pingo doce, e a sua mãe enquanto está a trabalhar no pingo doce usa o telemóvel? Só usa uma vez...

**Entrevistadora:** DT1, já me falou de algumas, mas eu vou colocar a questão na mesma, que tipo de atividades promove na escola para incluir alunos, para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

**DT1:** Eu falei na questão da formação ao grupo docente, a questão das FCT's, o chamarmos cá as entidades relacionadas com o ensino especial, é muito frequente também fazermos. Um constante avaliar da aplicação das medidas. Se as medidas efetivamente continuam a ser necessárias ou não, ou se é preciso agravarmo-las. Isso também é feito com bastante regularidade e depois há toda uma monitorização de se há módulos em atraso, se não há módulos em atraso, o absentismo, o absentismo é também uma questão que nos preocupa que é um indicador de vários tipos de problemas...

**Entrevistadora:** É, deixamos de ter pandemia, deixamos de ter acesso a isto e ele terminou. Queira desculpar. DT1 vamos...estávamos a falar das atividades que a escola promove para a inclusão de alunos que curiosamente é a questão que eu vou colocar a seguir também. Como orientador educativo de turma o que o DT1 implementa para a inclusão dos mesmos alunos?

**DT1:** Olhe, em termos de orientação de turma funciona muito com entrevistas individuais com eles, chamá-los à parte com frequência, envolver muito a colega que está responsável pela educação especial para a inclusão que é a xxxxx, portanto existe sempre aqui um trabalho conjunto entre mim e entre ela. A questão dos pais, também, com frequência ouvimos os pais, e os pais terem noção, é assim...eu costumo lhes dizer se eu enquanto orientador educativo não contactar o pai, ... se eu enquanto orientador educativo não contactar o pai é mau sinal, mas o pai ou a mãe ou encarregado de educação, o titular, às vezes não são os pais, o titular sempre que necessite deve entrar em contacto connosco, saber quais os canais que estão abertos, existe essa facilidade para nós o mais precocemente possível identificarmos o problema e podermos identificar para o resolver, porque há questões muito simples, Maria. Nós podemos resolver, às vezes há aqueles... estes miúdos das necessidades educativas especiais...eu noto que às vezes têm esta tendência de autoisolamento e de, se não lhes dermos uma resposta, às vezes não é uma má resposta, uma resposta um bocadinho mais ríspida eles com alguma facilidade amuam. E basta, às vezes, nós falarmos com o colega, recentemente aconteceu com a colega de físico-química. O miúdo ficou com o

módulo por fazer, a colega de físico-química propôs uma tarefa para ele fazer a recuperação daquele módulo, o rapaz naquele dia não deve ter vindo muito bem disposto não caiu muito bem a professora estar a exigir ele fazer um trabalho de físico-química e, pronto, depois caiu no exagero que já não ia fazer, que já não ia isto, que já não ia aquilo, e ele veio com a mãe e eu falei com a mãe e eu disse que vou falar com a professora e vamos ver o que é que se passa. Falei com a professora e a professora disse “- ó colega foi isto assim, assim” a professora meteu-me de parte, nunca mais vou fazer módulos a físico-química e efetivamente eu fui falar com a colega e disse à colega foi isto assim, assim, ah não foi nada disso, eu só disse qual era a tarefa e disse que ele tinha de fazer até dia tanto. E eu disse pois olhe ele lá vinha mais sensível nesse dia não caiu muito bem. Portanto...a ele lhe pedi para ele ir falar com a professora, às vezes são questões muito básicas que se eu não tivesse intervindo naquele caso aquele aluno não ia fazer físico-química, percebe?! E pronto... e está a fazer os módulos e está a trabalhar. Portanto, nós temos esta facilidade de quê, de haver uma grande proximidade e haver, de facto, a possibilidade de nós atacarmos, digamos assim, o problema logo quando ele surge.

**Entrevistadora:** Sendo o ensino regular, porque funciona por módulos, cada módulo tem um n.º x de horas, às vezes encontra ou considera que há necessidade de reforço de aprendizagem para os alunos que precisam mais tempo para fazer prova, considera que há algum problema com os colegas, que é bem entendido, que conseguem chegar ao final do módulo da mesma forma...

**DT1:** Maria nós temos, nós não nos podemos imiscuir da forma como o professor dá as aulas. Pronto. E nós aqui na casa temos essa regra. De qualquer forma, a legislação atribuiu uma série de direitos a estes alunos que têm de ser assegurados.

**Entrevistadora:** O ensino profissional é muito específico nesta parte...

**DT1:** É muito específico, o que é que nós procuramos? Olhe, para evitarmos uma série de problemas, tenho uma política e os meus alunos sabem disso. Perante um problema qual é a melhor solução? Evitá-lo... já respondem todos em unísono. Nós procuramos todos transmitir aos nossos docentes que procurem formas alternativas de avaliação que não seja um enunciado. Outra estratégia. Porque de facto estar a colocar o peso da avaliação num único momento é extremamente injusto. Isso vai até aos princípios do ensino profissional que é um ensino modular. Eu compreendo que em determinadas áreas, por exemplo, o português, pode haver essa necessidade, mas há colegas que ultrapassam essa necessidade com outras alternativas de avaliação. E se nós conseguirmos encontrar sobretudo formas de avaliação e formas de trabalho que puxem a criatividade deles, pela produção de conteúdos, em que eles muitas das vezes estejam a aprender o Gil Vicente sem se aperceberem que estão a aprender Gil Vicente. Hoje estou muito com Gil Vicente porque os nossos alunos foram assistir a uma peça de teatro do Auto da Barca do Inferno que, felizmente, a câmara municipal facultou a todos os alunos da cidade e que poderá ser uma mais-valia para eles ganharem gosto pelo autor, do que estarem única e exclusivamente a ler. Mas temos esta...a política da casa é sempre que possível fugir àquele momento clássico de avaliação mais contínua possível com atividades diferentes agora ...sempre que alguém lutar por isso tem que ser dado um enunciado adaptado às necessidades daquele aluno. Nós, ultimamente, este ano contamos com a presença de três, três, são três, três alunos srios que não falam

português, portanto tem sido um esforço muito, muito grande. Dou por mim a fazer algumas fichas de trabalho ou até a iniciar trabalhos de grupo em que dou as instruções em português e dou por mim no google tradutor a traduzir para árabe para eles também perceberem o que é para fazer. Portanto, existe aqui, nós...resumindo, atacamos muito pelo fugirmos ao classicismo do momento de avaliação por teste. Regra geral é fácil, outra é, às vezes, como eu há pouco estava a dizer, nós temos cinquenta e tal professores e muitos vêm do regular e vêm muito formatados a tudo aquilo que é característico do regular, pronto, e depois às vezes aqui eles têm que...e nós disponibilizamos, nós na equipa permanente somos quatro, temos quatro professores no quadro a tempo inteiro, todos os outros são prestadores de serviços e nós os quatro disponibilizamos muito para este trabalho de grupo de adaptação de metodologias a esta realidade que para alguns professores é nova que é o ensino modular e o ensino profissional. Recentemente, esse esforço de partilha passa até na criação de recursos no google forms, na criação de kahoots, portanto numa série de metodologias em que os alunos possam ser avaliados não apenas por um teste. Eu também não digo que não faço um teste, às vezes. Até eu faço um teste, mas não quer dizer que seja aquela única peça de avaliação, sim. Mas temos muito essa preocupação. Em determinadas situações quando a psicóloga está livre...em alunos que também...depende da necessidade educativa, alunos com especial dificuldade em interpretação de textos, a psicóloga...nós conseguimos combinar com ela e ela está presente na prova para prestar algum tipo de apoio àquele aluno.

**Entrevistadora:** E a escola não tem nenhum professor de educação especial no momento?

**DT1:** Neste momento temos estas duas colegas em fase de conclusão de formação, portanto a xxxxx e a outra colega a xxxxx. São um reforço muito importante nesta equipa e a escola, a escola apostou muito neste tipo de formação delas. Nós enquanto professores da escola, formação que frequentamos no XXXX tem um desconto de 50% o que é ótimo. Portanto, existiu de facto por parte da direção nestes anos mais recentes a identificação de áreas, de necessidades, necessidades educativas especiais para nós. Para o nosso mercado de trabalho é cada vez mais essencial, portanto temos que estado a fazer este esforço na formação da nossa equipa. Só somos nós os quatro em termos de financiamento é impossível, portanto é este o cenário que temos e tentamos fazer o melhor possível com os recursos.

**Entrevistadora:** Quando refere o nosso mercado de trabalho considera verdadeiro, falso, não posso emitir a minha opinião, quando um aluno tem muitas dificuldades ou tem necessidades específicas, tem necessidades educativas e é normal dizerem o menino vai para o ensino profissional, considera que é verdade?

**DT1:** Considero. Sabe que eu nestes dois anos que tenho estado na escola, nós temos alguma dificuldade na angariação de alunos porque, se por um lado existe esse estigma que é um verdadeiro estigma, o ensino profissional é para aqueles que não conseguem ter sucesso no ensino regular, por outro lado o ensino regular também existe esse, esse procedimento que é...o aluno é difícil vai para o ensino profissional. Pronto. Isto funciona pelos dois lados. Efetivamente o que eu mais gosto da sigla NEE...o que eu gosto mais é do especial e nós temos que ter noção enquanto escola profissional que o nosso mercado efetivamente pela conjuntura...pela, porque se é difícil o ensino regular,

eu não quero dizer que isto seja regra, posso dizer que o agrupamento X ou o agrupamento Y tudo o que é difícil chuta, entre aspas, para ensino profissional, não é isso que acontece. Mas é essa a tendência, é cultural, o que é natural, o que não poderá tão cedo fugirmos a ela e, portanto, nós enquanto operadores privados no ensino profissional pronto...porque depois temos esse ensino profissional dentro dos agrupamentos de escolas, temos que estar preparados para recebermos, isto de forma muito direta, aqueles alunos que o sistema dito profissional não pretende. Ou que não quer acolher. E, portanto, desta forma cumpre-nos estar o mais preparados possíveis para lidarmos com este mercado, em linguagem do mercado posso ser um pouco tecnicista, mas Maria no final do mês, no final do pedido de reembolso é isso que conta, é quantos alunos é que vão naquele pedido de reembolso e é isso que nos paga o ordenado no final do mês.

**Entrevistadora:** Considera...consegue identificar algum tipo de dificuldade relativamente ao processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT1:** A principal, a principal dificuldade, apesar de ser minoritária, é muitas vezes nós trabalhamos com o corpo docente para que todos ajam da mesma forma e todos prestem ao aluno com necessidades educativas especiais as mesmas possibilidades e as mesmas ferramentas de forma equitativa. Essa é, sem dúvida, a principal dificuldade, mas eu só cá estou há dois anos. No primeiro ano foi mais difícil do que já foi agora no segundo. Conto que a tendência seja, seja para isso... porque a partir do momento em que a maioria seja cada vez maior a tendência é, também, para que a minoria se tente adaptar ao que os outros fazem e depois os próprios alunos é frequente dizerem “- ai a professora Maria faz daquela forma” e porque não faz da mesma forma e o sistema vai começando a funcionar.

**Entrevistadora:** Já fez referência, mas eu pergunto...de que forma avalia os recursos que tem disponíveis, as estratégias que são implementadas, e as atividades que são desenvolvidas na sua casa para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

**DT1:** Olhe eu avalio de forma bastante positiva, não é ideal, nós procuramos todos os dias caminhar para o ideal...não conseguimos, mas o importante é no final de cada período e é este o momento de avaliação. Nós, no final de cada período fazemos uma avaliação e temos consciência que fizemos o melhor possível, o melhor que podíamos por aquele aluno. Muitas vezes também há dificuldade no seguinte: nós não conseguimos ajudar quem não quer ser ajudado. Ou quem às vezes também não está disposto a ter a consciência de que necessita dessa ajuda e isto aplica-se não só aos alunos, mas também aos encarregados de educação. Mas sim, considero bastante positivo, em grande parte por esta proximidade, numa escola com cento e cinquenta alunos nos é possível manter.

**Entrevistadora:** Na sua opinião, DT1, quais são os fatores de sucesso, fatores de sucesso, que considera que são importantes e contribuem para a inclusão de alunos com necessidade no profissional? No ensino profissional...

**DT1:** Muitas vezes, se não a maior parte das vezes e isso em cidade X funciona de uma forma, funciona de uma forma espetacular. São os casos de sucesso existentes. Porque

são conhecidos e porque as pessoas sabem que ao virem colocar aqui o seu filho, aqueles que identificam que o filho tem necessidades educativas especiais ou que às vezes até essas necessidades educativas especiais podem advir de um aluno estar a frequentar um sistema de ensino que não é o mais adequado para ele. Isso vai gerar necessidades educativas especiais e vai gerar frustrações. Aqueles pais que têm esse tipo de consciência e matriculam cá os alunos porque já ouviram alguém ou porque têm o colega que tem cá o filho e porque ouviram dizer que aqui era diferente e gostavam e...os casos de sucesso são provavelmente a melhor estratégia que nós temos para a inclusão. Ver que é possível para o sucesso dos nossos alunos com necessidades educativas especiais.

**Entrevistadora:** Considera que a inclusão destes alunos na escola é vantajosa para os miúdos?

**DT1:** Sem dúvida, isso é inquestionável, aliás isso é essencial. Maria, se eles não estiverem na escola felizmente, hoje em dia, a escolaridade obrigatória é de doze anos ou é até aos dezoito anos, ele...aos dezoito anos, nem é bom pensarmos o que eles estariam a fazer se não estivessem na escola.

**Entrevistadora:** E na sua opinião quais são os maiores desafios na inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT1:** Olhe, para mim esta questão do modelo de avaliação da escola, do aluno, o que é que é o sucesso. O sucesso está muito limitado a um número, numa tabela e que tem de ser atingido porque senão somos prejudicados e até recentemente é-nos retirado essa certificação que depois tem implicações na obtenção de financiamento. Isto começa a ser tratado como quase uma fábrica de sapatos. Os nossos sapatos não são todos iguais. Enquanto uma fábrica de sapatos, portanto o produto final tem de ser todo igual, todos trinta e cinco ou trinta e seis. Nós, no nosso caso, temos muitos trinta e cinco e meio, trinta e quatro e meio, trinta e quatro vírgula três... eles são efetivamente muito diferentes e este desafio da avaliação é, a meu ver, assustador. Porque as capacidades de um aluno, vamos lá ver, determinado aluno ter um dez, tem se calhar mais peso do que um da mesma turma ter um dezoito. Depois estamos a falar de uma avaliação que mede até a taxa de inclusão de empregabilidade dos alunos. Nós enquanto escola temos de os preparar para o mercado de trabalho...agora se o aluno sai da escola e não tem a iniciativa de procurar esse emprego e não entra no mercado de trabalho a escola pode ser penalizada... há aqui uma série de parâmetros de avaliação e neste caso dos alunos com necessidades educativas especiais ainda muito mais. Depois nós continuamos a trabalhar num modelo de ensino modular, profissional excelente, o princípio é excelente, mas trabalhamos com o catálogo nacional de classificações que é super desatualizado, super exigente na carga horária, a carga horária do ensino profissional é, eu não posso ter alunos com sete horas por dia. E os nossos alunos para cumprirmos as mil e duzentas ou mil duzentas e oitenta, depende do curso têm que ter sete horas. Senão é julho e agosto e nós ainda andamos aqui. Pronto. E, portanto, para um aluno com necessidades educativas especiais, isto é extremamente cansativo, por mais voltas que nós consigamos dar. Eu dou por mim a dar o módulo de redes e vou com eles para a zona histórica da cidade X ver os cabos que estão pendurados nas casas. “-que cabo é este? que ficha é esta?” porque não posso estar fechado dentro de uma sala sete horas...não resulta e, portanto, a questão do catálogo é muito sensível, nós não podemos

fazer alterações ao catálogo como foi feito recentemente na pandemia para incluirmos módulos. Isso é para dizer que o catálogo foi atualizado? Eu depois continuo em determinados módulos a dar em determinados módulos MS-DOS .Portanto acho que deveria de haver uma adaptação do catálogo às necessidades dos alunos, a carga horária ser mais permissiva à realização de outras atividades e ,também, porque eu às vezes falo com o colega e digo assim, leva-os para a rua, vai dar uma aula na rua, a colega de português resulta melhor tanto fala dentro de uma sala como vai falar de Camões na rua, mas se calhar for o colega de TIC é já um bocado complicado fazer esse tipo de atividades. O sistema devia ser mais modular do que apenas chamar-se modular, devia de o ser efetivamente. Há a questão da avaliação e basicamente é isso que acho que são os desafios do futuro. Depois há também nós trabalhamos...nós não temos os cursos que queremos, os cursos têm de ser negociados, neste momento são negociados em comunidade intermunicipal, são chamadas todas as escolas da área. Esse processo de negociação tende a ser politizado cada vez mais e, portanto, não podemos também fugir a essa realidade. E, por sua vez, o sistema atribuiu classificações aos cursos, nós há dois anos tínhamos, como é que era, técnico de construtor naval tinha uma maior classificação na área de cidade X do que tinha o operador de informática.

**Entrevistadora:** Naval?

**DT1:** Naval. Então vamos construir navios para onde... não é? Portanto, há um desfazamento entre aquilo que é a realidade e aquilo que são as necessidades do mercado. E as necessidades do mercado têm de ser satisfeitas. Até porque o nosso ensino... nós enquanto escola, é...fazemos um esforço bastante grande de ligação ao mercado de trabalho e ouvimos as necessidades o que é que o mercado de trabalho tem em termos de formação, em recursos, mas depois isso cai tudo por terra porque em sede de negociação nos impõem, por exemplo, um curso de técnico de construção naval. Isso não faz sentido, não faz sentido nenhum. O sistema não é perfeito...temos que trabalhar para ele ser melhor, mas basicamente é isto. É o modelo de avaliação da escola e dos alunos, o que é o sucesso, basicamente é isto e depois é a questão da adequação dos conteúdos, e de os conteúdos serem atrativos, serem práticos, prepararmos as escolas. Eu estou farto de ver as escolas com esta disposição de carteira, temos que começar a ter mesas redondas, temos que os ter em grupo, temos de ser diferentes do resto para termos melhores, mais sucesso, digamos assim.

**Entrevistadora:** Considera que a escola, a sua escola, reúne todas as condições para garantir a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional uma vez que se encontra numa cidade de interior?

**DT1:** Eu acho que aí a questão do interior para o litoral acho que não fará muita diferença.

**Entrevistadora:** Coloco já a seguinte. Considera que tem acesso a todos os recursos e estratégias que são necessárias de forma a desenvolver um bom trabalho junto destes alunos ou considera que são esquecidos, passo a expressão, porque se encontra longe dos grandes centros urbanos? Qual é a sua opinião?

**DT1:** Aí não concordo. Eu penso que temos todas as condições e recursos para podermos lidar com eles, eu...de facto aqui a questão da interioridade não faz diferença. Poderá fazer diferença depois mais tarde na questão da inclusão no mercado de trabalho

em que, de facto, no litoral tinha mais oportunidades por uma questão de dimensão de oferta. Agora em termos de escola temos os recursos disponíveis, eu penso que não haverá qualquer tipo de diferença. Até poderá haver uma vantagem. O meio é mais pequeno, a segurança é outra... acho que pode ser uma vantagem.

**Entrevistadora:** Alguma questão adicional que considere e que seja relevante que queira acrescentar?

**DT1:** Não, eu penso que não. Não vejo necessidade de estar a acrescentar algo mais. Eu acho que o importante é nós estarmos, é ter a noção que isto é um processo de melhoria contínua e apostamos mais cada vez mais na formação, em ações diferentes, na proximidade, eu gosto muito das atividades fora da sala de aula porque acho que é aí que os “apanhamos” que nós os apanhamos. A nossa colega X diz que é fora da sala de aula que nós os apanhamos, que os trazemos para o nosso lado, costuma dizer a X. E é muito verdade. Nós ainda na semana passada fizemos...houve uma aluna que fez uma prova de aptidão profissional (PAP)... era um percurso ali em xxxxx, levámos uma série de turmas...nós além do secundário e do profissional, temos também turmas CEF que são turmas muito problemáticas. Porque a maior parte delas vem de famílias desestruturadas, alguns estão institucionalizados, todas estas questões e conseguimos passar um dia agradável com eles e foram contentes para casa porque foram conhecer outras coisas que não conheciam. E, portanto, a questão de levarmos a visitar empresas, é muito importante para eles verem. Resumindo e concluindo, tendo eles necessidades educativas especiais ou não, os meninos com necessidades educativas ainda mais, eles têm de perceber para que é que serve a escola. Eles muitas vezes não percebem porque é que têm de vir para a escola. E se eles virem que a escola vai ser um meio às vezes para eles saírem de um ciclo de desestruturação, para conseguirem ter um emprego melhor, para conseguirem ter um salário melhor, independência, eles ganham outra apetência para a escola. Se bem que às vezes os nossos alunos são jovens...grande parte deles adolescentes... funciona muito por fases. Nós temos alunos que o primeiro período se portaram muito bem, no segundo período começa a comportar pior, no terceiro, nós andamos sempre num regime de montanha-russa. Eu, às vezes, falo com a psicóloga e diz-me que o teu aluno andava tão bem e eu digo calma não desespere, não desespere que pode vir aí um momento melhor. Tem calma, vamos ver o que podemos fazer, mas temos de ter calma...

**Entrevistadora:** DT1, muito obrigada.

**DT1:** De nada Maria, foi um gosto. Olhe que corra tudo muito bem, e quando vier a cidade venha nos visitar, está bem?

**Entrevistadora:** Muito obrigada.

**DT1:** De nada.

### **Análise de dados da entrevista ao DT2**

Categories	Subcategorias	Indicadores
------------	---------------	-------------

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

Habilitações	Literárias	<p>-Licenciada em línguas e literaturas clássicas</p> <p>-Fiz a profissionalização no grupo disciplinar de português, latim e grego</p> <p>-Pós-graduação em teatro clássico</p> <p>-Fiquei também com o espanhol(licenciatura)</p> <p>-Pós-graduação em educação especial, domínio cognitivo e motor</p>
	Profissionais	<p>-Estive sempre ligada ao ensino profissional assim que eu acabei o estágio entrei logo para uma escola profissional</p> <p>-Estive no IEFP</p> <p>-Coordenadora durante oito anos noutra escola</p> <p>-Sou coordenadora da equipa multidisciplinar</p>
Atividade na escola	Tempo de serviço	<p>-Vinte e um (anos). Direções de turma inclusivamente</p> <p>-Há cerca de seis anos talvez ingressei na escola</p>
	Orientação de turma	<p>-Esforço enorme em chegar a todos os professores</p> <p>-Reúno sempre com os professores, tento sempre manifestar enfim as minhas</p>

		<p>preocupações junto do aluno, fazemos sempre uma primeira, uma primeira abordagem, uma primeira avaliação e depois geralmente o RTP sai mesmo a seguir a esta avaliação</p> <p>-A partir de agosto quando começamos a receber os processos individuais dos alunos eu começo a estudar um a um, para depois poder fazer os respetivos relatórios técnico-pedagógicos</p> <p>-Tento conversar com o aluno, sentir se há alguma frustração, se há alguma dificuldade, o porquê desta e daquela atitude, estou mais próxima deles e é mais fácil compreender o porquê de determinadas situações</p> <p>-Era necessário deixar utilizar o telemóvel na sala de aula (aluno sírio) Porquê? Porque ele tem o tradutor, e ele de facto acompanha as aulas com o telemóvel e é o único aluno que ali dentro...quer dizer estamos sempre atentos. Ele precisa daquele apoio dá-se aquele apoio e todos os outros compreendem</p> <p>-A equipa de educação especial...vamos buscar o aluno nós...fazemos é um trabalho individualizado</p> <p>-Nós é mais uma espécie de tutoria, uma espécie de tutor, e estamos ali para o</p>
--	--	---

		<p>ajudar a organizar o pensamento, em dar métodos de estudo e de organização, é mais nesse nível que funciona</p> <p>-Sim, dentro da sala de aula (estratégias)</p> <p>-Costumo usar também esta figura do aluno tutor</p> <p>-Eu muitas vezes promovo trabalhos de grupo e incluo, de facto, onde vejo que há elementos, enfim, mais fracos</p> <p>-Fazemos um esforço enorme em tentar integrá-los ao máximo na escola (os EE /pais)</p> <p>-Relativamente aos alunos com as necessidades educativas especiais, isso é obrigatório porque eles até têm que assinar o relatório técnico-pedagógico, eles têm que dar autorização, têm que ler, podem participar nele, ajudam-nos inclusivamente a fazer, a fazer o relatório, dando-nos ou facultando-nos algumas informações, portanto, a presença deles aqui é obrigatória, nem que seja para assinar</p> <p>-Temos um plano anual de atividades, eu diria que rico</p> <p>-Sim, nós temos artes gráficas, animador sociocultural, equipamentos...gestão de equipamentos informáticos, comunicação, publicidade e</p>
--	--	---

		<p>marketing e relações-públicas e depois ainda temos outra tipologia que é os CEF's equivale 8.º e 9.º ano (áreas de formação)</p> <p>-Todos, quase, a nível interno somos só quatro. (professores da escola)</p> <p>-Eles vêm do regular, eles têm especialização, por acaso (professores do ensino regular)</p> <p>-Eu diria que uns cinco ou seis... eles não estão a desempenhar funções na área de educação especial (professores)</p> <p>-O nosso plano de formação está aberto a docentes e não docentes</p> <p>-Há determinados temas que não lhe dizem respeito, mas há outros que sim, e podem sempre participar. (pessoal não docente)</p>
	Preocupações	<p>-A minha primeira preocupação é, de facto, que eles estejam devidamente integrados, aliás, incluídos na turma e que não se sinta a tal diferença</p> <p>-Este ano recebemos dois sírios aqui na escola..., o árabe...enfim...é uma língua totalmente diferente da nossa e aí houve...teve de haver uma preocupação enorme na inclusão destes alunos</p> <p>-Ver se o aluno tem módulos em</p>

		<p>atraso, ou não, se tem o caderno organizado, se não tem ajudá-lo nessa organização, se tem módulos em atraso ajudá-lo na gestão de conteúdos e na organização das matérias, depois encaminhamos para a psicóloga sempre que percebemos que há ali, de facto, a nível emocional algo que precisa de ser tratado</p> <p>-Às vezes as relações com este tipo de alunos às vezes não são muito fáceis, e sim, promovemos muitas vezes trabalhos de grupo</p> <p>-Os pais, por norma, são pessoas muito ausentes, é a experiência que eu tenho aqui no ensino profissional. Lá está...devido às circunstâncias e aos condicionalismos sociais, às famílias desestruturadas</p> <p>-Convocamos os pais para as reuniões e os pais simplesmente não aparecem</p> <p>-É talvez um dos pontos frágeis que temos, é o acompanhamento dos pais</p> <p>-Preocupamo-nos muito, como disse há pouco, de tirar os alunos dentro das quatro paredes, levá-los para fora, seja dentro ou fora da cidade, envolvemo-los, sempre que possível, com a comunidade</p>
	<p>Perspetivas de</p>	<p>-Eu penso que, no fundo, isso sempre</p>

Visão de inclusão	inclusão	<p>aconteceu...a partir da altura em que foi legislada nomeadamente com o 54, não é, vê-se de facto a inclusão no ensino profissional como algo agora já cimentado, mas a verdade é que isso sempre aconteceu. Eu acho que na realidade a escola profissional é efetivamente o ensino que mais inclui os alunos, na verdade sempre foi assim.</p> <p>-O ensino profissional sempre foi visto como o parente pobre da educação</p> <p>-(quando)me perguntavam em que escola é que eu dava aulas, quando eu lhes dizia que estava no ensino profissional não diziam nada por educação, mas eu percebia que havia algum estigma</p> <p>-O ensino profissional sempre incluiu esses alunos. Nós sempre aceitámos</p> <p>-Eu penso que nós sempre estivemos alinhados com a inclusão...na altura, se calhar, não havia a tal sinalização que há hoje e que a legislação obriga, mas nós já o fazíamos de forma intuitiva</p> <p>-Eu vejo com muito sucesso a inclusão no ensino profissional...a experiência diz-me que cada vez temos mais procura por parte destes alunos...de ano para ano os jovens com necessidades educativas especiais são cada vez mais a</p>
-------------------	----------	--

		<p>virem bater à porta da escola</p> <p>-Sim, a experiência, a experiência é um posto... tem-me ensinado bastante (sobre inclusão)</p> <p>-O que resulta com um não resulta com outro, o que resulta hoje com aquele, não resulta amanhã com o mesmo, enfim, eu penso que de facto a experiência nos ensina muito</p> <p>-Extremamente positivo (inclusão de alunos com NEE no EP)</p> <p>-E é por isso que eles (alunos)nos procuram, porque sabem que nós também somos diferentes</p> <p>-Eu pergunto, será que isso é inclusão, de facto, isso não será exclusão perante o outro, não é acentuar mais a diferença do aluno, não sei, pergunto eu (ter um professor de educação especial em sala)</p> <p>-Sim, mesmo muito. Eu acho que sim. Bastante. (Ensino profissional é inclusivo)</p> <p>-Se há ensino inclusivo é o ensino profissional</p> <p>-Mas se calhar também não os receberíamos, percebe? Só recebemos aqueles alunos que nós vemos que efetivamente temos resposta para eles, porque ao receber um aluno para o qual nós sabemos, a priori, que não há resposta então</p>
--	--	---

		<p>isso não é estar a incluir, é estar a excluir, portanto todos os alunos que até à data nos têm chegado e que nós temos aqui depois temos respostas.</p> <p>-Queria de facto frisar muito bem a ideia de que o ensino profissional não é o parente pobre da educação, que é bastante rico, que tem de ser valorizado, que é talvez aquele que é verdadeiramente inclusivo e eu penso que isso é o mais importante a destacar de toda a entrevista</p>
	Condições de inclusão	<p>-Eles acompanham e estão muito bem integrados na turma pelos colegas, porque inclusão é isso mesmo</p> <p>-Nós nunca tiramos um aluno para fora da sala de aula. Não! O aluno está sempre incluído na sala de aula</p> <p>-Trabalhamos muito, muito em uníssono, de forma muito homogénea por isso não se sente tanto, tanto a diferença (entre professores e estratégias)</p> <p>-Isso é inclusão porque, é como digo, não há qualquer diferença entre este aluno que tem hiperatividade ou um défice cognitivo ou outro que não apresenta qualquer, qualquer patologia, mas que também é diferente, porque os nossos alunos são todos diferentes (frequência estágio)</p>

		<p>-Tento sempre chegar junto dos professores...são eles que vão trabalhar com os alunos no sentido de lhes dar todas as informações possíveis para que eles (alunos) se sintam o mais incluídos possível dentro da sala de aula</p> <p>-O que é preciso é que ele sinta que está incluído na turma e que faz parte dela, isso é o mais importante.</p> <p>-Não se conseguia dar resposta... quando não se consegue dar resposta tem de se tentar o melhor para o aluno, é evidente, não é?! (aluna com “problemas graves”)</p> <p>-Não me parece que tenham muito mais para além do que nós temos. Aliás, pelo contrário, a dimensão eu acho que a dimensão como já lhe disse N vezes durante a entrevista é fundamental. (interior vs. grandes centros urbanos)</p> <p>-Não. Nunca senti (diferença entre interior e litoral)</p>
	<p>Importância do sucesso</p>	<p>-Eles tornam-se pessoas completamente diferentes, porque nós aqui no ensino profissional é tão importante ou mais do que os conteúdos programáticos é, de facto, saber ser, o saber estar e saber fazer</p> <p>-Para estes alunos que eu estou a referir a verdade é que este tipo de ensino</p>

		<p>eu penso que lhes assenta como uma luva, não é, porque é um ensino muito mais voltado para a parte prática, para o fazer, para enfim...o “pôr as mãos na massa”</p> <p>-Eu penso que sim. Sem dúvida... eles saem daqui, (escola) como disse, com ferramentas fundamentais para o mercado de trabalho, para o mundo lá fora, a nível de socialização saem muito mais ricos</p> <p>-Saem não só com a habilitação académica, do nono ao décimo segundo ano, mas saem com uma carteira profissional</p> <p>-Um dos alunos até está a trabalhar aqui na escola...outros sim estão no mercado de trabalho (alunos com NEE)</p>
	<p>Condições do sucesso</p>	<p>-São mais um elemento da turma e não se consegue sentir a diferença, não se sente a diferença aqui. E eu penso que isso é a verdadeira inclusão. Fazer diminuir ao máximo a diferença que esse aluno possa ter.</p> <p>-O conceito de necessidades educativas especiais, no ensino profissional, eu penso que é diferente, e ele próprio é especial, porque todos os nossos alunos são diferentes, como lhe disse no início. Pode não ser exatamente porque tem uma</p>

		<p>patologia associada, mas terá um vínculo qualquer, uma característica que o faz, que o faz diferente</p> <p>-Nós damos muita, muita importância à comunidade, e mantemos um vínculo muito estreito com ela</p> <p>-Eu penso que todo o sistema, o facto de estar numa escola pequena, o próprio plano curricular, o ensino modular, enfim eu penso que, de facto, tudo ajuda a que consigamos trabalhar com eles da melhor forma</p> <p>-O conjunto de características da escola favorecem de facto essa inclusão</p> <p>-Seremos poucos, funcionamos como uma família, com um ensino muito mais prático, temos todo o equipamento que precisamos disponível na escola, os professores utilizam, de facto, uma metodologia na avaliação muito mais centrada em trabalhos de grupo, naquilo que é prático...se não é necessário fazer testes não tem de haver testes obrigatoriamente. Os alunos podem ser avaliados de outras formas</p> <p>-Todos os professores estão despertos para, enfim, esta estratégia, para esta forma de pensar</p> <p>-Eu acho que temos tudo para que o</p>
--	--	--

		<p>aluno com necessidades educativas especiais tenha sucesso aqui dentro.</p> <p>-Temos acesso a tudo (recursos, estratégias e atividades)</p> <p>-Todos ele tem estágio, temos empresas que nos garantem sempre locais de estágios</p> <p>-São as próprias empresas que nos telefonam para recrutar colaboradores</p> <p>-Ficam nos locais de estágio para fazer férias ou até para trabalhar depois mais tarde (alunos)</p> <p>-O tecido empresarial é um tecido, é muito mais curto, mas nós também não temos um n.º de alunos que têm vocês aí na zona de Lisboa, é completamente diferente (dimensão EP e oferta mercado)</p>
<p>Caraterísticas da população atendida</p>	<p>Tipos de alunos</p>	<p>-Os alunos que vêm para nós, para o ensino profissional vêm sempre com um percurso muito sinuoso, já com várias reprovações, com rebeldias, às vezes com atitudes desviantes</p> <p>-Temos alguns défices cognitivos, temos hiperatividades e depois temos, enfim...aqueles défices, mas que são provenientes do seio social, famílias desestruturadas, pobres, maus-tratos...aquela deficiência, de facto, profunda nós não a temos. Não a temos de</p>

		<p>todo!</p> <p>-Penso que sim, o ensino profissionalizado está indicado para este tipo de aluno (alunos com NEE)</p> <p>-Não! (necessidade elaborar um PIT) Nós temos neste momento dois alunos autistas</p> <p>-Depende muito, não é, do aluno que temos à frente e do apoio, do apoio que o aluno, que o aluno precisa (recursos, estratégias e atividades)</p> <p>-Às vezes o aluno precisa apenas de ser mudado para o lugar da frente</p> <p>-Acho que o regular nos continua a enviar o que não quer (ensino regular e alunos)</p> <p>-Cada vez temos mais alunos sinalizados, sim</p> <p>-Com a abertura do ensino profissional no ensino regular que eles já têm necessidade de os ter lá também. Mas aqueles que são, que eles consideram efetivamente, não os quero chamar maus, mas que eles consideram efetivamente menos bons (alunos encaminhados para o ensino profissional)</p> <p>-Não temos patologias graves, não temos níveis de deficiência graves, nem nunca trabalhei de facto com nenhum jovem</p>
--	--	---

		<p>que o tivesse. Isso torna-se mais simples</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Problemas mais graves não nos procuram (alunos com NEE)</li> <li>-Tivemos de facto uma menina, nós não conhecíamos, não é, e como tal, de facto, porque tínhamos mesmo de a aceitar, aceitámo-la, e essa sim tinha problemas graves e ela foi devidamente encaminhada para uma instituição</li> </ul>
	Dificuldades	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Aqui no ensino profissional isso...enfim não se aplica mesmo porque não há o papel do professor de educação especial, não há o 910, digamos assim, aqui no ensino profissional..., o professor senta-se ao lado do aluno na mesma sala que todos os outros</li> <li>-A parte dos pais não é muito fácil</li> <li>-Eu senti necessidade, sim, de o fazer. (sensibilizar grupo turma) Falei com a turma várias vezes, levei o aluno (aluno sírio) para junto dos colegas, pedi-lhes que o incluíssem, que falassem com ele</li> <li>-Há dificuldades? Claro que sim, não é tudo um mar de rosas, mas eu penso que nós conseguimos ultrapassar (inclusão alunos com NEE)</li> </ul>
	Adaptação do corpo docente aos	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Ainda que o programa seja igual ou similar ao ensino regular, a verdade é que as metodologias e as formas de abordar os</li> </ul>

Adaptações necessárias	alunos	<p>conteúdos são diferentes</p> <p>-O próprio trato com o aluno é diferente, a relação. Depois é uma escola pequena, nós somos cento e quarenta alunos, nós conhecemo-los a todos</p> <p>-Nós temos uma equipa multidisciplinar...psicóloga...dois professores de educação especial que auxiliam todos os alunos que vêm sinalizados e outros que nós sinalizamos aqui</p> <p>-Eu nunca estive numa escola em que a direção estivesse sempre disponível para dar tudo aquilo que nós queremos</p> <p>-A parte pedagógica é, de facto, muito sensata, muito sensível e eles, de facto, tudo aquilo que nós necessitamos, a verdade é que eles nos facultam</p> <p>-Alguns alunos nomeadamente a nível da dislexia que funcionam muito bem com os computadores, a escola fez um, fez um esforço não só pela dislexia, por todos os alunos é evidente, mas isto é um exemplo, nós temos quase um ratio de um computador por aluno.</p> <p>-Os professores... têm sido sempre muito disponíveis e sempre prontos a ajudar.</p> <p>-Isso é mesmo extensível a todos os</p>
---------------------------	--------	---

	<p>professores, ao ensino profissional (trabalho de grupo como estratégia inclusão)</p> <p>-Trabalhamos todos muito da mesma forma, mesmo porque temos várias reuniões de trabalho, partilhamos preocupações e estratégias, também, e partilhamos experiências (corpo docente)</p> <p>-As escolas profissionais trabalham muito direcionadas para a comunidade ...temos uma série de protocolos com inúmeras instituições e empresas</p> <p>-As turmas também não são assim muito grandes e, portanto, é bastante fácil de trabalhar com eles quando é necessário chama-se, quando é necessário fala-se...fala-se com a turma, se é necessário falar com a turma sem que ele esteja presente também se faz, sem que ele perceba. Portanto, não é de todo difícil trabalhar com necessidades educativas especiais</p> <p>-Penso que muito bem...não nos falta nada, se nos faltasse não tínhamos qualquer problema em recorrer ao exterior, nomeadamente terapeutas ou instituições (recursos, estratégias e atividades)</p> <p>-Sempre conseguimos trabalhar muito bem com qualquer um destes alunos, talvez porque nunca houve nenhuma deficiência grave aqui dentro ou necessidades de facto</p>
--	--

		<p>que obrigassem, enfim, a outro tipo de estratégia</p> <p>-Por acaso temos (professores)... estão noutras áreas disciplinares, estão em matemática, outros estão em português, mas depois tem especialização em educação especial, e se calhar também ajuda, não é?!</p> <p>-Todos os anos nós damos formação na área</p>
	Adaptação dos alunos ao ensino profissional	<p>- (os alunos com NEE) nos surpreendem de forma significativa, vão para as empresas e a verdade é que os acompanhantes de estágio nos dizem que eles são excepcionais... isto mostra que estamos a fazer um bom trabalho ...a parte técnica é de facto muito prática</p> <p>-Muitas vezes eles vêm sinalizados..., mas às vezes eles não necessitam de medidas tão severas e tão pesadas. Exatamente pelas características do nosso ensino e da nossa escola... ensino muito mais próximo, muito mais prático... a questão profissionalizante, às vezes, por si só já são os apoios que eles precisam, e às vezes não precisam de facto de outros que já têm no relatório técnico-pedagógico</p> <p>-Estágio, formação em contexto de trabalho, que a isso obriga, mas depois</p>

		durante o ano também promovemos uma série de atividades com a comunidade
	Adaptação às características da avaliação	<p>-Fazer uma adaptação a este teste, se calhar é preferível o aluno no caso do português, por exemplo, o teste escrito fazê-lo no computador ou fazer algo oral</p> <p>-As provas de aptidão profissional, nós tentamos que sejam sempre, de facto, de dentro para fora. Quer isto dizer que eles apresentem sempre fora, quer seja relativamente a uma empresa, seja relativamente a uma efeméride...que seja sempre de dentro para fora e que eles tenham este contato, nós tentamos ao máximo.</p>

Síntese: a professora DT2 detém uma perspetiva muito positiva sobre inclusão de alunos com NEE no EP, afirmando que o EP sempre inclui alunos com NEE e, nos dias de hoje, cada vez mais, considerando a escola profissional e o seu ensino o mais inclusivo. Menciona, no entanto, que o EP continua a ser visto como “o parente pobre da educação” e os alunos que o frequentam têm um percurso complicado a nível de sucesso escolar ou familiar, mas capazes de se tornar pessoas diferentes pois o EP, mais do que os conteúdos programáticos, aposta no aluno, na relação e proximidade com o aluno, facilitada, igualmente, pela dimensão da escola. Considera que o ensino regular “nos continua a enviar o que não quer” e os alunos “menos bons” são encaminhados para o EP. Desta forma assevera ser o EP o ensino mais inclusivo.

Olha a inclusão dos alunos positiva pois, apesar das dificuldades conseguem surpreender e evoluir de “uma forma fantástica”, referindo que este tipo de ensino,

muito prático, “lhes assenta como uma luva”. No entanto realça que não tem na escola “deficiências profundas ou complexas”. Expõe algumas patologias como autismo, dislexia, défice de atenção, dificuldades. Refere que o EP, o seu plano curricular e modular ajuda no trabalho com os seus alunos.

O seu discurso é contraditório relativamente à educação especial, referindo que na escola não existe “o papel do professor de educação especial, não há o 910, digamos assim”, mas por outro lado refere pertencer e ser coordenadora da equipa multidisciplinar com uma psicóloga e dois professores da área. Observa que na escola os alunos não saem da aula e apenas quando necessário são apoiados na organização de conteúdos, materiais ou assinalados para acompanhamento psicológico, se necessário. Aliás, interroga se não será exclusão acentuar a diferença: “será que isso é inclusão, de facto, isso não será exclusão perante o outro, não é acentuar mais a diferença do aluno, não sei, pergunto eu”. Os alunos são acompanhados de igual forma por todos os professores, referindo que são mais um elemento da turma, considerando ser a verdadeira inclusão a “redução” da diferença que o aluno possa ter.

No entanto, e apesar de considerar o EP muito inclusivo, refere que “os problemas mais graves não nos procuram” e “se calhar também não os receberíamos, percebe?”, pois atenta que só devem “receber” os alunos para os quais têm respostas pois inclusão é conseguir dar resposta.

Relativamente a recursos afirma que a escola e a direção é muitíssimo disponível e sensível e tem tudo o necessário para o bom funcionamento da mesma. A escola possibilita ações de formação todos os anos para o corpo docente e não docente.

Como DT expõe como grande preocupação a inclusão dos seus alunos e que “não se sinta a tal diferença”. Observa o esforço em chegar a todo o corpo docente para manifestar eventuais preocupações sobre os alunos. Considera que muitos vêm sinalizados, mas não faz sentido no EP a aplicação das medidas sinalizadas, uma vez que as características do EP e da escola são suficientes a nível de apoio. Refere a preocupação de falar com todos os seus alunos.

Relativamente a recursos alude que dependem dos alunos. Pode ser necessário adaptar um teste ou apenas mudar de lugar. Sobre os professores nunca sentiu dificuldades e refere que estão sempre disponíveis para ajudar e acompanhar os alunos.

Observa que a ligação com os EE/pais não é fácil, embora seja basilar. Refere que são ausentes e é necessário um grande esforço para os incluir na educação dos seus filhos. Considera que de deve ao facto de se tratarem de famílias monoparentais, desestruturadas, às condições sociais. Realça, no entanto, que com os alunos com NEE os pais obrigatoriamente têm de acompanhar.

Quanto a atividades refere um plano anual muito rico e direcionado para a comunidade, com o cuidado de “tirar os alunos dentro das quatro paredes” e promover atividades no exterior. Alude a importância e trabalho do EP ser direcionado para a comunidade, referindo que existem vários protocolos com empresas e instituições. Considera que os estágios do EP a isso obrigam, mas que a escola promove sempre que possíveis experiências fora da escola. Referencia que os alunos os procuram (a escola) porque percebem que são diferentes e os levam, sempre que possível, para a comunidade com a qual, diz, mantêm uma grande proximidade.

Considera que ser DT no EP, nesta escola, é fácil porque a escola é pequena, as turmas são pequenas e todos se conhecem e não há dificuldade em “chegar” aos outros professores.

Quanto à avaliação refere uma metodologia mais centrada no aluno, em trabalhos de grupo, atividades, no mais prático, referindo que todos os professores “estão despertos para enfim esta estratégia”, usufruindo do necessário para que o aluno com NEE tenha sucesso. Salaria que saem da escola preparados para o mercado de trabalho e mais ricos a nível de socialização. Afirma que têm colocação no mercado de trabalho e as empresas os procuram, encontrando-se um destes seus alunos a trabalhar na própria escola.

Por último, deseja destacar que considera o EP “bastante rico, que tem de ser valorizado, que é talvez aquele que é verdadeiramente inclusivo e eu penso que isso é o mais importante a destacar de toda a entrevista”.

## Transcrição da entrevista ao DT2

Entrevista realizada online dia 18 de maio às 15h00

**Entrevistadora:** ... colocar o gravador aqui ao lado em caso de apagar-se a memória... é só para jogar pelo seguro.

**DT2:** Muito bem.

**Entrevistadora-** Eu devia ter começado com isto. DT2, autoriza nesta entrevista a sua gravação? No final se desejar eu posso facultar a transcrição, na eventualidade de desejar acrescentar ou eliminar alguma coisa que não deseje que figure na mesma. Está perfeitamente à-vontade porque isto é absolutamente confidencial, estes dados são confidenciais trata-se única e exclusivamente para o Mestrado na área especial no domínio cognitivo e motor que eu estou a terminar. Portanto está a gravar no momento, está bem?

**DT2-** Sim, está bem.

**Entrevistadora-** Pronto. Contextualização, DT2 por favor. Pode-me falar um pouco de si, das suas habilitações literárias, área de formação inicial, agora no momento...

**DT2-** Sim, olhe eu sou licenciada em línguas e literaturas clássicas, portanto, português, latim e grego pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, terminei em 2000, depois fiz a profissionalização no grupo disciplinar de português, latim e grego. Na altura já não existia grego na escola, portanto, eu estava mesmo no último ano quando extinguiram o grego, o grego das escolas secundárias. Depois em 2003 voltei a Coimbra para fazer uma pós-graduação em teatro clássico e depois poderia ter continuado para mestrado, mas decidi que não, fiz uma pausa. Entretanto, o espanhol começou a florescer e eu fui fazer em Madrid do Cervantes, mas na altura quando eu fiz, mas fiquei também com o espanhol. Entretanto, mais recentemente...ah! Estive sempre ligada ao ensino profissional assim que eu acabei o estágio entrei logo para uma escola profissional em cidade x, mas, também, estive no IEFP e dei aulas durante seis anos em Espanha, mas fazia ao mesmo tempo que dava aulas em Portugal, dava aulas em Portugal e depois seguia à tarde para Espanha, relativamente perto. E enfim, sempre estive mesmo ligada ao ensino profissional. Fui concorrendo ao público, mas sempre tudo muito residual. A tempo inteiro sempre foi o ensino profissional. Entretanto fui coordenadora durante oito anos noutra escola, também, e há cerca de seis anos talvez ingressei na escola xxxxx e aqui estou. Entretanto, na altura em que fiz a transição da outra escola profissional para esta onde estou decidi ingressar na pós-graduação em educação especial, domínio cognitivo e motor, mas na altura nem sequer, era para mestrado, era só mesmo para pós-graduação, para especialização, para conferir o grau de docência, era essa a minha ideia. Mas enfim...fui levada, fui levada, digamos assim,

e aqui estou eu também para finalizar o meu mestrado. E pronto, este foi o meu percurso académico e profissional.

**Entrevistadora:** Há quanto tempo, DT2, dá aulas? Realmente dá aulas, leciona e é diretora de turma no profissional?

**DT2:** Vinte e um anos, vinte e um. Direções de turma inclusivamente.

**Entrevistadora:** Muito tempo.

**DT2:** Sim, bastante.

**Entrevistadora:** Excelente, excelente. DT2, de que forma perspectiva ou vê a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais neste tipo de ensino, no profissional?

**DT2:** Eu penso que, no fundo, isso sempre aconteceu, não é?! Hoje em dia e a partir da altura em que foi legislada nomeadamente com o 54, não é, vê-se de facto a inclusão no ensino profissional como algo agora já cimentado, mas a verdade é que isso sempre aconteceu. Eu acho que na realidade a escola profissional é efetivamente o ensino que mais inclui os alunos, na verdade sempre foi assim. Quer queiramos quer não, o ensino profissional sempre foi visto como o parente pobre da educação, há muitos anos a esta parte, não é?! Portanto, eu lembro-me que quando iniciei o ensino profissional e, às vezes, alguns colegas me perguntavam em que escola, na altura ainda não havia agrupamentos, em que escola é que eu dava aulas, quando eu lhes dizia que estava no ensino profissional, não diziam nada por educação, mas eu percebia que havia algum estigma, não é?! Exatamente, por isso, porque na realidade os alunos que vêm para nós, para o ensino profissional vem sempre com um percurso muito sinuoso, já com várias reprovações, com rebeldias, às vezes com atitudes desviantes, às vezes, muitas vezes com comportamentos desviantes e, de facto, o ensino profissional sempre incluiu esses alunos. Nós sempre aceitámos e vê-se uma diferença quando eles entram no primeiro dia para a escola, seja esta, seja qualquer outra escola profissional, em todas elas eu senti, eu senti a mesma vivência. Portanto, eles tornam-se pessoas completamente diferentes, porque nós aqui no ensino profissional é tão importante ou mais do que os conteúdos programáticos, é de facto, saber ser, o saber estar e saber fazer também. Portanto, na realidade, eu penso que nós sempre tivemos alinhados com a inclusão. Simplesmente, na altura, se calhar, não havia a tal sinalização que há hoje, e que a legislação obriga, mas nós já o fazíamos de forma intuitiva, a verdade, a verdade é esta. Portanto eu vejo, eu vejo com muito sucesso a inclusão no ensino profissional. E aliás, a experiência diz-me que cada vez temos mais procura por parte destes alunos. A verdade é essa, de ano para ano os jovens com necessidades educativas especiais são cada vez mais a virem bater à porta da escola.

**Entrevistadora:** O trabalho, os anos de experiência que tem e o trabalho com estes jovens mudou a sua opinião sobre a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT2:** Sim, a experiência, a experiência é um posto, não é?! Uns melhores, outros piores preparados, mas a verdade é que depois a experiência dita tudo o resto. E sim, tem-me ensinado, tem-me ensinado bastante, de facto, nós quando saímos da universidade ainda saímos com aquela ideia romântica de que com aquela metodologia, com aquela planificação que aprendemos a fazer, com isto e com aquilo conseguimos fazer milagres. Não é verdade! Não há fórmulas mágicas de todo. O que resulta com um não resulta com outro, o que resulta hoje com aquele, não resulta amanhã com o mesmo, enfim, eu penso que de facto a experiência nos ensina muito. Depois claro, com alguma sensibilidade que eu penso que é fundamental no professor e com alguma intuição que eu penso também que é muito importante. E vamos fazendo dar a volta, mas sim, a experiência tem de facto ensinado muito, muito, nesta área da inclusão e agora sim claro com a pós-graduação veio ajudar um pouco mais, é evidente.

**Entrevistadora:** Relativamente às suas expectativas, relativas à inclusão destes jovens neste tipo de ensino, que é um ensino muito mais profissionalizado, muito mais orientado para o mercado de trabalho, considera que é positivo ou que é negativo?

**DT2:** Eu penso que é extremamente positivo. Mesmo porque muitas vezes os alunos não têm este ou aquele skill às vezes até têm défice...atenção, nós não temos, nós não temos deficiências profundas ou complexas, a verdade é que não. O que é que nós temos? Temos alguns défices cognitivos, temos hiperatividades e depois temos, enfim...aqueles défices, mas que são provenientes do seio social, famílias desestruturadas, pobrezas, maus-tratos, noutros casos, portanto, agora aquela deficiência de facto profunda nós não a temos. Não a temos de todo. Agora, mesmo para estes alunos que eu estou a referir a verdade é que este tipo de ensino eu penso que lhes assenta como uma luva, não é, porque é um ensino muito mais voltado para a parte prática, para o fazer, para enfim...o pôr as mãos na massa, como se costuma dizer, e eles sentem-se de facto úteis, e quando vão para estágios há uma evolução fantástica destes miúdos. Muitos daqueles, enfim, que a nível de aproveitamento nem são dos melhores, muitas vezes nos surpreendem de forma significativa, vão para as empresas e a verdade é que os acompanhantes de estágio nos dizem que eles são excepcionais, que são responsáveis, que sabem fazer, portanto, isto mostra que estamos a fazer um bom trabalho ...a parte técnica é de facto muito prática e a outra... enfim e a outra que em princípio é igual, portanto, o português, o inglês, a físico-química, ainda que o programa seja igual ou similar ao ensino regular, a verdade é que as metodologias e as formas de abordar os conteúdos são diferentes, quer queiramos quer não. O próprio trato com o aluno é diferente, a relação. Depois é uma escola pequena, nós somos cento e quarenta alunos, nós conhecemo-los a todos, quando eles entram pela porta da escola nós já sabemos se eles vêm bem-dispostos, se não vem, que algo se passa naquele ou no outro porque já vêm com um semblante mais carregado e é muito mais fácil trabalhar com eles. É quase uma família de verdade. A verdade é essa. Por isso penso que sim, o ensino profissionalizado está indicado para este tipo de aluno.

**Entrevistadora:** Nunca encontrou no seu percurso profissional um aluno que tenha necessidade de fazer um PIT? Com uma patologia mais complicada de gerir?

**DT2:** Não! Nós temos neste momento dois alunos autistas...um deles um pouquinho mais o outro não, é ligeiro. E posso dizer que o “mais ligeiro” sem qualquer problema e o outro já fez estágio no ano passado. Correu bem, não sei se tem módulos em atraso, será um ou dois, não sou diretora de turma dele, mas será um ou dois, portanto, a verdade é que eles acompanham e estão muito bem integrados na turma pelos colegas, porque inclusão é isso mesmo...a Maria é professora de educação especial, eu também sou. Nós sabemos perfeitamente que vamos fazendo, isto no ensino regular, porque aqui no ensino profissional isso...enfim não se aplica mesmo porque não há o papel do professor de educação especial, não há o 910, digamos assim, aqui no ensino profissional. Mas, nós temos uma forma, o professor senta-se ao lado do aluno na mesma sala que todos os outros e, de facto, eu pergunto, será que isso é inclusão, de facto, isso não será exclusão perante o outro, não é acentuar mais a diferença do aluno, não sei, pergunto eu... Aqui isso não acontece, nós temos uma equipa multidisciplinar, constituída pela psicóloga que é a xxxxx, depois tem dois professores de educação especial que auxiliam todos os alunos que vêm sinalizados e outros que nós sinalizamos aqui, porque alguns não vêm sinalizados e nós sinalizamos aqui, porque nós sentimos necessidade de o fazer, e na realidade eles são enfim, são mais um elemento da turma e não se consegue sentir a diferença, não se sente a diferença aqui. E eu penso que isso é a verdadeira inclusão. Fazer diminuir ao máximo a diferença que esse aluno possa ter.

**Entrevistadora:** DT2, quais são os recursos que a direção faculta, facultados pela direção da escola para a promoção da inclusão destes alunos? A direção...

**DT2:** Sim, sim. Eu costumo dizer que eu já passei por alguns, por algumas escolas, e não é por estar aqui agora, e por vestir a camisola, mas a verdade é que eu nunca estive numa escola em que direção estivesse sempre disponível para dar tudo aquilo que nós queremos, a verdade é esta. A parte financeira saúde, felizmente, e a parte pedagógica é, de facto, muito sensata muito sensível, e eles de facto, tudo aquilo que nós necessitamos, a verdade é que eles nos facultam. Nunca senti em algum momento que eles ficassem, enfim...renitentes ou reticentes relativamente a algo que possamos pedir. Eles, por exemplo, alguns alunos nomeadamente a nível da dislexia que funcionam muito bem com os computadores, a escola fez um, fez um esforço não só pela dislexia, por todos os alunos é evidente, mas isto é um exemplo, nós temos quase um ratio de um computador por aluno. Que é fantástico! E tudo aquilo que é realmente necessário a direção dispõe sempre, sempre, sempre!

**Entrevistadora:** Relativamente à sua orientação, direção de turma quais são os recursos que utiliza para inclusão dos seus alunos?

**DT2:** Relativamente à direção de turma a minha grande e a minha primeira preocupação é de facto que eles estejam devidamente integrados, aliás, incluídos na turma e que não

se sinta a tal diferença. Há sempre um esforço enorme em chegar a todos os professores, portanto, no início do ano eu faço sempre a caracterização da turma, tento compreender, eu também sou coordenadora da equipa multidisciplinar isso também ajuda-me um bocadinho, eu não sei o que é que os meus colegas disseram à Maria, mas relativamente a mim eu tenho, o percurso facilitado. Porque a partir de agosto quando começamos a receber os processos individuais dos alunos eu começo a estudar um a um, para depois poder fazer os respetivos relatórios técnico-pedagógicos, portanto, eu conheço-os a fundo, para mim é mais simples trabalhar nesse sentido. Portanto, eu reúno sempre com os professores, tento sempre manifestar enfim, as minhas preocupações junto do aluno, fazemos sempre uma primeira, uma primeira abordagem, uma primeira avaliação e depois geralmente o RTP sai mesmo a seguir a esta avaliação. Porque muitas vezes eles vêm sinalizados, eu não estou a dizer que eles vêm mal sinalizados, não é isso que eu quero dizer, mas às vezes eles não necessitam de medidas tão severas e tão pesadas. Exatamente pelas características do nosso ensino e da nossa escola. Como é um ensino muito mais próximo, muito mais prático, a tal... também a questão profissionalizante, às vezes, por si só já são os apoios que eles precisam, e às vezes não precisam de facto de outros que já tem no relatório técnico-pedagógico. Portanto, eu, enquanto diretora de turma, tenho um pouco o trabalho facilitado a esse nível e depois tento conversar com o aluno, sentir se há alguma frustração, se há alguma dificuldade, o porquê desta e daquela atitude, estou mais próxima deles e é mais fácil compreender o porquê de determinadas situações.

**Entrevistadora:** Com o grupo, com o grupo de professores que acompanha a sua turma, orientação de turma, quais são os recursos que aconselha porque ajuda os outros professores, não é? Quais são os recursos que a escola faculta aos outros professores?

**DT2:** Nós...quer dizer isto também depende muito, não é, do aluno que temos à frente e do apoio, do apoio que o aluno, que o aluno precisa, como é evidente. Às vezes o aluno precisa apenas de ser mudado para o lugar da frente, ficar longe de uma janela, enfim...que possa ser um elemento distrator, às vezes, de facto, basta isso. Outras vezes não, já aconteceu dizer olha é preciso de facto fazer uma adaptação a este teste, se calhar é preferível o aluno, no caso do português, por exemplo, o teste escrito fazê-lo no computador ou fazer algo oral...este ano recebemos dois sírios aqui na escola, foi a primeira vez que tivemos esta experiência. Porque uma coisa é quando eles, enfim, vêm da Europa, temos ucranianos ou vêm do Brasil e a língua é a mesma, enfim... Nós temos uma diversidade enorme, a verdade é essa. Agora, o árabe...enfim...é uma língua totalmente diferente da nossa, e aí houve...teve de haver uma preocupação enorme na inclusão destes alunos porque por si só eles já vinham de um ambiente de guerra e psicologicamente já não viriam muito bem, depois chegam aqui deparam-se com uma língua que não conhecem, numa turma em que não percebem nada, portanto houve de facto necessidade e eu falei com todos os professores no sentido que era necessário deixar utilizar o telemóvel na sala de aula. Porquê? Porque ele tem o tradutor e ele de

facto acompanha as aulas com o telemóvel e é o único aluno que ali dentro...quer dizer estamos sempre atentos. Ele precisa daquele apoio, dá-se aquele apoio e todos os outros compreendem. Quando as coisas são explicadas...eles entendem todos muito bem. E os professores, os professores...pelo menos até ao dia de hoje têm sido sempre muito disponíveis e sempre prontos a ajudar. Nunca senti qualquer resistência da parte de algum deles.

**Entrevistadora:** O bom da entrevista é que nós nos vamos atropelando, passo a expressão, entre questões o que é ótimo. Vamos acrescentando pontos e é sempre uma mais-valia. Embora já abordamos algumas e voltamos atrás e é sempre extraordinário o que vamos descobrir com as respostas...já falou um pouco, mas eu vou referir de todo o modo, colocar a questão, quais são as estratégias que utiliza para incluir um aluno com necessidades educativas especiais, de forma isolada, ocasional ou individual? Sozinho?

**DT2:** Sozinho, mas está a falar... nós não fazemos, nós nunca tiramos um aluno para fora da sala de aula. Não! O aluno está sempre incluído na sala de aula. O que acontece às vezes sim, várias vezes, mas isso é a equipa de educação especial... nós vamos buscar o aluno...pode ser a uma hora que eu tenha vaga ou que não tenha qualquer atividade letiva ou até podemos ir buscá-lo a qualquer uma disciplina. E o que nós fazemos é um trabalho individualizado mas no sentido, não é daquela disciplina onde o vamos buscar, mas enfim, o que nós fazemos é um acompanhamento individual no sentido de ver se o aluno tem módulos em atraso, ou não, se tem o caderno organizado, se não tem ajudá-lo nessa organização, se tem módulos em atraso ajudá-lo na gestão de conteúdos e na organização das matérias, depois encaminhamos para a psicóloga sempre que percebemos que há ali, de facto, a nível emocional algo que precisa de ser tratado, ainda que a psicóloga fale com eles amiúde, fala com todos os alunos da escola, não só aqueles que tem necessidades educativas especiais, mas todos eles. E, de facto, é feito um trabalho, mas não dentro da sala de aula. Nós retiramos, mas não para ter aquela disciplina como funciona a figura do papel de educação especial no regular, não tem nada a ver. Nós é mais uma espécie de tutoria, uma espécie de tutor, e estamos ali para o ajudar a organizar o pensamento em dar métodos de estudo e de organização, é mais nesse nível que funciona.

**Entrevistadora:** Estratégias grupais, coletivas, estruturadas utilizam...?

**DT2:** Isso sim, dentro da sala de aula. Eu, por exemplo, costumo usar também esta figura do aluno tutor, não é, porque eles também se sentem responsabilizados, mais responsáveis e úteis. Aquele aluno que eu vejo como sendo mais forte em determinada matéria eu muitas vezes promovo trabalhos de grupo e incluo, de facto, onde vejo que há elementos, enfim, mais fracos ou que precisa, de facto, ali de uma especial atenção e os tais trabalhos de grupo é muito importante, e nós sabemos que às vezes as relações com este tipo de alunos às vezes não são muito fáceis, e sim, promovemos muitas vezes trabalhos de grupo. Mas isso é, isso é mesmo extensível a todos os professores, ao ensino profissional...

**Entrevistadora:** É a questão que eu vou colocar a seguir é relativamente aos outros professores, quais são as estratégias utilizadas para a inclusão dos alunos?

**DT2:** Eu penso que também nós trabalhamos todos muito da mesma forma, mesmo porque temos várias reuniões de trabalho, partilhamos preocupações e estratégias, também, e partilhamos experiências. E então trabalhamos muito, muito em uníssono, de forma muito homogénea. E por isso não se sente tanto, tanto a diferença, não há muito aquela questão, Ai, na aula de português é assim, mas depois na aula de físico-química já funciona de outra maneira. Não, eu penso que a esse nível temos de facto uma coesão e bastante sustentável, parece-me!

**Entrevistadora:** Relativamente aos pais, ou encarregados de educação que podem não ser os pais, que são elementos essenciais, como sabe, quais são as estratégias que utiliza?

**DT2:** Olhe a parte dos pais não é muito fácil. Ainda que seja fundamental. E eu explico-lhe porquê, grande parte das vezes estes miúdos...eu às vezes, costumo dizer, que eles até têm atitudes muito enfim costumo dizer, como é que eu hei de dizer isto sem, sem que seja mal interpretada. Costumo dizer que às vezes os comportamentos não são assim tão desviantes para os pais que têm. O que eu quero dizer com isto?! Os pais, por norma, são pessoas muito ausentes, é a experiência que eu tenho aqui no ensino profissional. Lá está...devido às circunstâncias e aos condicionalismos sociais, às famílias desestruturadas, eu diria que grande parte dos nossos alunos pertencem a famílias monoparentais, aqueles que não pertencem, muitas vezes, com conflitos domésticos em casa, de facto, com problemas e com tendências que não deviam ter para a idade que têm. Quer isto dizer que nós muitas vezes nós convocamos os pais para as reuniões e os pais simplesmente não aparecem. No entanto, nós fazemos um esforço enorme em tentar integrá-los ao máximo na escola. Para já, e relativamente aos alunos com as necessidades educativas especiais, isso é obrigatório porque eles até têm que assinar o relatório técnico-pedagógico, eles têm que dar autorização, têm que ler, podem participar nele, ajudam-nos inclusivamente a fazer, a fazer o relatório, dando-nos ou facultando-nos algumas informações, portanto, a presença deles aqui é obrigatória, nem que seja para assinar. Porém, nem sempre depois durante o ano essa presença é frequente. Ainda que, nós façamos o esforço enorme para que eles estejam sempre presentes e para que saibam das dificuldades, ou da falta de assiduidade ou do aproveitamento dos alunos. Mas, infelizmente, eu acho que esse é talvez um dos pontos frágeis que temos, é o acompanhamento dos pais, infelizmente.

**Entrevistadora:** Relativamente a estratégias que são utilizadas e junto com a comunidade para a inclusão destes alunos DT2?

**DT2:** As escolas profissionais trabalham muito direccionadas para a comunidade, não é. Temos uma série de protocolos com inúmeras instituições e empresas, muitos, também, pela força do estágio, formação em contexto de trabalho que a isso obriga, mas depois

durante o ano também promovemos uma série de atividades com a comunidade envolvente no sentido de levarmos os alunos a conhecer, de lhes darmos a conhecer, enfim... deles terem experiência de vida para lá da escola. E no fundo isso é inclusão porque, é como digo, não há qualquer diferença entre este aluno que tem hiperatividade ou um défice cognitivo ou outro que não apresenta qualquer, qualquer patologia, mas que também é diferente, porque os nossos alunos são todos diferentes. A verdade é essa! O conceito de necessidades educativas especiais, no ensino profissional, eu penso que é diferente, e ele próprio é especial, porque todos os nossos alunos são diferentes, como lhe disse no início. Pode não ser exatamente porque tem uma patologia associada, mas terá um vínculo qualquer, uma característica que o faz, que o faz diferente. E é por isso que eles nos procuram, porque sabem que nós também somos diferentes e levamos, sempre que possível, para a comunidade. Aqui na nossa escola talvez seja um pouco mais forte essa vertente porque nós temos o curso de animador sociocultural, a xxxxx é a diretora de turma, aliás é a diretora de curso, então nós desenvolvemos mesmo muitas, muitas atividades. Infelizmente, estes últimos dois anos tínhamos de estar um pouco mais fechados pelos constrangimentos do covid, mas ainda assim tentámos desenvolver, nós fazemos sempre por exemplo uma festa de Natal no cineteatro, não a pudemos fazer naquele ano em que nos fechámos todos em casa, mas fizemos online e enviámos para todos os lares, creches, infantários e os nossos miúdos não deixaram de fazer as suas atividades por causa do covid. Portanto, nós damos muita, muita importância à comunidade, e mantemos um vínculo muito estreito com ela.

**Entrevistadora:** Interessante. Acabamos por ligar duas questões, um dois em um, diria, iria perguntar-lhe que tipo de atividades, a par das estratégias a escola promove para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

**DT2:** Sim, no fundo já respondi. Nós temos um plano, nós temos um plano anual de atividades, eu diria que rico. Nós, geralmente, quando iniciou o ano em setembro já temos mais ou menos o plano delineado que, entretanto, vai ficando completo porque há outras que vão surgindo, não é?! E eu penso que sim, que o nosso plano de atividades é bastante rico. Preocupamo-nos muito, como disse há pouco, de tirar os alunos dentro das quatro paredes, levá-los para fora, seja dentro ou fora da cidade, envolvemo-los, sempre que possível, com a comunidade, e depois este curso, de facto, que eu lhe falei de animador sociocultural é fortíssimo porque, pelas suas características, quase que obriga a isso mesmo, a que eles saiam, a que eles se envolvam, e depois até PAPs, as provas de aptidão profissional, nós tentamos que sejam sempre ,de facto, de dentro para fora. Quer isto dizer que eles apresentem sempre fora, quer seja relativamente a uma empresa, seja relativamente a uma efeméride que às vezes acontece, por exemplo, do curso de animador sociocultural o que quer que seja, que seja sempre de dentro para fora e que eles tenham este contato, nós tentamos ao máximo.

**Entrevistadora:** DT2, a chamada vai cair, eu vou reiniciar novamente.

**DT2:** Ok, ok, certo.

**Entrevistadora:** Obrigada! Obrigada, DT2, parece que voltamos outra vez às aulas online. Vantagens de termos aprendido a trabalhar com estas plataformas também.

**DT2:** É verdade. Nem tudo é mau.

**Entrevistadora:** Como orientadora de turma, ou como diretora de turma como preferir, quais são o tipo de atividades que implementa junto dos seus alunos para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

**DT2:** Foi como lhe disse, como lhe disse há pouco, portanto, eu tento sempre chegar junto dos professores não é, que é fundamental, que são eles que vão trabalhar com os alunos no sentido de lhes dar todas as informações possíveis para que eles se sintam o mais incluídos possível dentro da sala de aula. Depois enquanto diretor de turma aqui nesta escola não é difícil fazer o papel de diretora de turma, porque é como digo, a escola é pequena e nós estamos muito perto deles, portanto conseguimos sentir todas as suas dificuldades, todas as suas ansiedades, todos os seus medos, este aluno autista, por exemplo, que falava...como sabe, uma das características do autista é que ele é extremamente metódico, organizado, nada pode fugir daquela rotina. Eu lembro-me que o aluno, às vezes, relativamente ao horário preocupava-o um pouco e neste sentido, por exemplo, há sempre a necessidade de falar amiúde com ele, explicar o porquê das coisas, o porquê de alguma mudança de horário... estava a dizer que não é difícil ser-se diretora de turma numa escola pequena. Como disse no início conseguimos quase perceber o estado de espírito com que eles chegam, chegam à escola. As turmas também não são assim muito grandes e, portanto, é bastante fácil de trabalhar com eles quando é necessário chama-se, quando é necessário fala-se...fala-se com a turma, se é necessário falar com a turma sem que ele esteja presente também se faz, sem que ele perceba. Portanto, não é de todo difícil trabalhar com necessidades educativas especiais.

**Entrevistadora:** Tem cinco cursos de formação, certo? Vocês têm cinco áreas de formação profissional?

**DT2:** Sim, nós temos artes gráficas, animador sociocultural, equipamentos...gestão de equipamentos informáticos, comunicação, publicidade e marketing e relações-públicas e depois ainda temos outra tipologia que é os CEF's equivale 8.º e 9.º ano. Estes são talvez os mais difíceis! Eu sou diretora de curso dos CEF's e, de facto, não sejam os mais fáceis, mas também pela idade. Eles enfim, estão naquela idade mais complicada e às vezes torna-se um pouquinho mais difícil. Ainda assim, não é, não é de todo impossível nem complicado eles serem trabalhados e com estratégias, com trabalhos de grupo, enfim, com lugares diferenciados e alguma atenção e a tal intuição e, de facto, com alguma sensibilidade consegue-se fazer um bom trabalho. A escola é pequena e isso ajuda muito.

**Entrevistadora:** A relação é tudo, como é óbvio, não é? Nunca sentiu necessidade de pedir à turma ou sensibilizar a turma? Já sentiu necessidade de falar com o grupo turma

para algum aluno em particular de forma a ficarem...a que inclusão corra bem? Nunca sentiu essa necessidade? Casos mais complicados...

**DT2:** Este ano, este ano aluno sírio de que eu falava há pouco. Portanto ele chegou, chegou aqui à escola e o ano letivo já tinha arrancado, porque ele veio transferido de uma outra escola da cidade, enfim...quer pela dificuldade da língua, quer pelas próprias características, quer pelos condicionalismos que o levaram a fugir do seu país, da guerra, era um menino que se isolava muito, não é, depois não falava, não o percebiam e eu senti necessidade, sim, de o fazer. Falei com a turma várias vezes, levei o aluno para junto dos colegas, pedi-lhes que o incluíssem, que falassem com ele, eles diziam “-ó professora, mas é que nós não o entendemos”, e eu dizia, mas coisas básicas, o que é preciso é que ele sinta que está incluído na turma e que faz parte dela, isso é o mais importante. Portanto, este ano sim, senti de facto essa necessidade. Portanto correu bem e hoje em dia, ele está perfeitamente integrado na turma e até já se ri da piada dos alunos, ainda que ele não domine a língua muito bem, mas já compreende e já partilha das brincadeiras.

**Entrevistadora:** Na sua opinião o ensino profissional é inclusivo?

**DT2:** Eu acho que sim, mesmo muito. Eu acho que sim. Bastante.

**Entrevistadora:** E aquela história que nós ouvimos. Atenção que isto é pura especulação, não é um facto. Aquilo que nós ouvimos de que quem está no ensino profissional, os meninos que tem dificuldade são encaminhados para o profissional. Considera que é realmente assim?

**DT2:** Eu acho que continua a ser assim. Eu acho que o regular nos continua a enviar o que não quer. Eu acho que sim, por isso é que eu lhe dizia no início que cada vez temos mais alunos sinalizados, sim. Porque eu acho que continua assim, ainda que, também é verdade, com a abertura do ensino profissional no ensino regular que eles já têm necessidade de os ter lá também. Mas aqueles que são, que eles consideram efetivamente, não os quero chamar maus, mas que eles consideram efetivamente menos bons, eles...eu penso que sim. Por isso é que digo que se há ensino inclusivo é o ensino profissional. Mas eu digo a quem quer que seja e sem qualquer problema.

**Entrevistadora:** Identifica algum tipo de dificuldade relativamente ao processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais? Qual é a dificuldade que...há alguma que me consiga identificar?

**DT2:** É como lhe digo, nós aqui não temos enfim, não temos patologias graves, não temos níveis de deficiência graves, nem nunca trabalhei de facto com nenhum jovem que o tivesse. Isso torna-se mais simples. Mas sim, portanto, existem dislexias, existem miúdos que chegam aqui junto de nós e que mal sabem ler, não me pergunte como é possível chegarem ao oitavo ou até ao décimo a lerem mal, mas isso existe e nesses casos claro que há sempre necessidade de adaptarmos conteúdos, currículos,

até...matérias, apesar de outra forma, de adaptarmos uma ficha de avaliação, claro que sim, que há, mas eu penso que o próprio sistema modular favorece o bom aproveitamento e leva a que as coisas depois funcionem e ao sucesso. Porque, enfim, eu costumo dizer quando eu costumo dizer que são, que são gavetinhas, caixinhas que eles vão arrumando uma a uma e depois no final têm todas fechadas e está tudo arrumadinho. E é um pouco isso. E este sistema organizativo também os ajuda a eles organizarem-se. Então eu penso que ajuda, eu penso que todo o sistema, o facto de estar numa escola pequena, o próprio plano curricular, o ensino modular, enfim eu penso que, de facto, tudo ajuda a que consigamos trabalhar com eles da melhor forma. Há dificuldades? Claro que sim, não é tudo um mar de rosas, mas eu penso que nós conseguimos ultrapassar .

**Entrevistadora:** DT2 de que forma avalia os recursos que tem disponíveis, as estratégias que são implementadas e as atividades que são desenvolvidas para os alunos com necessidades educativas especiais?

**DT2:** Penso que muito bem, também já lhe respondi a essa questão, não é, ao longo da entrevista. Eu acho que não nos falta nada, se nos faltasse não tínhamos qualquer problema em recorrer ao exterior, nomeadamente terapeutas ou instituições porque ,de facto, a relação com a comunidade também é muito boa como lhe disse. Mas posso dizer que nunca houve essa necessidade, porque nós cá dentro sempre conseguimos. Sempre conseguimos trabalhar muito bem com qualquer um destes alunos, talvez porque nunca houve nenhuma deficiência grave aqui dentro ou necessidades de facto que obrigassem, enfim, a outro tipo de estratégia. Não, não tenho essa experiência.

**Entrevistadora:** E na sua opinião...

**DT2:** Mas também, peço desculpa, mas se calhar também não os receberíamos, percebe? Nós só recebemos aqueles alunos que nós vemos que efetivamente temos resposta para eles, porque ao receber um aluno para o qual nós sabemos, a priori, que não há resposta então isso não é estar a incluir, é estar a excluir, portanto todos os alunos que até à data nos têm chegado e que nós temos aqui depois temos respostas.

**Entrevistadora:** Mas hoje em dia, na lei, são vocês que fazem a triagem?

**DT2:** Não nos procuram. Aqueles problemas mais graves não nos procuram. Por uma vez tivemos de facto uma menina, nós não conhecíamos ,não é, e como tal, de facto, porque tínhamos mesmo de a aceitar, aceitámo-la, e essa sim tinha problemas graves e ela foi devidamente encaminhada para uma instituição porque, de facto, não se conseguia dar resposta... quando não se consegue dar resposta tem de se tentar o melhor para o aluno, é evidente, não é?! Mas até à data, não temos, não temos cá problemas graves.

**Entrevistadora:** Na sua opinião quais são os fatores de sucesso, sucesso, que considera importantes e contribuem para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT2:** Quais são?

**Entrevistadora:** Fatores de sucesso.

**DT2:** Fatores de sucesso?!

**Entrevistadora:** Que contribuem para a inclusão.

**DT2:** Vou repetir uma vez mais, mas é como lhe digo...eu penso que o conjunto de características da escola favorecem de facto essa inclusão. O facto de sermos poucos, funcionamos como uma família, com um ensino muito mais prático, temos todo o equipamento que precisamos disponível na escola, os professores utilizam, de facto, uma metodologia na avaliação muito mais centrada em trabalhos de grupo, naquilo que é prático...se não é necessário fazer testes não tem de haver testes obrigatoriamente. Os alunos podem ser avaliados de outras formas. Aliás nós estamos diariamente com eles, portanto nós conhecemos perfeitamente bem, não é preciso um teste para dizer este aluno é um aluno de quatro ou é um aluno de três. E eu penso que todos os alunos, peço desculpa, todos os professores estão despertados para enfim esta estratégia, para esta forma de pensar. Portanto, eu acho que temos tudo para que o aluno com necessidades educativas especiais tenha sucesso aqui dentro.

**Entrevistadora:** O corpo docente tem acesso a formação? A DT2 tem formação na área, mas o corpo docente?

**DT2:** Somos muitos, eu penso que nós, uma escola tão pequena com cento e quarenta alunos, eu penso que temos para aí uns cinco ou seis que são especializados em educação especial. Por acaso temos... estão noutras áreas disciplinares, estão em matemática, outros estão em português, mas depois têm especialização em educação especial, e se calhar também ajuda, não é?! Somos muitos e enfim...quer queiramos quer não, estamos mais abertos para estas questões.

**Entrevistadora:** Têm professores que vêm do exterior também ministrar algumas disciplinas?

**DT2:** Todos, quase, a nível interno somos só quatro.

**Entrevistadora:** Então os professores que vêm de fora também tem essa formação? É isso?

**DT2:** Eles vêm do regular, eles têm especialização, por acaso. Aliás, muitos deles acabaram por fazer a especialização já depois de terem vindo trabalhar connosco. Mas, coincidentemente, muitos deles tem especialização em educação especial, eu diria que uns cinco ou seis. Somos muitos... e é como lhe digo eles não estão a desempenhar funções na área de educação especial.

**Entrevistadora:** Quem não tem, tem acesso a formação? A escola... quem não tem, tem acesso a formação?

**DT2:** Sim, todos os anos, todos os anos nós damos formação na área, mesmo...enfim o professor XXX está muito ligado a esta área, a mulher dele é diretora do Mestrado em Educação Especial e todos os anos...aliás, tivemos formação a semana passado, tivemos exatamente formação na semana passada, sobre, sobre as patologias enfim, os alunos com necessidades educativas especiais, no ano passado tivemos sobre autismo, sobre necessidades educativas especiais em geral, portanto há formação.

**Entrevistadora:** Os funcionários da casa também tem formação, acesso a formação? Os funcionários?

**DT2:** Sim, o nosso plano de formação está aberto a docentes e não docentes. E é evidente que há determinados temas que não lhe dizem respeito, mas há outros que sim, e podem sempre participar.

**Entrevistadora:** Que acompanham os alunos no espaço exterior...

**DT2:** Claro, claro, evidente, evidente que sim.

**Entrevistadora:** DT2 considera a inclusão destes alunos na escola vantajosa para os mesmos?

**DT2:** Eu penso que sim. Sem dúvida. Porque eles saem daqui, como disse, com ferramentas fundamentais para o mercado de trabalho, para o mundo lá fora, a nível de socialização saem muito mais ricos, porque, é como lhe digo, enfim nós somos de facto uma família, e tentamos promover ao máximo atividades sempre que possível e porque depois saem, depois saem daqui qualificados profissionalmente. Eles saem não só com a habilitação académica, do nono ao décimo segundo ano, mas saem com uma carteira profissional, estágio, fazem estágio durante dois anos...

**Entrevistadora:** Os seus alunos que têm necessidades educativas especiais que ingressaram no mercado de trabalho estão no mercado de trabalho?

**DT2:** Posso dizer que um dos alunos até está a trabalhar aqui na escola. Um desses alunos até trabalha connosco diariamente. É excelente! E outros sim estão no mercado de trabalho. É como lhe digo não se vê diferença, não consigo notar diferença.

**Entrevistadora:** Considera que a escola então reúne todas as condições para garantir a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional, uma vez que se encontra numa cidade de interior?

**DT2:** Sim, também sinto...eu não conheço, não conheço a realidade de Lisboa, enfim, eu não conheço, mas não me parece que tenham muito mais para além do que nós temos. Aliás, pelo contrário, a dimensão eu acho que a dimensão como já lhe disse N vezes durante a entrevista é fundamental.

**Entrevistadora:** Considera que tem acesso a todos os recursos? A todas as estratégias necessárias?

**DT2:** Todos, todos. Vivemos numa sociedade global. Temos acesso a tudo.

**Entrevistadora:** Não acha que estão esquecidos por se encontram longe dos grandes centros urbanos?

**DT2:** Não. Não, não. Nunca senti, nunca senti.

**Entrevistadora:** A nível de oferta, a nível de colocação no mercado?

**DT2:** Não, é evidente, vamos lá ver, claro que o tecido empresarial é um tecido, é muito mais curto, mas nós também não temos um n.º de alunos que têm vocês aí na zona de Lisboa, é completamente diferente. Portanto, enfim, mesmo em termos de locais de estágio todos eles tem estágio, temos empresas que nos garantem sempre locais de estágios, temos empresas que N vezes nos ligam a perguntar se não temos alunos a precisarem de trabalho. Isso acontece-nos N vezes. Isso é muito bom, é um sintoma, de facto, que as coisas estão a funcionar. Várias vezes são as próprias empresas que nos telefonam para recrutar colaboradores. Portanto é porque gostaram do trabalho deles durante o estágio. E já não é a primeira vez que eles lá ficam nos locais de estágio para fazer férias ou até para trabalhar depois mais tarde.

**Entrevistadora:** Por último DT2 alguma questão adicional que considere que seja pertinente e relevante para o meu trabalho que queira acrescentar?

**DT2:** Eu penso que não, eu penso que falamos um pouco, eu penso que falamos um pouco de tudo, mas eu queria de facto frisar muito bem a ideia de que o ensino profissional não é o parente pobre da educação, que é bastante rico, que tem de ser valorizado, que é talvez aquele que é verdadeiramente inclusivo e eu penso que isso é o mais importante a destacar de toda a entrevista, na minha opinião, como é evidente.

**Entrevistadora:** DT2 muito obrigada pela colaboração! Vou parar a gravação.

**DT2:** De nada. Se precisar de alguma coisa, Maria, se precisar de alguma coisa, se houver algo que tenha ficado...

### **Análise de dados da entrevista ao DT3**

Categories	Subcategorias	Indicadores
Habilitações	Literárias	-Licenciada em Animação

		Sociocultural, tenho uma pós -graduação em Intervenção social escolar e encontro-me no 2.º ano do Mestrado de Ensino Especial- Domínio cognitivo e motor.
	Profissionais	-Formadora na área da animação cultural
Atividade na escola	Tempo de serviço	-Doze anos
	Orientação de turma	<p>-Sou diretora de turma há anos</p> <p>-Temos dois polos... uma extensão... estamos a lecionar algumas aulas na escola XXXXX. tem outra aparência, tem, mas depois ainda não dá resposta aquilo que nós necessitamos porque ter dois edifícios separadamente também não, não ajuda...todos no mesmo sítio acho que faríamos um melhor trabalho</p> <p>- Depende não é, de cada situação, é óbvio...tento trabalhar muito com a família... eles é que conhecem os filhos... são eles que nos podem dar algumas dicas e que nos podem ajudar por vezes a perceber determinados comportamentos (recursos)</p> <p>-Nos conselhos de turma, é apelar sempre a todos os colegas que haja adequações sempre que eles (alunos) necessitam</p> <p>-Há um trabalho junto dos colegas mais próximo, dos professores</p>

		<p>-Depende de caso para caso, não há uma receita. (recursos)</p> <p>-Marco reuniões... se a situação estiver controlada basta ligarmos...esses pais, por vezes, também precisam de reforço positivo e saber que a situação está a correr bem, portanto, aquilo que às vezes faço é que eu telefono, eles todos tem o meu contacto, eles ligam, às vezes ao sábado, ao domingo de manhã, há uma proximidade muito grande entre a família</p> <p>-Manter um contacto muito próximo com as famílias, acho que isso é fundamental</p> <p>-A maior parte dos nossos pais, não sei se posso dizer isto, grandes partes dos nossos pais estamos a falar de famílias desestruturadas, de famílias..., portanto que não são famílias tradicionais, a nível de estabilidade emocional e financeira acaba por ser muito, muito instável</p> <p>-Eu não tenho tido problemas ...quando necessito de colocar uma pessoa em contexto de trabalho eu nem sequer tenho ou raras são as situações em que eu tenho a necessidade de solicitar às entidades para terem outro tipo de apoio</p> <p>-O curso de animação por si é uma área inclusiva... porque é a própria dinâmica do curso...é propício a que haja a</p>
--	--	--

	<p>própria inclusão, não é?! Os próprios temas que são abordados, os tipos de atividades, desde o teatro, da dança, da música, acabam por ser os...os métodos que são utilizados por incluir</p> <p>-Nós acabamos por fazê-los com todos. Porque é uma coisa coletiva e são temas que abordam todos, que toca a todos (grupo turma)</p>
Preocupações	<p>-Outra questão que me preocupa...o tipo de alunos que frequenta a nossa escola, são jovens com algumas problemáticas cognitivas, com défices de atenção e aqui é simples conseguirmos adequar. Às vezes nem sequer é necessário fazer adequações porque eles conseguem acompanhar...outro tipo de alunos, como autistas, aí sim, eu acho que não estamos ainda capacitados para dar resposta a este tipo de problemáticas</p> <p>-A nossa escola não tem condições, nem físicas, nem humanas para dar resposta a estes jovens. E quando eles nos procuram, eu vou ser honesta, eu fico apreensiva porque acho que nós não vamos conseguir dar resposta que eles merecem e devem ter.</p> <p>-Sim. Eu tenho uma preocupação que acho que não está definida em nenhum</p>

		<p>decreto-lei e que nós temos, que eu gostava de referir, que é o facto de estes jovens, estão connosco até ao 12.º ano enquanto estão connosco sentem-se apoiados, sentem-se...sentem que alguém os ajuda a orientar. E depois quando terminam o 12.º ano?! Não há resposta! Nós deveríamos capacitar e é isso que tentamos ao longo do percurso, mas eles tinham alguém, têm alguém que os oriente. Esse é um caminho que tem que haver digamos um gestor de caso, alguém que tenha referenciado</p>
<p>Visão de inclusão</p>	<p>Perspetivas de inclusão</p>	<p>-Eu perspetivo que vamos receber cada vez mais alunos... já recebemos há muitos anos, apesar de na altura não eram identificados como jovens com medidas... no futuro irá passar pelo ensino profissional (alunos com NEE)</p> <p>-Acho que, de facto, há inclusão (no EP) e nas disciplinas mais teóricas como o português, a matemática, vê-se a necessidade de se ter de fazer adequações. Se falarmos na questão prática não é necessário fazer adequações no tipo de jovens que temos.</p> <p>-Se for uma deficiência física nós desculamos, como é cognitiva não se vê e então a sensibilidade para aceitar é menor.</p> <p>-As experiências são positivas (alunos</p>

		<p>com NEE e estágios)</p> <p>-Não, até ver não (dificuldades inclusão na escola de alunos com NEE)</p> <p>-Raramente isso acontece, raramente (colocação no mercado de trabalho após estágio)</p> <p>-É depois, é depois, quando eles terminarem sim (inclusão no mercado de trabalho)</p> <p>-Noto que eles (alunos) estão perdidos, noto que aquela almofada que tinham aqui deixou de existir, apesar de nós continuarmos a acompanhar não é igual é óbvio, não é?!Eu acho que teria que haver aqui uma passagem, um acompanhamento destes jovens, sim.</p>
	<p>Condições de inclusão</p>	<p>-Depende das situações, não tenho dúvida nenhuma...nunca tive uma situação de nenhum jovem com uma problemática mais acentuada (alunos com NEE no EP)</p> <p>-Eles (alunos com NEE) são colocados cá, e acho muito bem, mas é necessário que haja outro tipo de apoios</p> <p>-Tive uma estagiária numa Santa Casa da Misericórdia a trabalhar com uma ex-aluna nossa, eu senti-me, até, mais à vontade para colocar, explicar que a situação às vezes poderia não ser, ela poderia não corresponder àquilo que era</p>

		<p>solicitado e que não sabia, porque é assim, a pessoa que a recebe tem de saber com o que conta, não é?!</p> <p>-Eu acho que bem pelo contrário...poderá não haver tantas ofertas e os recursos poderão ser menores, no entanto eu acho que é mais fácil chegar às pessoas certas porque é fácil ou porque conhecemos as pessoas ou porque há uma relação da escola com instituições, com recursos (interior vs. grandes centros urbanos)</p> <p>-Eu acho que isso até é uma vantagem (interior e litoral) ... nós percebemos rapidamente quando um aluno está a passar mal</p>
	<p>Importância do sucesso</p>	<p>-Mas eu acho que antes de ter ido fazer a formação (educação especial) a minha forma de pensar já era esta</p>
	<p>Condições do sucesso</p>	<p>-A proximidade que temos com os alunos... é essa a chave, é a relação, a proximidade, o facto de eles olharem para nós, não é de igual para igual, é óbvio, mas o terem à vontade de nos dizer preciso de ajuda</p> <p>-As próprias turmas elas são pequenas então há proximidade dos colegas, eles sentem-se bem</p>

<p>Caraterísticas da população atendida</p>	<p>Tipos de alunos</p>	<p>-Os nossos alunos serão jovens maioritariamente com medidas, porque...por ser um ensino muito prático e que para eles, que será mais fácil para eles perceberem juntar a prática com a teoria</p> <p>-Uma escola tão pequena nós temos aproximadamente vinte e cinco, creio que são vinte e cinco alunos com medidas e estamos a falar de um universo de cento e quarenta alunos</p> <p>-Outros (alunos) também achamos que vêm também com medidas muito, digamos com medidas adicionais e seletivas e percebemos que se calhar pela idade ou pelo tipo de ensino que é ministrado percebe-se que temos de fazer adequações ao tipo de medidas</p> <p>-(alunos) não passam para medidas adicionais, passam de adicionais para seletivas ou até, às vezes, universais porque tem a ver com o tipo de ensino que é ministrado no ensino profissional</p> <p>-Eu não tenho situações complicadas, as minhas situações são mais défices cognitivos, PDAH, até tem sido simples resolver as situações.</p> <p>-Se calhar não serei a pessoa mais indicada para falar de inclusão, sim, porque as minhas situações têm situações</p>
---	------------------------	---

	<p>muito...como lhe falei muito, estamos a falar défices cognitivos que não são défices muito acentuados, estamos a falar de défices muito ligeiros</p>
Dificuldades	<p>-Apesar de nós termos de fazer adequações e bem, acho que não temos ainda um ensino preparado para dar resposta a problemáticas mais... mais graves</p> <p>-Deparo-me, por vezes, com situações doutros colegas aqui na escola, até porque faço parte da equipa pedagógica e abordamos estas situações, e depois, é, por vezes, é difícil introduzi-las no mercado de trabalho até na formação em contexto de trabalho, a escola não tem recursos físicos, nem humanos para dar resposta a estes jovens</p> <p>-Eles (alunos) depois vão para a formação em contexto de trabalho e aquilo que reparamos é que temos instituições que depois não estão preparadas para os receber... depois fazemos estágios de faz de conta. E eu aí não concordo com isso. Ou as coisas são levadas a sério e são feitas bem feitas, ou então este faz de conta não, eu pelo menos, é isso que eu sinto.</p> <p>-Não está, não está (mercado trabalho não está preparado para receber alunos com NEE)</p>

		<p>-Às vezes quando fazem um trabalho mais prático, ou trabalho de grupo, há uma coisa que me incomoda muito, às vezes é os colegas não compreenderem porque é que ele terá mais atenção, porque é que, porque é que ele é avaliado de outra forma, às vezes há aqui umas limitações na questão dos colegas, dos alunos em si (grupo turma)</p>
Adaptações necessárias	Adaptação do corpo docente aos alunos	<p>-Temos uma equipa multidisciplinar que é obrigatória por lei... várias pessoas com pós-graduação na área do ensino especial</p> <p>-A direção tem apostado, e tem incentivado as pessoas a ir fazer a formação porque nenhum de nós tinha formação nesta área e temos estado a investir nesta área</p> <p>-A própria direção também tem muitas limitações e os recursos disponíveis de direção são os mesmos que nós temos, não é?!</p> <p>-Depende, se falarmos da parte teórica, sociocultural e científica e da parte prática, não é?! nessas áreas mais teóricas digamos, os colegas têm de utilizar outros recursos de avaliação, têm de utilizar outros recursos para ensinar determinados conteúdos, na parte prática é como digo, eu não sinto muita necessidade de fazer</p>

		<p>grandes diferenças porque eles conseguem acompanhar</p> <p>-Não há, nas práticas não...as áreas científicas ou socioculturais se calhar terá que haver (estratégias)</p> <p>-A escola está sempre disponível a recolher ou a adquirir recursos</p> <p>-Se nós planeamos atividades com estes jovens para desenvolver a instituições ou escolas próximas eles não, nós apostamos nos recursos e se for recursos materiais nós não temos, felizmente, adquirir para dar resposta, se for necessário, comprar jogos, ou determinadas dinâmicas que estão disponíveis online nós podemos adquirir</p>
	Adaptação dos alunos ao ensino profissional	-Nós somos uma escola aberta, nós não temos aquele formato de escola de grades em que os alunos estão fechados e entram e saem
	Adaptação às características da avaliação	-Os próprios apoios que depois dão financeiramente à escola esses alunos não são contabilizados de forma diferente, são contabilizados para a redução dos alunos por turma. A nossa escola não tem condições para isso (avaliação da EP)

Síntese: a DT3 possui uma perspetiva positiva sobre inclusão de alunos com NEE no EP, considerando que o ensino profissional recebe há muitos anos alunos com NEE,

mas sem estarem sinalizados e no futuro “perspetivo que vamos receber cada vez mais alunos” e os alunos do EP serão maioritariamente jovens com NEE. Refere que graças às características deste ensino, mais prático e mais fácil será o mais procurado. Refere que na escola encontramos cerca de vinte e cinco alunos com medidas num universo de cento e quarenta alunos.

No entanto menciona que relativamente aos alunos não sinalizados e que ingressam na escola é sempre feito um trabalho de adequação de medidas de forma a ajudar os alunos na superação das suas barreiras, em particular na área científica (matemática, português), mas na parte prática não existe essa necessidade, “Se falarmos na questão prática não é necessário fazer adequações no tipo de jovens que temos”.

O seu discurso é contraditório pois refere que a maioria não vem sinalizado e com medidas, mas depois na escola consideram que as medidas trazidas necessitam adequações pois os alunos “passam de adicionais para seletivas ou até, às vezes, universais porque tem a ver com o tipo de ensino que é ministrado no ensino profissional, não é?!”, sendo muito gravativas as medidas.

Atenta, todavia, que “o tipo de alunos que frequenta a nossa escola são jovens com algumas problemáticas cognitivas, com défices de atenção e aqui é simples conseguirmos adequar às vezes nem sequer é necessário fazer adequações porque eles conseguem acompanhar”, mas relativamente a outras patologias como TEA ou “mais graves”, apesar da escola fazer as adequações necessárias “acho que não temos ainda um ensino preparado para dar resposta” a estes alunos.

Assim, a inclusão para a entrevistada DT3 é positiva dependendo das situações. Uma das razões referenciadas é o próprio edifício da escola que não “tem grades e os alunos entram e saem” e transmite que quando os alunos os procuram “eu fico apreensiva porque acho que nós não vamos conseguir dar resposta que eles merecem e devem ter”.

Considera positivo o facto de serem alunos do EP, mas que outros apoios são necessários, uma vez que pertence ao conselho pedagógico e conhece realidades doutros colegas, menciona que a escola tem dificuldade em colocar alguns alunos em estágios e não possui recursos nem físicos nem humanos para “dar resposta a estes jovens”

afirmando que este ensino muito prático cuja premissa é frequência de estágio, mas as instituições que recebem os alunos não estão preparadas e “depois fazemos estágios de faz de conta”, não concordando em absoluto com isto.

Faz referência à equipa multidisciplinar e à sua obrigatoriedade por lei e ao corpo docente que tem vários colegas com especialização na área da educação especial e ao facto da direção investir e incentivar a formação nesta área, às dimensões da escola e ao facto da escola estar sempre disponível na aquisição de recursos: “se nós planeamos atividades com estes jovens para desenvolver a instituições ou escolas próximas eles não, nós apostamos nos recursos e se for recursos materiais nós não temos ,felizmente, adquirir para dar resposta, se for necessário, comprar jogos, ou determinadas dinâmicas que estão disponíveis online nós podemos adquirir”

O seu discurso é oposto pois refere “eu acho que a própria direção também tem muitas limitações e os recursos disponíveis de direção são os mesmos que nós temos, não é?!”

Alude a importância da família com a qual tem uma grande proximidade pois considera que a família conhece os filhos melhor que ninguém (“eles é que conhecem os filhos, não é?!”), sendo elementos essenciais e uma ajuda na relação escola-aluno, facultando informações e orientações para melhor conhecer os seus alunos. Fala na família realçando a relação que se cria e a proximidade como um fator importante, um elo de ligação fundamental que perdura para além do percurso escolar dos seus alunos/filhos.

Relativamente aos colegas docentes refere apelar sempre para situações/adequações necessárias e em conselho de turma. O seu discurso é discordante pois refere que não tem situações complicadas, mas quando se trata de PDAH o “trabalho com os outros professores é mais próximo para tentar perceber quais são as necessidades deles e tentar ir de encontro sempre às expetativas do aluno e depende de caso para caso, não há uma receita”.

Quanto ao tipo de ensino e recursos utilizados distingue a parte teórica, sociocultural e científica da prática referindo que na parte prática “eles conseguem

acompanhar” (alunos), mas na teoria são necessárias alternativas na avaliação ou na forma como dão as suas aulas.

Relativamente a estratégias para incluir os alunos com NEE mais uma vez declara não sentir necessidade na parte prática pois o curso de animação sociocultural também é propício a inclusão. Nas outras áreas talvez sejam necessárias, mas reforça que apenas tem situações muito “simples”.

Realça preocupação com o grupo turma e considera que “às vezes há aqui umas limitações na questão dos colegas” pois considera que “se for uma deficiência física nós desculamos, como é cognitiva não se vê e então a sensibilidade para aceitar é menor”, aludindo ao trabalho feito com os alunos das suas direções de turma.

Relativamente à colocação de alunos em estágio revela não ter problemas pois são “situações muito simples” e refere que os estágios correm bem, contrariamente ao que expõe no início. Considera que o curso de animação é uma área inclusiva e as atividades e dinâmica do curso promotoras de inclusão, pois são temas “que abordam todos, que toca a todos”.

Considera a proximidade com os alunos um fator de sucesso bem como as turmas serem pequenas. Comparativamente ao facto de se encontrar no interior não vê grandes diferenças, antes pelo contrário pois “é fácil chegar às pessoas”.

Alude a uma preocupação relativamente aos alunos e inclusão no mercado de trabalho que “não está definida em nenhum decreto-lei e que nós temos” uma vez que considera que os alunos se sentem “perdidos” quando terminam o seu percurso académico pois deixam de estar apoiados e orientados. Considera ser necessário, apesar da escola os capacitar para o mercado de trabalho, de alguém que os acompanhe e ajude na procura de colocação.

O seu discurso é contrário pois refere que não há problemas na colocação dos alunos no mercado de trabalho: “ou conseguem nos locais onde estiveram a fazer formação até porque os conhecem e é...ou porque fizemos atividades lá e depois chamam”.

### **Transcrição da entrevista ao DT3**

Entrevista realizada online dia 17 de maio às 11h00

**Entrevistadora-** DT3 eu apresento-me outra vez, o meu nome é Maria, estou a fazer o Mestrado em Educação Especial e Domínio Cognitivo e Motor e esta entrevista advém, de nesta dissertação eu pretendo investigar de que forma o diretor de turma do ensino profissional vê a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais nas suas turmas. Como é óbvio, eu asseguro total confidencialidade dos seus dados e peço assim autorização para a entrevista e para a sua gravação, se no final desejar eu mostro a transcrição caso queira acrescentar algo ou eliminar. Pode ser?

**DT3-** Sim.

**Entrevistadora-** Obrigada. Assim vamos, vou começar. De que forma, DT3, perspetiva a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT3-** Eu acho que é, eu perspetivo que vamos receber cada vez mais alunos, também já recebemos há muitos anos, apesar de na altura não eram identificados como jovens com medidas, não é, portanto, eu perspetivo que no futuro irá passar pela, pelo ensino profissional...que os nossos alunos serão jovens maioritariamente com medidas, porque...por ser um ensino muito prático e que para eles, que será mais fácil para eles perceberem juntar a prática com a teoria. Portanto, eu creio que vai ser maioritariamente os alunos que, aliás na nossa escola que é uma escola tão pequena nós temos aproximadamente vinte e cinco, creio que são vinte e cinco alunos com medidas e estamos a falar de um universo de cento e quarenta alunos. Temos muitos jovens com medidas, e outros que, às vezes, nós percebemos que nem sequer vêm identificados...outros também achamos que vêm também com medidas muito, digamos com medidas adicionais e seletivas, e percebemos que se calhar pela idade, ou pelo tipo de ensino que é ministrado percebe-se que temos de fazer adequações ao tipo de medidas. E normalmente é sempre, não costuma ser, não passam para medidas adicionais, passam de adicionais para seletivas ou até, às vezes, universais porque tem a ver com o tipo de ensino que é ministrado no ensino profissional, não é?!

**Entrevistadora-** DT3, há quanto tempo leciona e é diretora de turma?

**DT3-** Eu leciono nesta escola há doze anos e sou diretora de turma há anos.

**Entrevistadora-** Entretanto deve ter encontrado muita coisa no seu percurso?

**DT3-** Ah! ah! ah! sim.

**Entrevistadora-** Quando trabalha com estes jovens, e estes anos de experiência que tem, mudou a sua opinião sobre a inclusão destes alunos com necessidades no ensino profissional?

**DT3-** Sinceramente?

**Entrevistadora-** Sinceramente.

**DT3-** Olhe, eu acho que é o seguinte: como comecei no início por dizer, nós sempre tivemos alunos que não vinham identificados, e que nós já tínhamos de fazer este trabalho de adequação, porque percebíamos que ele não conseguiam atingir o que era proposto. Por outro lado, acho que, de facto, há inclusão e nas disciplinas mais teóricas como o português, a matemática, vê-se a necessidade de se ter de fazer adequações. Se falarmos na questão prática não é necessário fazer adequações no tipo de jovens que temos.

**Entrevistadora-** Sim. Percebo. Vai um pouco de encontro até, e sei que lhe mostrei, enviei o guião, porque relativamente ao ensino profissional a questão que se segue é, quais as expectativas que cria, que nós temos relativamente à inclusão de alunos nesta via do ensino, que de facto é mais profissionalizante e orientada para o mercado de trabalho. É exatamente aquilo que estava a referir, era isso que queria dizer DT3?

**DT3-** Era, era. Também há outra questão que me preocupa. Nós temos recebido, porque...o tipo de alunos que frequenta a nossa escola, são jovens com algumas problemáticas cognitivas, com défices de atenção e aqui é simples conseguirmos adequar às vezes nem sequer é necessário fazer adequações porque eles conseguem acompanhar. Quando há outro tipo de alunos, como autistas, aí sim, eu acho que não estamos ainda capacitados para dar resposta a este tipo de problemáticas, não sei se me estou a fazer entender... porque apesar de nós termos de fazer adequações e bem, acho que não temos ainda um ensino preparado para dar resposta a problemáticas mais...

**Entrevistadora-** Mais graves, é isso?

**DT3-** Mais graves, digamos assim. Porque, por exemplo, nós somos uma escola aberta, nós não temos aquele formato de escola de grades em que os alunos estão fechados e entram e sai, e, portanto, e por vezes, estes jovens necessitam de outro tipo de cuidados que a nossa escola não tem condições, nem físicas, nem humanas para dar resposta a estes jovens. E quando eles nos procuram, eu vou ser honesta, eu fico apreensiva porque acho que nós não vamos conseguir dar resposta que eles merecem e devem ter.

**Entrevistadora-** Certo. Acabou por dar um pouco, parte, da pergunta que se segue. É engraçado as entrevistas que tenho feito nos últimos tempos acaba por ser uma conversa e as perguntas vão se atropelando, passo a expressão, umas com as outras. Ia perguntar-lhe agora qual era a sua opinião, a sua opinião relativamente a estes alunos, alunos com necessidades educativas especiais nos cursos profissionais? E se considera positivo ou negativo?

**DT3-** Pois, depende. Depende das situações, não tenho dúvida nenhuma. Eu por acaso, ainda nunca tive uma situação de nenhum jovem com uma problemática mais acentuada, nomeadamente autista ou trissomia. Nunca tive. Portanto, eu não posso falar do que não sei em contexto de sala de aula e de acompanhar esses jovens. Mas deparo-me, por vezes, com situações doutros colegas aqui na escola, até porque faço parte da equipa pedagógica e abordamos estas situações, e depois, é, por vezes, é difícil introduzi-las no mercado de trabalho até na formação em contexto de trabalho, a escola não tem recursos físicos, nem humanos para dar resposta a estes jovens, porque a verdade é que eles são colocados cá, e acho muito bem, mas é necessário que haja outro tipo de apoios, porque não será só o professor do ensino especial porque é um...é um ensino prático que exige prática, e eles depois vão para a formação em contexto de trabalho e aquilo que reparamos é que temos instituições que depois não estão preparadas para os receber, esse é outro ponto, e depois, desculpe o termo e eu dizer isto, porque me deixa um bocadinho angustiada... depois fazemos estágios de faz de conta. E eu aí não concordo com isso. Ou as coisas são levadas a sério e são feitas bem feitas, ou então este faz de conta não, eu pelo menos, é isso que eu sinto.

**Entrevistadora-** Mas, pelos vistos, na sua opinião é positivo eles frequentarem o ensino profissional embora as empresas e o mercado de trabalho não estar preparado para os receber?

**DT3-** Não está, não está. O próprio, sim, e o próprio, os próprios apoios que depois dão financeiramente à escola esses alunos não são contabilizados de forma diferente, são contabilizados para a redução dos alunos por turma, não é, por isso é preciso muito mais do que isso. E nós não temos condições. A nossa escola não tem condições para isso.

**Entrevistadora-** Relativamente a recursos que são utilizados para a inclusão destes alunos com necessidades educativas especiais quais é que identificação como sendo utilizados pela direção da escola?

**DT3-** Como?

**Entrevistadora-** Os recursos, os recursos utilizados para inclusão destes alunos que estão a ser utilizados pela direção da escola. A direção usa uns, os professores usam outros... há vários recursos...

**DT3-** Não, os recursos humanos temos uma equipa multidisciplinar que é obrigatória por lei e depois temos, por acaso até temos, várias pessoas com pós-graduação na área do ensino especial, e a direção tem apostado, e tem incentivado as pessoas a ir fazer a formação porque nenhum de nós tinha formação nesta área e temos estado a investir nesta área. No entanto, eu acho que a própria direção também tem muitas limitações e os recursos disponíveis de direção são os mesmos que nós temos, não é?!

**Entrevistadora-** Recursos físicos, recursos humanos também...

**DT3-** Humanos sim...

**Entrevistadora-** A escola é no mesmo sítio físico que eu conheci?

**DT3-** Temos dois polos, mantemos esse quase há 30 anos e temos outro polo, que não podemos chamar um polo, uma extensão, a escola é pequenina e agora estamos a lecionar algumas aulas na escola antiga escola da xxxxx.

**Entrevistadora-** Que engraçado não sabia, essa já deve ter condições, ou tinha, estamos a falar há 30 anos atrás quer dizer...

**DT3-** É sim, se nós falamos que é uma escola que tem outra aparência, tem, mas depois ainda não dá resposta aquilo que nós necessitamos porque ter dois edifícios separadamente também não, não ajuda, porque a secretaria de um lado, temos a direção do outro, no outro lado só estamos a decorrer as aulas, e era importante que estivéssemos todos no mesmo sítio acho que faríamos um melhor trabalho.

**Entrevistadora-** Quais são os recursos que a DT3 utiliza com estes alunos?

**DT3-** É assim, enquanto diretora de turma ou enquanto professora?

**Entrevistadora-** Sim, enquanto diretora de turma. Já lhe perguntarei em relação ao restante enquanto docente, da sua direção de turma.

**DT3-** Depende não é, de cada situação, é óbvio. Mas o que, o que eu trabalho, tento trabalhar muito com a família e estar em contacto com a família para tentar perceber porque eles é que conhecem os filhos, não é?! Eles connosco apesar de passaram bastante tempo são eles que nos podem dar algumas dicas e que nos podem ajudar por vezes a perceber determinados comportamentos. Portanto, a família é aqui o ponto essencial. Depois, nos conselhos de turma, é apelar sempre a todos os colegas que haja adequações sempre que eles necessitam. Eu como lhe disse no início eu não tenho situações complicadas, as minhas situações são mais défices cognitivos, PHDA, até tem sido simples resolver as situações. Mas quando estamos a falar de hiperatividade ou défices de atenção há um trabalho junto dos colegas mais próximo, dos professores, para tentar perceber quais são as necessidades deles e tentar ir de encontro sempre às expetativas do aluno e depende de caso para caso, não há uma receita.

**Entrevistadora-** Os outros professores, professores de direção de turma que a DT3 acompanha, os recursos que utiliza não diferem muito ou diferem? São os que aconselha?

**DT3-** É assim depende, se falarmos da parte teórica, sociocultural e científica e da parte prática, não é?! Não tem nada a ver...

**Entrevistadora-** São diferentes, sim.

**DT3-** Sim, sim. Para já apesar de o ensino na área do português, da matemática, da história, o curso de animação nem sequer tem história, mas nessas áreas mais teóricas

digamos, os colegas têm de utilizar outros recursos de avaliação, têm de utilizar outros recursos para ensinar determinados conteúdos, na parte prática é como digo, eu não sinto muita necessidade de fazer grandes diferenças porque eles conseguem acompanhar, e eu estou no curso de animação sociocultural, portanto, é um curso muito prático, não necessito...as adequações que eu tenho de fazer a maior daqueles alunos também faço a maior parte para os restantes sem medidas, a inclusão é feita, claro, se ele não estiver a acompanhar, teria que fazer as adequações necessárias, mas não sinto necessidade.

**Entrevistadora-** Então as três questões que se seguem e que eu enviei, depois desta nossa conversa não fazem sentido ou então já foram, já foram clarificadas. Eu perguntava, ou pergunto no guião, ou perguntei no guião se consegue identificar quais são as estratégias utilizadas de forma a incluir, estou a falar mais...de facto a minha preocupação é mais a inclusão com necessidades educativas especiais, de forma isolada, ocasional ou individual. São casos mais complexos e a DT3 diz-me que não há essa necessidade é isso?

**DT3-** Não há. Se calhar na parte do que eu acompanho como diretora de turma, as áreas científicas ou socioculturais se calhar terá que haver, não digo o contrário, nas práticas, não, não, até hoje, como lhe digo as minhas situações são mesmo muito são diferentes sim. E, às vezes, os alunos que não trazem medidas por vezes precisam tanto como os outros. Eu não sei se me está a entender, eu não tenho situações e ao longo do meu percurso as situações que tenho tido...não, não têm, são situações simples em que eu consigo ou estar mais próxima do aluno ou...não necessito de fazer o trabalho, claro que eles às vezes quando fazem um trabalho mais prático, ou trabalho de grupo, há uma coisa que me incomoda muito, às vezes é os colegas não compreenderem porque é que ele terá mais atenção, porque é que, porque é que ele é avaliado de outra forma, às vezes há aqui umas limitações na questão dos colegas, dos alunos em si..

**Entrevistadora-** No grupo turma?

**DT3-** De não compreenderem, sim, sim, sim. E depois há outra coisa, as necessidades físicas nós compreendemo-las, as específicas, as que não se vêem não são, não são

entidades da mesma forma, se for uma deficiência física nós desculpamos, como é cognitiva não se vê e então a sensibilidade para aceitar é menor.

**Entrevistadora-** Acabou de me dar a resposta à questão seguinte, são as estratégias que utiliza a nível de grupo, coletivas e estruturadas...relativamente aos docentes que lecionam as suas turmas e quais as estratégias que eles utilizam será certamente similar ou estou...?

**DT3-** É similar é.

**Entrevistadora-** Similar à DT3... relativamente à família, que já referiu atrás, e bem lá está isto acaba por ser tudo encadeado, esta é uma estratégia, quais são as estratégias que utiliza? Fala muito com a família como referiu há pouco é um momento essencial.

**DT3-** Marco reuniões, ou se, claro se a situação estiver controlada basta ligarmos para...ou às vezes, porque eu acho que isto é muito importante mesmo quando os alunos com medidas ou sem elas, nós não temos a... não ligamos porque está tudo bem. Mas esses pais, por vezes, também precisam de reforço positivo e saber que a situação está a correr bem, portanto, aquilo que às vezes faço é que eu telefono, eles todos tem o meu contacto, eles ligam, às vezes ao sábado, ao domingo de manhã, há uma proximidade muito grande entre a família, até o próprio aluno, eu acho que eles olham para nós por vezes não é só como professor, mas como amigo, como uma pessoa próxima que têm aqui com quem podem contar. E temos tido situações dessas em que eles são, acabam por ser muito nossos, e quando terminam continuamos a estabelecer ligação com eles, portanto, e isso é resultado da relação que se cria entre a família, entre os próprios alunos na sala, portanto, o contacto...é manter um contacto muito próximo com as famílias, acho que isso é fundamental. Já para não falar que a maior parte dos nossos pais, não sei se posso dizer isto, grandes partes dos nossos pais estamos a falar de famílias desestruturadas, de famílias..., portanto que não são famílias tradicionais, a nível de estabilidade emocional e financeira acaba por ser muito, muito instável.

**Entrevistadora-** Relativamente à comunidade e há pouco também já fez referência à mesma, e à inclusão destes alunos quais são as estratégias que utiliza? Talvez seja...

**DT3-** Olhe eu não tenho tido problemas, como lhe disse desde o início, por exemplo, quando necessito de colocar uma pessoa em contexto de trabalho eu nem sequer tenho

ou raras são as situações em que eu tenho a necessidade de solicitar às entidades para terem outro tipo de apoio. Mas porque, de facto, as minhas...pronto são situações muito simples. Quando há essa necessidade que é raramente, tem corrido muito bem. Há relativamente muito pouco tempo eu tive uma estagiária numa Santa Casa da Misericórdia a trabalhar com uma ex-aluna nossa, eu senti-me, até, mais à vontade para colocar, explicar que a situação às vezes poderia não ser, ela poderia não corresponder àquilo que era solicitado e que não sabia, porque é assim a pessoa que a recebe tem de saber com o que conta, não é?! Como é que vai e também dar algumas estratégias como, se alguma coisa não correr bem o que é que pode fazer. A verdade é que os estágios depois correm sempre tão bem e no caso desta aluna eu estava um bocadinho apreensiva porque não sabia como é que ela ia reagir até porque é uma jovem muito, muito fechada, pouco comunicativa e depois na área da animação, não é, é necessário este tipo de comunicação, de relacionamento, de proximidade, e eu estava um bocadinho apreensiva. E alertei a comunidade, neste caso a instituição, mas ela disse disse-me isto, olhe eu não senti nada disto, olhe ela foi fantástica, acho que até a estagiária, a animadora que era a pessoa da instituição teve covid e a estagiária ficou sozinha a desenvolver as atividades que tinham sido, que ela lhe tinha pedido para desenvolver com os utentes do lar. Portanto, as experiências são positivas eu não posso, de facto, queixar-me, nem posso, nem é uma questão de me queixar, não é, eu não posso dizer que não tem corrido bem, porque não é, é o contrário.

**Entrevistadora-** Relativamente à inclusão, a inclusão porque para mim é de facto o propósito deste trabalho, quais são as atividades que a escola faz com estes alunos para que consiga inclusão? Consiga incluir estes miúdos? As implementadas pelo diretor de turma a nível de inclusão? Lá está...há pouco referia que os alunos, os colegas, o grupo turma podem não perceber determinadas situações, a direção, o diretor de turma atuam ou implementam alguma atividade para ajudar na inclusão?

**DT3-** O curso de animação por si é uma área inclusiva, exatamente..., portanto desde, dos jogos interativos, dos jogos de conhecimento, de emoções, de... são aplicados porque é a própria dinâmica do curso. O próprio curso é propício a que haja a própria inclusão, não é?! Os próprios temas que são abordados, os tipos de atividades, desde o teatro, da dança, da música, acabam por ser os...os métodos que são utilizados por

incluir. Mas a verdade é que depois nós acabamos por fazê-los com todos. Porque é uma coisa coletiva e são temas que abordam todos, que toca a todos. Se calhar os meus colegas tiram outras coisas, mas eles têm outras áreas, não é, na minha área é diferente, nós trabalhamos muito com a APPACDM, com a associação de apoio à criança, com infantários, com lares, portanto, o nosso público de intervenção acaba por ser...são áreas sensíveis também a receber estes jovens. Depois a própria animação tem dinâmicas que são propícias à inclusão.

**Entrevistadora-** Identifica algum tipo de dificuldade relativamente ao processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais?

**DT3-** Não, até ver não. Não quer dizer que amanhã não mude de opinião, depende dos alunos que irei ter, não é?!

**Entrevistadora-** De que forma avalia os recursos que tem disponíveis, as estratégias que são implementadas e as atividades que são desenvolvidas para a inclusão destes alunos. Acabou de me dar a resposta há pouco, mas quer me parecer que na sua área ...

**DT3-** A escola, eu acho que para ser também uma escola profissional e pela dimensão que temos, a escola está sempre disponível a recolher ou a adquirir recursos do foro, vou dar um exemplo, se nós planeamos atividades com estes jovens para desenvolver a instituições ou escolas próximas eles não, nós apostamos nos recursos e se for recursos materiais nós não temos ,felizmente, adquirir para dar resposta, se for necessário, comprar jogos, ou determinadas dinâmicas que estão disponíveis online nós podemos adquirir. Se for necessário desenvolver peças de teatro em que seja necessário recorrer a recursos físicos ou humanos também não tem problema nenhum em adquirir, portanto eu acho que nesse aspeto, eu acho, que é uma vantagem para a escola e para os alunos, não é?!

**Entrevistadora-** Vai-me dar a resposta da questão seguinte, acho que já deu.

**DT3-** Estamos sempre à frente...

**Entrevistadora-** Sempre à frente...na sua opinião quais são os fatores de sucesso que contribuem para a inclusão?

**DT3-** Os fatores?

**Entrevistadora-** De sucesso.

**DT3-** Eu não tenho dúvida nenhuma que será a proximidade que temos com os alunos. Essa é, sem dúvida nenhuma, é essa a chave, é a relação, a proximidade, o facto de eles olharem para nós, não é de igual para igual, é óbvio, mas o terem à vontade de nos dizer preciso de ajuda, preciso, ou passou-se isto, ou aconteceu aquilo, seja o que for não interessa. Esta proximidade eu acho que é palavra-chave e depois as próprias turmas elas são pequenas então há proximidade dos colegas, eles sentem-se bem, sentem que... Por acaso antes de sair agora há pouco da aula uma das minhas perguntas foi aos alunos do 1.º ano, como é que eles sentiam se sentiam na escola. Sendo que nessa turma eu tenho três alunos com medidas. Portanto, três alunos. Então como é que se sentem nesta escola, mas sentem diferenças entre esta escola e a outra?! Ó professora não tem nada a ver... claro que sim. Mas então sentem-se bem aqui? Sentem que vamos, que damos resposta às vossas necessidades e eles diziam claro eu nunca estive uma escola como esta. Portanto, acho que isso diz-nos tudo, não é?! Claro que há coisas boas e há coisas más, mas sim eu acho que estas dá, eu acho que isto diz tudo aquilo que... a forma como eles se sentem sim, a proximidade que temos com eles.

**Entrevistadora-** A relação... DT3 uma vez que se encontra numa cidade de interior considera que a escola, a escola onde está, onde exerce, onde é diretora de turma, reúne todas as condições para garantir a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT3-** Eu acho que a escola que se esforça para o fazer, não sei se será sempre da melhor forma, mas ou que se calhar gostaria, como é óbvio, mas eu acho que se esforça para dar resposta sim, acho que sim.

**Entrevistadora-** E sendo uma cidade interior considera que tem acesso, e já me deu esta resposta também creio, tem acesso a todos os recursos, todas as estratégias, que são necessárias de forma a desenvolver um bom trabalho junto destes alunos, ou considera que são esquecidos, passo a expressão, porque estão longe dos grandes centros urbanos? Qual é a sua opinião?

**DT3-** Não, eu acho que bem pelo contrário, eu acho que de facto, o facto de sermos, poderá não haver tantas ofertas e os recursos poderão ser menores, no entanto eu acho

que é mais fácil chegar às pessoas certas. Porque é fácil ou porque conhecemos as pessoas ou porque há uma relação da escola com instituições, com recursos...desde centros de saúde, por exemplo, no outro dia tinha uma jovem que estava a passar por uma situação complicada em que a mãe é bipolar e a jovem estava a passar por uma situação de depressão, foi fácil eu conseguir contactar o hospital, consegui marcar uma consulta e a jovem rapidamente foi encaminhada para o hospital e rapidamente foi, foi, foi chamada. Eu acho que se tivesse num centro urbano isto seria, ou com grandes dimensões, isto seria praticamente impossível digo eu.

**Entrevistadora-** Há algum outro dado adicional que considera importante relativamente à inclusão destes alunos com necessidades educativas especiais no profissional, no ensino profissional?

**DT3-** Sim. Eu tenho uma preocupação que acho que não está definida em nenhum decreto-lei e que nós temos, que eu gostava de referir, que é o facto de estes jovens, estão connosco até ao 12.º ano enquanto estão connosco sentem-se apoiados, sentem-se...sentem que alguém os ajuda a orientar. E depois quando terminam o 12.º ano?! Não há resposta, “- ah vá ao IEFP, ah vá à associação não sei quê”, percebe?! Mas eles depois estão perdidos, estão por sua conta. É verdade que nós deveríamos capacitar e é isso que tentamos ao longo do percurso, mas eles tinham alguém, têm alguém que os oriente. Eu sinto muito quando eles terminam depois ficam assim por aí. Eu acho que esse é um caminho que tem que haver digamos um gestor de caso, alguém que tenha referenciado, olhe eu...este aluno com medidas de apoio à inclusão vai ao IEFP, eu vou mandá-lo ao IFP, mas já ter alguém...

**Entrevistadora-** Caiu, peço desculpa. Tinha avisado no início, consegue ouvir-me? Consegue ouvir-me? **DT3** peço imensa desculpa a chamada caiu como eu disse há pouco, mas eu não consigo ouvir. Consegue ouvir-me?

**DT3-** Ah, sim, agora sim.

**Entrevistadora-** Peço desculpa, a chamada caiu. Eu avisei no início e já estamos habituadas a isto. Estava a dizer que, ai desculpe vou pôr a gravar está bem?

**DT3-** Sim.

**Entrevistadora-** Estava a dizer que os alunos saem e não têm onde ficar. Nunca, nunca teve necessidade de elaborar um PIT a nenhum dos seus alunos?

**DT3-** Não, nunca tive.

**Entrevistadora-** E quando eles fazem, não, quando saem em formação em contexto de trabalho em estágios não há uma empresa que depois imediatamente fique com o aluno? Nestas situações?

**DT3-** Raramente isso acontece, raramente. Eu acho que nunca tive assim nenhuma situação direta, eles depois vão, mais tarde, ou conseguem nos locais onde estiveram a fazer formação até porque os conhecem e é...ou porque fizemos atividades lá e depois chamam, mas assim uma relação direta acho que nunca tive nenhuma situação desse género.

**Entrevistadora-** No entanto é aquilo que considera que é importante relativamente à inclusão destes alunos? Mas é engraçado que não diz no profissional, mas sim posteriormente aquando da sua saída?

**DT3-** É depois, é depois, quando eles terminarem sim. Até porque como temos esta proximidade com eles, eles visitam-nos ou vamos trocando mensagens, ou telefonemas eu pergunto então o que é que está a fazer, então e depois noto que eles estão perdidos, noto que aquela almofada que tinham aqui deixou de existir, apesar de nós continuarmos a acompanhar não é igual é óbvio, não é?! Portanto, e eu sinto muito isso. Sinto muito isso até porque estamos a falar de famílias em que a estrutura é muito instável, e portanto, há várias conjunturas que não ajudam depois a orientá-los. Eu acho que teria que haver aqui uma passagem, um acompanhamento destes jovens, sim.

**Entrevistadora-** Algum dado relevante, por último, que considere que seja pertinente para este trabalho?

**DT3-** Não sei, é assim, eu se calhar não serei a pessoa mais indicada para falar de inclusão, sim, porque as minhas situações tem situações muito...como lhe falei muito, estamos a falar défices cognitivos que não são défices muito acentuados, estamos a falar de défices muito ligeiros. As minhas situações tem sido assim mais nesse âmbito, se calhar o meu colega o xxxxx tem tido outras experiências porque tem um aluno autista e, por vezes, tem umas situações mais complicadas e noutra área que é a gestão de

equipamentos informáticos, portanto, ele terá outras informações que poderá prestar noutro âmbito. Eu não.

**Entrevistadora-** DT3 mais nada, alguma informação adicional que me...

**DT3-** Acho que não.

**Entrevistadora-** Obrigada. Eu creio que, isto é um aparte, fiz bem apostar no interior, estava à espera dessa resposta, só quem nunca residiu no interior é que não sabe que nós temos de facto essa almofada, como referiu há pouco, é bem verdade, tem prós e contras como é óbvio, como em tudo na vida, se calhar se tivessem nas grandes cidades tinham mais acesso a isto ou aquilo, mas no interior....

**DT3-** Mas se calhar depois não se usam, não são utilizados por vários fatores, não é?!

**Entrevistadora-** Exato, tem as suas mais valias outras menos, mas é um meio mais pequeno, as pessoas conhecem-se e facilmente se pede ajuda.

**DT3-** É, é, é, eu acho que isso até é uma vantagem, em questões como a alimentação nós percebemos rapidamente quando um aluno está a passar mal e, ou se ele vem maldisposto vários dias o que é que se passa?! Portanto é muito fácil perceber e eles também sentem um à-vontade connosco para nos contactar e dizer eu não estou bem, eu preciso disto ou eu preciso daquilo e às vezes nem é preciso dizer porque se sente.

**Entrevistadora-** Também tem formação na área está mais sensibilizada para... o que é excelente.

**DT3-** Olhe, mas eu acho que antes de ter ido fazer a formação a minha forma de pensar já era esta também por ser da área da animação sociocultural... já vir não sei...

**Entrevistadora-** Excelente, DT3, muito obrigada.

**DT3-** Obrigada eu.

**Entrevistadora-** Se desejar eu depois envio quando fizer a transcrição se por algum motivo desejar ver estou ao dispor está bem?

**DT3-** Não é necessário.

**Entrevistadora-** Obrigada.

**DT3-** Olhe, desejar-lhe tudo de bom e que corra tudo bem e o que precisar de mim ou da escola esteja à-vontade, tive muito gosto em colaborar e dar o meu contributo.

**Entrevistadora-** Obrigada, DT3, tudo de bom.

**DT3-** Obrigada, tudo de bom, até à próxima, obrigada.

**Entrevistadora-** Obrigada, DT3, com licença.

### **Análise de dados da entrevista ao DT4**

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Habilitações	Literárias	-Mestre em psicologia clínica -Licenciatura em psicologia
	Profissionais	-Tenho dado formação -Tenho estado a trabalhar em contexto escolar, tendo a minha formação que é toda ela o trabalho em escola
Atividade na escola	Tempo de serviço	-Em termos de formação dou recentemente formação, aulas de formação, desde dois mil e vinte, psicologia já há mais tempo
	Orientação de turma	-Este ano fiquei com duas direções de turma e depois tenho por trás a parte da psicologia para dar apoio aos alunos e também e onde também faço parte da equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva -Há pouquíssimo tempo, desde setembro de vinte e um. Desde o ano passado.

		<p>-Artes gráficas e comunicação, relações-públicas e publicidade. São duas direções de turma e são as duas turmas de terceiro ano</p> <p>-Devem ser o mais possível incluídos na dinâmica escolar, e deve ser-lhes permitido o desenvolvimento de outras competências que potenciem ou que ajudem a minimizar as competências onde têm mais dificuldade (alunos)</p> <p>-Contacto individual, possibilidade de integrar os alunos em atividades mais práticas, façam questão de falar com eles e de os chamar, de procurar saber se estão... eu posso ajudar de que forma</p> <p>-As mesmas mencionadas nas respostas anteriores, não esquecendo nunca, o contacto com pais e encarregados de educação</p> <p>-Trabalhar com o aluno e apoiá-lo, conversar com ele, perceber de forma mais... mais adequada de o ajudar.</p> <p>-São realizadas reuniões frequentes. Com alguns é fácil, mas devido a características familiares, dinâmicas familiares, condições socio demográficas, pronto, nem sempre...tentamos o máximo possível que os pais correspondam</p> <p>-Tenta-se sempre que o contato com os encarregados de educação seja muito próximo</p> <p>-Em algumas situações ainda existe alguma dificuldade em ter este contato com os pais. Ou porque alguns pais faltam às reuniões ou porque</p>
--	--	---

	<p>ainda existe alguma dificuldade de alguns pais compreenderem as limitações dos filhos</p> <p>-Tento sempre que possível, sempre que seja alguma atividade que vai decorrer, também podem ir, portanto, sendo que alguma atividade que eu tenha conhecimento eu tento sempre que eles participem</p> <p>-Tem que ser feito um trabalho muito próximo. Os professores também. Eu não estou a tempo integral na escola. Sou diretora de turma das duas, portanto tenho as direções de turma, mas como não estou a tempo integral na escola o meu foco é haver comunicação com os professores ao nível de integração dos alunos</p> <p>-Alguns têm dificuldade em comunicar com os professores ou porque não se sente ou porque têm dificuldade em assumir algumas dificuldades, portanto eu tento sempre trabalhar de forma próxima com eles e depois poder trabalhar e passar essa mensagem aos professores, pois é aqui parte o meu papel ali na escola</p> <p>-Procurar que se sintam úteis e que possam fazer uso das suas competências. O contato com os pais, com a rede envolvente, com os alunos, até com a turma. Também a formação dos professores</p>
Preocupações	<p>-Acontece logo ao nível das formações em contexto de trabalho... nós sabemos que vão ter</p>

		<p>sucesso e que as suas características são de acordo com aquele local de estágio e alguns pais por vezes não compreendem</p> <p>-Ainda existe algum estigma, relativamente ao ensino profissional bem como aos alunos que o frequentam, por isso, considero que o maior desafio será mesmo trabalhar a comunidade, as ideias relativamente ao EP</p>
Visão de inclusão	Perspetivas de inclusão	<p>-Eu considero que o ensino profissional é um facilitador no que respeita à inclusão destes alunos, sobretudo ao pós escola, ou seja, em termos de integração no mundo profissional</p> <p>-A inclusão de alunos com NEE no ensino profissional tem grandes potencialidades, pois permite a estes alunos o desenvolvimento de competências práticas, o saber-fazer, assim como a possibilidade de terem contacto com o contexto laboral e poderem desenvolver outras competências</p> <p>-Perspetivo a sua inclusão com carácter positivo, pois temos verificado uma melhoria da sua autoestima e sentimento de autoeficácia na realização de tarefas escolares</p> <p>-Considero que é totalmente positivo (EP) a nível de inclusão e tem nível de integração no mundo do trabalho</p> <p>-Enquanto diretora de turma, a experiência é recente, mas se for buscar o trabalho da psicologia faz todo o sentido integrar estes alunos no ensino</p>

		<p>profissional</p> <p>-O trabalho com estes alunos em contexto de ensino profissional, tem vindo a mudar a ideia que já tinha sobre a inclusão destes alunos</p> <p>-Considero extremamente positivo (alunos com NEE no EP)</p>
	Condições de inclusão	<p>-Eles têm contato com a prática, eles têm estágios</p> <p>-Ser uma escola relativamente pequena, facilita igualmente a inclusão destes alunos, bem como a proximidade que conseguimos manter com os mesmos</p>
	Importância do sucesso	<p>-Nós tentamos conhecer não só o aluno em termos académicos, mas tenta-se uma aproximação ao aluno de forma a que ele se sinta bem, até facilitar a sua autoestima... fazendo entender que ele é tão capaz quanto os outros, ainda que de forma diferente porque nós todos temos ritmos de aprendizagem diferentes e temos pouco tempo...o saber fazer. Ali trabalha-se muito o saber fazer, portanto eu posso dizer que o ensino profissional é muito positivo.</p>
	Condições do sucesso	<p>-Tem que haver uma boa avaliação por trás para podermos integrá-los o melhor possível.</p> <p>-A direção é muito recetiva ao trabalho com todos os alunos e faculta sempre que necessário e de acordo com as suas necessidades, os meios</p>

		<p>necessários para um desempenho o mais positivo possível</p> <p>-A escola é pequena e conseguimos também e isso é muito positivo... temos um contato muito mais próximo pelos alunos.</p> <p>-A escola mantém uma relação próxima com outras entidades, na medida em que procura articular também as potencialidades das mesmas e da comunidade, a fim de promover o sucesso educativo de todos os alunos</p> <p>-A escola mantém protocolos e uma relação próxima, nomeadamente ao nível das FCT. Passa muito por atividades no exterior, com infantários, com escolas, com lares</p> <p>-A escola todos os anos faz um esforço muito grande para facilitar sempre que possível e sempre que necessário a integração e inclusão destes alunos quer ao nível da formação de professores</p> <p>-Temos equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva... (a direção) é muito preocupada pela integração destes alunos</p> <p>-Manter uma relação de proximidade com estes alunos, permitir a estes alunos exporem as suas dificuldades, receios</p> <p>-A escola faz um esforço muito grande na inclusão destes alunos e tem corrido muito bem, tem tido sucesso. Tem feito um trabalho fantástico, as pessoas também são fantásticas e temos a sorte, talvez, por ser uma escola pequena temos mais</p>
--	--	--

		<p>facilidade em contactar uns com os outros e manter esta relação tão próxima pelos alunos</p> <p>-Só tenho a destacar de forma positiva o trabalho da escola na inclusão destes alunos (com NEE) e realmente não considero que haja uma diferença assim tão grande para os restantes (alunos)</p>
Caraterísticas da população atendida	Tipos de alunos	<p>-Tenho um aluno com medidas seletivas...não, minto, tenho dois alunos com medidas seletivas e realmente tem sido dado apoio a esses alunos, portanto, eles estão bastante integrados na escola.</p> <p>-Na minha opinião é sempre funcional (inclusão de alunos com NEE no EP). Eles vêm, alguns deles, vêm com expectativas muito baixas, vêm com a autoestima muito reduzida</p> <p>-São bons (recursos), mas a realidade é essa. É o tal estigma que tinha falado inicialmente...nós recebemos ali alunos que são encaminhados para a nossa escola porque alguns professores ou os professores do ensino regular ou o diretor de turma considera que o ensino profissional ou que aquela escola é mais adaptada a algumas, mas eu não quero dizer que não seja, só que às vezes vem sempre atrás disso alguma conotação negativa...parece que é o fim da linha, infelizmente</p>
	Dificuldades	<p>-Infelizmente aquilo que eu ainda acho... ter problemas infelizmente dá alguma conotação negativa</p>

		<p>-Ainda há algum estigma em relação ao profissional</p> <p>-A dificuldade que eu encontro acredito que não esteja tanto relacionada com a inclusão, mas também com o sucesso deles. Ainda há pouco falava do programa de português que para alguns destes alunos é extremamente difícil. Então tem que haver uma grande flexibilidade, tem que haver uma grande proximidade. Os próprios professores têm que ser sempre muito criativos na forma como lecionam as aulas e não esquecendo toda a turma...estes alunos são sempre considerados, mas depois há todo o grupo turma que tem que ser apoiado</p> <p>-Ou porque já tem várias reprovações ou porque o ensino regular é muito difícil e eles podem não conseguir acompanhar o programa e então recorrem muito bem, pronto e felizmente por um lado, que recorrem ao ensino profissional. No entanto ainda acho que há muita conotação negativa em relação a isso</p>
Adaptações necessárias	Adaptação do corpo docente aos alunos	<p>-São alunos com características diferentes, estilos de aprendizagem diferentes e a escola acaba ...tentamos, também, não são só eles que têm que se adaptar à escola, nós também os temos de ajudar a eles</p> <p>-Aplicação das medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, a possibilidade de</p>

		<p>desenvolver atividades práticas inseridas no programa escolar, adaptação de atividades...</p> <p>-Formações em contexto de trabalho, participação em atividades práticas, trabalhos de grupo... sei que os professores recorrem muitas vezes do trabalho de grupo para poder facilitar a integração destes alunos e a conclusão das tarefas por parte destes alunos recorrem a...pronto trabalhos mais dinâmicos (estratégias)</p> <p>-Apoio individualizado. Eles procuram ouvir o aluno e ajudar o aluno</p> <p>-Tentamos saídas ao exterior. Possibilitar atividades práticas... os professores procuram sempre recorrer a atividades práticas, tentando sempre que as mesmas se adequem aos conteúdos e objetivos programáticos</p> <p>-Formações em contexto de trabalho, atividades extracurriculares... atividades no exterior e é muito a este nível. Tentamos sempre que eles participem, em envolver todas as turmas</p> <p>-Que eles se sintam parte muito grande das atividades e que sintam que precisamos deles</p> <p>-Trabalha-se muito em conjunto com outras instituições...há uma preocupação muito grande em que para incluir, integrar estes alunos se trabalha também a rede envolvente dos alunos, portanto procura-se um contato com os pais, procura-se um contato com as outras instituições ao nível da comunidade</p>
--	--	--

		<p>-Procuramos trabalhar com os elementos que fazem parte da vida daquele aluno</p> <p>-Considero que temos desenvolvido um excelente trabalho, considerando que nos encontramos numa cidade do interior, no entanto, obviamente que o acesso a determinados recursos se torna mais limitador</p> <p>-Não concordo que sejam esquecidos (escola e alunos), agora nós não temos acesso até mesmo ao nível da colocação destes alunos em termos de locais de estágio e nós temos a sorte de contar com uma rede de parceiros muito boa, mas por exemplo em termos de estágio talvez se estivéssemos no meio ou com outro tipo de contexto mais desenvolvido, eu não queria usar esta expressão, mas com acesso a outros recursos a integração talvez fosse diferente</p>
	Adaptação dos alunos ao ensino profissional	<p>- (o EP) permite-lhes além do contacto com a prática, alguma preparação e possibilidade de poderem criar expectativas positivas relativamente ao mercado de trabalho</p> <p>-Eles têm contato com a prática, eles têm estágios</p> <p>-Juntam aqui um pouco os interesses pessoais aos interesses e aos objetivos escolares, por exemplo, temos alunos que... eu tenho alunos que adoram fotografia e então eles aprendem em contexto de prática trabalhar as fotografias, eles trabalham com programas informáticos, desde o Photoshop que</p>

		<p>eles aprendem a fazer em sala de aula. Eles põem a mão na massa, eles não estão só sentados em sala de aula a ouvir o que o professor diz, portanto eles têm a oportunidade de trabalhar determinadas competências e colocá-las em prática.</p>
	Adaptação às características da avaliação	<p>-É uma das lacunas que eu aponto. O programa, eu entendo porquê, não é, porque as pessoas também podem concorrer, devem, fazem os exames nacionais. Têm toda a legitimidade e têm acesso às mesmas condições. No entanto, o programa para alguns alunos é um pouco mais exigente, mas temos de segui-lo.</p> <p>-Há a questão dos programas. Há programas que poderiam ser mais flexíveis, digamos assim, e certamente aumentaria o sucesso</p> <p>-A Carga horária também em sala de aula e as horas de formação em sala de aula também são bastantes e, realmente, ainda que eles tenham possibilidade para integrar formação em contexto de trabalho e têm essa oportunidade e o contato com a prática, devia haver um equilíbrio diferente entre as duas formas de ensino.</p>

Síntese- a entrevistada possui uma perspetiva positiva relativa à inclusão de alunos com NEE no EP, considerando ser um facilitador no ingresso ao mercado de trabalho pelas suas características práticas e desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Considera que os alunos saem deste tipo de ensino realizados a nível pessoal e profissional, embora considere que o ensino profissional é visto com algum preconceito

e “parece que é o fim da linha para aquele aluno”, esperando que “as mentalidades mudem, entretanto”. Alude ao facto de receberem alunos encaminhados pelo ensino regular ou pelos seus DT porque os seus professores/escola consideram que o EP é mais adequado, a alunos com NEE.

Relativamente aos seus alunos refere ter dois com medidas seletivas, mas são, no geral alunos com características e estilos de aprendizagem diferentes e menciona que quando os alunos ingressam na escola necessitam adaptar-se às suas características, mas também o corpo docente deve ser capaz de os ajudar, conseguindo muitas vezes um “desempenho prático diferente dos alunos que não têm medidas”. Observa a necessidade destes alunos frequentarem o EP e serem “o mais possível incluídos na dinâmica escolar, e deve ser-lhes permitido o desenvolvimento de outras competências que potenciem ou que ajudem a minimizar as competências onde têm mais dificuldade”.

Para o sucesso salienta a importância de uma boa avaliação, do contato com a parte prática, as formações e procurar que os alunos participem de forma a que “eles se sintam parte”.

A direção, de acordo com a entrevistada DT4, é prestável e recetiva, facultando o necessário para um excelente trabalho entre todos os intervenientes não esquecendo o acesso às medidas de apoio e suporte à inclusão, promovendo atividades no exterior, FCT e no envolvimento de todos e, se possível, de todas as turmas.

Quanto a recursos utilizados para a inclusão destes alunos nomeia o contato individual, as atividades e a intervenção junto dos professores para aferir se tudo corre bem e poder transmitir as suas preocupações, caso haja, de forma aos restantes colegas estarem a par e poderem atuar. Os professores, no geral, a par das mediadas de suporte à aprendizagem e inclusão, utilizam e desenvolvem atividades práticas. Refere que, uma vez que não se encontra a “tempo inteiro na escola” a proximidade com os outros professores deve ser próxima e comunicativa.

Refere, também, a relação com os pais /EE, o trabalho individualizado e considera “o facto de pertencer à EMAEI, e aqui já ao nível da psicologia, são igualmente essenciais”. Com os pais /EE realiza reuniões frequentes revelando nem sempre é fácil dadas as condições familiares e, também, “porque ainda existe alguma dificuldade de

alguns pais compreenderem as limitações dos filhos”. O seu discurso é contraditório pois refere que a maioria dos pais /EE é presente e interessado na vida e sucesso escolar do seu filho/educando.

No entanto considera o programa (currículo) do EP demasiado exigente para alguns, embora compreenda a sua razão, uma vez que muitos seguem para o ensino superior: “É uma das lacunas que eu aponto. O programa”, mas que têm de o executar e, também, a carga horária

Relativamente a estratégias grupais, coletivas e estruturadas refere a FCT, a participação em atividades práticas e salienta que muitas vezes o corpo docente recorre a trabalhos de grupo como facilitadores da “ integração destes alunos e a conclusão das tarefas” sendo estes mais dinâmicos e apelativos, as saídas ao exterior desde que adequadas aos conteúdos programáticos, realçando a presença e ajuda do professor e a dimensão da escola obtendo um trabalho mais próximo entre todos e em particular com os alunos.

Respeitante à comunidade salienta a proximidade e relação entre escola e entidades como próxima. Menciona protocolos, parceiros e entidades com os quais a escola mantém protocolos para realização das FCTs ou atividades práticas de forma a promover o sucesso dos seus alunos.

Como fatores de sucesso promotores de inclusão de alunos com NEE no EP refere que as turmas das quais é DT são de último ano e os seus alunos estão integrados e adaptados, mas salienta a necessidade, ainda assim, da relação e contacto próximo com os alunos para evitar possíveis dificuldades. Aponta como dificuldade o programa, uma vez mais, e a necessidade de adaptação do corpo docente aos alunos e avaliação, tornando-a mais flexível e criativa para o sucesso dos alunos com NEE, mas não esquecendo de apoiar o grupo turma. Salienta a importância da formação de professores e da equipa multidisciplinar e do excelente trabalho que a escola, no seu todo desenvolve com os alunos com NEE.

Concernente a ser uma escola no interior observa o bom trabalho que fazem, mas “o acesso a determinados recursos se torna mais limitador”, tais como terapias ou

técnicos e na colocação nos estágios: “nós não temos acesso até mesmo ao nível da colocação destes alunos em termos de locais de estágio”, acabando por se contrariar.

### **Transcrição da entrevista ao DT4**

Entrevista elaborada online dia 19 de maio às 19h30

**Entrevistadora**- Está a gravar. Dá-me licença que grave. Neste momento já está a gravar e já solicito novamente.

**DT4** – Sim, claro que sim!

Entrevistadora- Bom dia, apresento-me, novamente e agradeço ter-me facultado a possibilidade de elaborar esta entrevista. Sou Maria e estou a fazer mestrado em EE-Domínio Cognitivo e Motor. A necessidade desta entrevista advém de na minha dissertação pretender investigar de que forma os DT do Ensino Profissional vêm a inclusão de alunos com NEE nas suas turmas. Asseguro, obviamente, total confidencialidade dos dados fornecidos.

**Entrevistadora** - Autoriza uma entrevista e a sua gravação? No final posso facultar a transcrição, na eventualidade de desejar acrescentar ou eliminar algo que não deseje que figure na mesma.

**DT4** – Sim, autorizo.

*Entrevistadora* - Quais são as suas habilitações literárias /área de formação? Pode falar-me um pouco de si...

**DT4** - A minha base, a minha formação base é psicologia, área clínica é saúde. No entanto, acabei por ficar na XXXXX onde conclui depois a minha formação, depois, para a Ordem dos psicólogos e tenho estado a trabalhar em contexto escolar, tendo a minha formação que é toda ela o trabalho em escola. Portanto eu faço aqui um bocadinho..., portanto eu tenho dado formação. Este ano fiquei com duas direções de turma e depois tenho por trás a parte da psicologia para dar apoio aos alunos e também, e onde também faço parte da equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva. Passa, realmente o trabalho acaba por, portanto, acaba por haver uma complementaridade. Em termos de formação dou recentemente formação, aulas de formação, desde dois mil e vinte, psicologia já há mais tempo. No entanto, como diretora de turma só estou desde setembro dois mil e vinte e um. É um trabalho muito,

muito recente e é uma experiência que está a ser nova, também, para mim. Apesar de poder complementar com o trabalho que eu faço é já um pouco mais diferente, mas estou a gostar da experiência. Tenho duas direções de turma

**Entrevistadora** - Há quanto tempo leciona e é DT no ensino profissional?

**DT4**- Sou mestre e em termos de direção de turma há pouquíssimo tempo, desde setembro de vinte e um. Desde o ano passado. Este ano fui dando mais horas de formação, portanto ... e este ano está a ser mais rico.

**Entrevistadora** – Quais são as áreas? As suas turmas?

**DT4**- Artes gráficas e comunicação, relações-públicas e publicidade. São duas direções de turma e são as duas turmas de terceiro ano.

**Entrevistadora** - Área interessante?

**DT4**- Muito interessante. E depois, de facto, nessas turmas, os alunos, portanto já é o último ano, são de terceiro ano e já estão habituados ao tipo de ensino da escola. Tenho um aluno com medidas seletivas...não, minto, tenho dois alunos com medidas seletivas e realmente tem sido dado apoio a esses alunos, portanto, eles estão bastante integrados na escola, já é o terceiro ano deles na escola. Tem sido feito um trabalho muito bom. Eu já os conhecia, no entanto, como diretora de turma é mesmo este o primeiro ano e o contacto com eles é mais próximo.

**Entrevistadora** - De que forma perspectiva/vê a inclusão de alunos com NEE neste tipo de ensino?

**DT4** - Eu considero que o ensino profissional é um facilitador no que respeita à inclusão destes alunos, sobretudo ao pós escola, ou seja, em termos de integração no mundo profissional. A inclusão de alunos com NEE no ensino profissional tem grandes potencialidades, pois permite a estes alunos o desenvolvimento de competências práticas, o saber-fazer, assim como a possibilidade de terem contacto com o contexto laboral e poderem desenvolver outras competências que, de outro modo, poderiam ter mais dificuldade em desenvolver noutro tipo de ensino. Também perspetivo a sua inclusão com carácter positivo, pois temos verificado uma melhoria da sua autoestima e sentimento de autoeficácia na realização de tarefas escolares.

**Entrevistadora-** Estamos a falar de um ensino que é mais profissionalizante e mais orientado para o mercado de trabalho. Considera que é positivo ou negativo o ensino profissional para estes alunos?

**DT4 -** Considero que é totalmente positivo a nível de inclusão e tem nível e de integração no mundo do trabalho e depois não é só isso. Às vezes chegam-nos alunos que não vão...como é que... alunos com dificuldade em estabelecer objetivos, quase sem noção do que gostariam de fazer um dia mais tarde e realmente o ensino profissional dá-lhes essa possibilidade. Eles têm contato com a prática, eles têm estágios. Nós tentamos sempre pressionar atividades e eles poderem aplicar aquilo que aprenderam nas aulas... infelizmente aquilo que eu ainda acho, portanto em relação a essa primeira parte da pergunta... ter problemas infelizmente dá alguma conotação negativa. Eu espero que as mentalidades mudem, entretanto, e que estejam mais para... já está, já está a começar a mudar, mas ainda há algum estigma em relação ao profissional. Eu não gostaria de chamar problemas, mas são

**Entrevistadora-** Posso pedir-lhe que repita, DT4, ouvi nada, por favor?

**DT4-** Eu não gosto muito de dizer que eles vêm com problemas. São alunos com características diferentes, estilos de aprendizagem diferentes e a escola acaba ...tentamos, também, não são só eles que têm que se adaptar à escola, nós também os temos de ajudar a eles, e é o que eu estava a dizer, muitas das vezes quando conseguimos este sucesso às vezes, na maioria das vezes conseguem ter um desempenho prático diferente dos alunos que não têm medidas.

**Entrevistadora -** O trabalho com estes jovens e anos de experiência mudam a sua opinião sobre inclusão de alunos com NEE no EP?

**DT4-** Enquanto diretora de turma, a experiência é recente, mas se for buscar o trabalho da psicologia faz todo o sentido integrar estes alunos no ensino profissional. Sempre considerei que estes alunos devem ser o mais possível incluídos na dinâmica escolar, e deve ser-lhes permitido o desenvolvimento de outras competências que potenciem ou que ajudem a minimizar as competências onde têm mais dificuldade. O trabalho com estes alunos em contexto de ensino profissional, tem vindo a mudar a ideia que já tinha sobre a inclusão destes alunos.

**Entrevistadora** - Quais são as suas expectativas relativas à inclusão destes alunos neste tipo de ensino, mais profissionalizante e orientada para o mercado de trabalho? Considera positivo ou negativo?

**DT4**- Considero extremamente positivo, pois permite-lhes além do contacto com a prática, alguma preparação e possibilidade de poderem criar expectativas positivas relativamente ao mercado de trabalho. É obvio que tem que haver uma boa avaliação por trás para podermos integrá-los o melhor possível.

**Entrevistadora** – Quais os recursos facultados pela direção da escola para a promoção de inclusão destes alunos?

**DT4** - A direção é muito recetiva ao trabalho com todos os alunos, e faculta sempre que necessário, e de acordo com as suas necessidades, os meios necessários para um desempenho o mais positivo possível (computadores portáteis, utilização de plataformas específicas de trabalho, possibilidade de realização de atividades práticas), não esquecendo o acesso às medidas de apoio e suporte à inclusão.

**Entrevistadora** – Que recursos utiliza para a inclusão destes alunos?

**DT4**- Contacto individual, possibilidade de integrar os alunos em atividades mais práticas... são alunos que já estão no terceiro ano, portanto são alunos que já estão bastante integrados na turma, na escola. Já não, na minha opinião, eu considero que já não sentem tanta e tantas dificuldades ao nível da integração e da inclusão. No entanto, faço questão de falar com eles e de os chamar, de procurar saber se estão... eu posso ajudar de que forma é que podemos conversar com os professores para ser dado outro tipo de apoio. Tentamos perceber o que é que está a acontecer e sobretudo atuar nesse sentido.

**Entrevistadora**- E os outros professores?

**DT4**- Para além da aplicação das medidas de suporte à aprendizagem e inclusão, a possibilidade de desenvolver atividades práticas inseridas no programa escolar, adaptação de atividades...

**Entrevistadora** – Que estratégias utiliza para incluir um aluno com NEE de forma isolada, ocasional ou individual?

**DT4-** São as mesmas mencionadas nas respostas anteriores, não esquecendo nunca, o contacto com pais e encarregados de educação. O trabalho individualizado, e o facto de pertencer à EMAEI, e aqui já ao nível da psicologia, são igualmente essenciais. Trabalhar com o aluno e apoiá-lo, conversar com ele, perceber de forma mais... mais adequada de o ajudar. Na minha na minha direção de turma, por exemplo, temos uma menina. Ela domina bem o português, mas ela é chinesa e a um nível da língua portuguesa, disciplina de língua portuguesa que ela tem algumas dificuldades e ela própria já arranjou tempo para pedir apoio em algumas áreas, mas fazendo o cruzamento de informação e falamos com a professora, também, para tentar cuidar o máximo esta aluna, mas às vezes eu sinto até mais para receio da menina de não se conseguir alcançar a nota positiva do que propriamente a dificuldade. Que ela é capaz, ela às vezes está mais insegura, acha que não irá conseguir o que é a matéria mais difícil porque o programa de décimo segundo ano para estes alunos é um bocadinho mais, mais complicado. É uma das lacunas que eu aponto. O programa, eu entendo porquê, não é, porque as pessoas também podem concorrer, devem fazer os exames nacionais. Têm toda a legitimidade e têm acesso às mesmas condições. No entanto, o programa para alguns alunos é um pouco mais exigente, mas temos de segui-lo.

**Entrevistadora** - E estratégias grupais, coletivas e estruturadas?

**DT4** - Formações em contexto de trabalho, participação em atividades práticas, trabalhos de grupo... sei que os professores recorrem muitas vezes do trabalho de grupo para poder facilitar a integração destes alunos e a conclusão das tarefas por parte destes alunos recorrem a...pronto trabalhos mais dinâmicos. O professor ajuda sempre muito. Está muito presente. Nós depois ali na escola também... a escola é pequena e conseguimos também e isso é muito positivo porque conseguimos trabalhar. Temos um contato muito mais próximo pelos alunos. Até posso dizer nas minhas duas direções se tornar um grande sentimento de entre ajuda.

**Entrevistadora** - Relativamente aos outros professores? Quais as estratégias utilizadas para a inclusão dos alunos?

**DT4-** Os professores procuram dar um apoio individualizado. Eles procuram ouvir o aluno e ajudar o aluno. Nós temos um contato muito informal. O que há mais?

Tentamos saídas ao exterior. Possibilitar atividades práticas. Tal como referido anteriormente, os professores procuram sempre recorrer a atividades práticas, tentando sempre que as mesmas se adequem aos conteúdos e objetivos programáticos. Eu tenho a sorte de ter duas direções de turma onde há muitas atividades práticas. O curso de artes gráficas que é onde eu tenho os alunos, onde eu tenho mais alunos com medidas e o curso é muito, muito prático, portanto há um acompanhamento muito próximo dos alunos. Há uma maior facilidade do professor conseguir adaptar as atividades para um contexto prático até a nível de disciplinas e depois também há um trabalho multidisciplinar. Também se procura fazer isso, mas tentar sempre possível adaptar na prática e poder fazer as atividades integrando os contextos e os conteúdos que estão a ser lecionados.

**Entrevistadora** - Com os pais ou EE, elementos essenciais, quais as estratégias que utilizam?

**DT4-** Reuniões com encarregados de educação. São realizadas reuniões frequentes. Com alguns é fácil, mas devido a características familiares, dinâmicas familiares, condições socio demográficas, pronto, nem sempre...tentamos o máximo possível que os pais correspondam e venha as reuniões, há um contato telefónico, há um contato presencial... também já foram feitas online. Na altura do confinamento eram realizadas reuniões online. Tenta-se sempre que o contato com os encarregados de educação seja muito próximo, o que ainda acontece, por vezes, o contato com a família...nós tentamos sempre que o contato seja muito próximo: reuniões, contato telefónico, mas em algumas situações ainda existe alguma dificuldade em ter este contato com os pais. Ou porque alguns pais faltam às reuniões ou porque ainda existe alguma dificuldade de alguns pais compreenderem as limitações dos filhos, portanto, a maioria é presente, só que preocupa-se e quer saber e estar a par do sucesso educativo, da evolução do aluno, das avaliações que ele tenha, mas ainda assim, por vezes, eu sinto isto só com alguns alunos. Nunca generalizando! Existe um caso ou outro que, por vezes, os pais parecem ter dificuldade em compreender algumas limitações dos filhos. Acontece logo ao nível das formações em contexto de trabalho, nesse tempo que os alunos sejam colocados em locais nos quais nós sabemos que vão ter sucesso e que as suas características são de acordo com aquele local de estágio e alguns pais por vezes

não compreendem e perguntam porque é que o meu filho tem de ir para tal sítio a pronto e nós explicamos, mas o contacto é sempre muito próximo dos pais.

Entrevistadora - Quais as estratégias utilizadas junto e com a comunidade para a inclusão destes alunos?

**DT4-** A escola mantém uma relação próxima com outras entidades, na medida em que procura articular também as potencialidades das mesmas e da comunidade, a fim de promover o sucesso educativo de todos os alunos. Saliento sobretudo, os parceiros e entidades com as quais a escola mantém protocolos e uma relação próxima, nomeadamente ao nível das FCT ou da dinamização de atividades práticas. Passa muito por atividades no exterior, com infantários, com escolas, com lares.

**Entrevistadora** – Que tipo de atividades a escola promove para a inclusão de alunos com NEE?

**DT4-** Formações em contexto de trabalho, atividades extracurriculares... atividades no exterior e é muito a este nível. Tentamos sempre que eles participem, em envolver todas as turmas todas elas dentro do que é possível ir, desde que esteja relacionado com a sua área de intervenção tentamos sempre que ela, que elas estejam, que elas participem, que eles se sintam parte muito grande das atividades e que sintam que precisamos deles.

**Entrevistadora** -Que tipo de atividades implementa, como DT, para a inclusão destes alunos?

**DT4-** Procuramos sempre conseguir a maior participação possível destes alunos nas atividades organizadas pela escola. Como diretora de turma (eu vou outra vez puxando a brasa sempre à minha sardinha, entre aspas) tento sempre que possível, sempre que seja alguma atividade que vai decorrer, também podem ir, portanto, sendo que alguma atividade que eu tenha conhecimento eu tento sempre que eles participem. Em termos de estratégias tem que ser feito um trabalho muito próximo. Os professores também. Eu não estou a tempo integral na escola. Sou diretora de turma das duas, portanto tenho as direções de turma, mas como não estou a tempo integral na escola o meu foco é haver comunicação com os professores ao nível de integração dos alunos. Sempre que possível conversar com eles, perceber o que é que eu posso fazer, até

umentar o contato porque alguns têm dificuldade em comunicar com os professores ou porque não se sente ou porque têm dificuldade em assumir algumas dificuldades, portanto eu tento sempre trabalhar de forma próxima com eles e depois poder trabalhar e passar essa mensagem aos professores, pois é aqui parte o meu papel ali na escola. Às vezes acaba porque tenho ali a psicologia pelo meio e há coisas que sou obrigada a sigilo. Trabalhar com estes alunos, mudar a inclusão destes alunos também tem que ser fundamental o trabalho dos professores.

**Entrevistadora** -Identifica algum tipo de dificuldade relativamente ao processo de inclusão de alunos com NEE?

**DT4-** As turmas em que sou DT são turmas que estão a concluir o curso e, por isso, plenamente integradas. No entanto, desde a sua entrada na escola e de forma a evitar possíveis dificuldades, procura-se um contacto próximo com estes jovens, conhecer as suas potencialidades, bem como dificuldades ou receios. Nós fazemos o melhor possível, fazemos sempre o melhor possível para integrar estes alunos, quer disponibilizando ferramentas, quer tendo uma abordagem individual com cada um deles, portanto a dificuldade que eu encontro acredito que não esteja tanto relacionada com a inclusão, mas também com o sucesso deles. Ainda há pouco falava do programa de português que para alguns destes alunos é extremamente difícil. Então tem que haver uma grande flexibilidade, tem que haver uma grande proximidade. Os próprios professores têm que ser sempre muito criativos na forma como lecionam as aulas e não esquecendo toda a turma, portanto estes alunos são sempre considerados, mas depois há todo o grupo turma que tem que ser apoiado, portanto o trabalho sempre possa ser realizado, depois também passa por um trabalho individualizado e aqui eu diria que trabalho com eles não só como diretora de turma, mas como como psicóloga também. Assumo que tenho aqui alguma dificuldade em separar o papel da diretora de turma da psicóloga.

**Entrevistadora** - De que forma avalia os recursos disponíveis, as estratégias implementadas e atividades desenvolvidas para a inclusão de alunos com NEE?

**DT4-** No ensino profissional no geral ou na minha escola?

**Entrevistadora-** Sim, na sua escola. Também considera que os meninos do profissional ou são o parente pobre do ensino e que os meninos são despachados para ali porque ...

**DT4-** São bons, mas a realidade é essa. É o tal estigma que tinha falado inicialmente. Muitas vezes nós recebemos ali alunos que são encaminhados para a nossa escola porque alguns professores ou os professores do ensino regular ou o diretor de turma considera que o ensino profissional ou que aquela escola é mais adaptada a algumas, mas eu não quero dizer que não seja só que às vezes vem sempre atrás disso alguma conotação negativa...parece que é o fim da linha, infelizmente. A mensagem que nos chega, parece que é o fim da linha para aquele aluno. Ou porque já tem várias reprovações ou porque o ensino regular é muito difícil e eles podem não conseguir acompanhar o programa e então recorrem muito bem, pronto e felizmente por um lado, que recorrem ao ensino profissional. No entanto ainda acho que há muita conotação negativa em relação a isso. Em termos de escola, do trabalho que nós ali fazemos e das estratégias que vamos colocar eu considero que os professores são fantásticos.

**Entrevistadora** – Estava a perguntar de que forma avalia os recursos disponíveis, as estratégias implementadas e atividades desenvolvidas para a inclusão de alunos com NEE e, sim, diz respeito à sua realidade?

**DT4-** Sim, são muito boas. E a escola todos os anos faz um esforço muito grande para facilitar sempre que possível e sempre que necessário a integração e inclusão destes alunos quer ao nível da formação de professores quer..., portanto temos equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva, da qual faço parte, procura-se um contato muito próximo destes alunos. Inclusivamente a direção é muito preocupada pela integração destes alunos. Temos dois alunos sírios e é feito um contato muito próximo com entidades. Estou a falar, por exemplo, da associação XXXXX logo no início do ano, na realização da matrícula, aliás as reuniões são muito frequentes e trabalha-se muito em conjunto com outras instituições. Neste caso, a associação XXXXX porque devido aos meninos sírios que temos há uma preocupação muito grande em que para incluir, integrar estes alunos se trabalha também a rede envolvente dos alunos, portanto procura-se um contato com os pais, procura-se um contato com as outras instituições ao nível da comunidade, portanto estamos a falar por exemplo da associação XXXXX,

estamos a falar até de uma XXXXX , mas inclusão aqui não é só ,portanto, não se trabalha só a parte do indivíduo, do aluno, mas procuramos trabalhar com os elementos que fazem parte da vida daquele aluno. A esse nível a escola tem feito um esforço muito positivo. O aluno é o mais importante da nossa escola.

**Entrevistadora-** Na sua opinião quais os fatores de sucesso que considera importantes e contribuem para a inclusão de alunos com NEE no EP?

**DT4-** Manter uma relação de proximidade com estes alunos, permitir a estes alunos exporem as suas dificuldades, receios. Envolver estes alunos, em todas as atividades, sempre que possível; procurar que se sintam úteis e que possam fazer uso das suas competências. O contato com os pais, com a rede envolvente, com os alunos, até com a turma. Também a formação dos professores, o contato perto dos nossos alunos. Portanto os professores são quem passa mais tempo com os alunos e tem que haver uma relação próxima. Depois há a questão dos programas. Há programas que poderiam ser mais flexíveis, digamos assim, e certamente aumentaria o sucesso...os professores também fazem um excelente trabalho na adaptação dos conteúdos e da mensagem do ensino destes conteúdos aos alunos. No entanto, poderia ser mais flexível em algumas disciplinas. E não é só! Eu falo aqui no programa, mas há outro elemento: A Carga horária! A Carga horária também em sala de aula e as horas de formação em sala de aula também são bastantes e, realmente, ainda que eles tenham possibilidade para integrar formação em contexto de trabalho e têm essa oportunidade e o contato com a prática, devia haver um equilíbrio diferente entre as duas formas de ensino.

**Entrevistadora** – Considera a inclusão destes alunos na escola vantajosa para os mesmos?

**DT4-** Sim, considero muito positivo. Desde o início, desde que estamos a conversar eu venho a dizer que na minha opinião é sempre funcional. Eles vêm, alguns deles, vêm com expectativas muito baixas, vêm com a autoestima muito reduzida ou porque a vida ou porque têm tido anos de.... Atenção! Nós também aplicamos sempre as medidas, mas nós tentamos conhecer não só o aluno em termos académicos, mas tenta-se uma aproximação ao aluno de forma a que ele se sinta bem, até facilitar a sua autoestima, facilitar o seu locus de controle interno, fazendo entender que ele é tão

capaz quanto os outros, ainda que de forma diferente porque nós todos temos ritmos de aprendizagem diferentes e temos pouco tempo...o saber fazer. Ali trabalha-se muito o saber fazer, portanto eu posso dizer que o ensino profissional é muito positivo.

**Entrevistadora-** Já não é a primeira vez que eu ouço essa expressão. pode dar um exemplo?

**DT4-** O saber fazer, por exemplo, eu poderei falar até ao nível da disciplina de artes gráficas, do curso, peço desculpa, de artes gráficas e também um pouco do de comunicação. Eles, e depois juntam aqui um pouco os interesses pessoais aos interesses e aos objetivos escolares, por exemplo, temos alunos que... eu tenho alunos que adoram fotografia e então eles aprendem em contexto de prática trabalhar as fotografias, eles trabalham com programas informáticos, desde o Photoshop que eles aprendem a fazer em sala de aula. Eles põem a mão na massa, eles não estão só sentados em sala de aula a ouvir o que o professor diz, portanto eles têm a oportunidade de trabalhar determinadas competências e colocá-las em prática.

**Entrevistadora -** Na sua opinião quais são os maiores desafios na inclusão de alunos com NEE no EP?

**DT4-** Ainda existe algum estigma, relativamente ao ensino profissional, bem como aos alunos que o frequentam, por isso, considero que o maior desafio será mesmo trabalhar a comunidade, as ideias relativamente ao EP.

**Entrevistadora-** Considera que a escola reúne todas as condições para garantir inclusão de alunos com NEE no EP, uma vez que se encontra numa cidade de interior?

**DT4-** Sim. O facto de ser uma escola relativamente pequena, facilita igualmente a inclusão destes alunos, bem como a proximidade que conseguimos manter com os mesmos.

**Entrevistadora-** Considera que têm acesso a todos os recursos e estratégias necessárias para desenvolver um bom trabalho junto destes alunos ou considera que são “esquecidos” por se encontrarem longe dos grandes centros urbanos? Qual é a sua opinião?

**DT4-** Considero que temos desenvolvido um excelente trabalho, considerando que nos encontramos numa cidade do interior, no entanto, obviamente que o acesso a determinados recursos se torna mais limitador. Não considero que sejam esquecidos, agora eu acho que podiam ter acesso a mais recursos. Há escolas que têm acesso a terapeutas da fala, que têm acesso a terapeutas ocupacionais, há escolas que têm equipas, diferentes equipas, talvez com maior número de técnicos, talvez. Não concordo que sejam esquecidos, agora nós não temos acesso até mesmo ao nível da colocação destes alunos em termos de locais de estágio e nós temos a sorte de contar com uma rede de parceiros muito boa, mas por exemplo em termos de estágio talvez se estivéssemos no meio ou com outro tipo de contexto mais desenvolvido, eu não queria usar esta expressão, mas com acesso a outros recursos a integração talvez fosse diferente. Se os resultados fossem os presentes, os que temos agora, os resultados seriam ainda melhores.

**Entrevistadora-** Alguma questão adicional que considere pertinente e relevante que queira acrescentar?

**DT4-** Só mesmo destacar que ,realmente, a escola faz um esforço muito grande na inclusão destes alunos e tem corrido muito bem, tem tido sucesso .Tem feito um trabalho fantástico, as pessoas também são fantásticos e temos a sorte ,talvez, por ser uma escola pequena temos mais facilidade em contactar uns com os outros e manter esta relação tão próxima pelos alunos em termos de...até mesmo quando eles terminam o curso e muitas vezes vêm-nos procurar, vêm-nos dizer que estão a trabalhar em determinado local ou conseguiram ou prosseguiram estudos , alguns deles conseguem. Alguns, não. A nossa taxa de sucesso é bastante alta na integração dos alunos no ensino superior e acho que o trabalho da escola... eu acho que só tenho a destacar de forma positiva o trabalho da escola na inclusão destes alunos e realmente não considero que que haja uma diferença assim tão grande para os restantes.

**Entrevistadora-** DT4, muito obrigada pela sua colaboração, obrigada pela ajuda.

**DT4 -** Muito obrigada! Felicidades!

### Análise de dados da entrevista ao DT5

Categorias	Subcategorias	Indicadores
Habilitações	Literárias	-Licenciado em Marketing
	Profissionais	-Estou a lecionar no momento área de integração (AI) que é uma disciplina aqui dos cursos, que é comum a todos os cursos. Já lecionei marketing
Atividade na escola	Tempo de serviço	-Vai fazer vinte e oito (28 anos)
	Orientação de turma	<p>-Desde sempre, desde que vim para aqui (28 anos). Curso de Comunicação e Marketing, Relações-públicas e publicidade e o curso, também, de Técnico de Artes Gráficas. Neste momento são só estes dois.</p> <p>-Peço aos colegas para, às vezes, terem mais atenção àquele, ou outro, mas tem que haver uma coesão na turma...é isso que a gente tenta promover</p> <p>-Não tem acontecido (utilização estratégias individuais)</p> <p>-Penso que nunca senti essa necessidade (utilização estratégias grupais)</p> <p>-Penso que as mesmas (estratégias e corpo docente)</p> <p>-Eles são convocados, eles têm que assinar o plano, eles têm que assinar esse plano, eles sabem bem as dificuldades que foram identificadas desses alunos, não é, e pronto, não temos tido problemas</p>

		<p>(EE/pais)</p> <p>-Vêm às reuniões de encarregados de educação apontam, também, esses problemas, eles falam com o diretor de turma que era até quando vêm ou quando a gente os chama, se for necessário ou até telefonam</p> <p>-Sim, sim muito (colaboração dos pais)</p> <p>-Estes alunos que têm estas tais dificuldades, não é, às vezes temos que pensar onde é que vamos colocá-lo, porque nem todas as, as instituições ou as empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos (estágios)</p> <p>-Eu não me lembro assim de nenhuma (atividades)</p> <p>-Sim, sim! Não temos tido esses problemas (grupo turma)</p> <p>-Claro que às vezes sabe como é que são os alunos, não é, podem às vezes não querer, não é, ou podem... uma vez que ele tem dificuldades...o trabalho depois... por exemplo, ser um trabalho a dois, o outro pode sentir que está a fazer o trabalho pelos dois, não é. E, por isso, vou alternando. De vez em quando trabalha com este, trabalha com aquele para o integrar da melhor maneira</p> <p>-Estas escolas mais pequenas têm uma vantagem muito grande em relação às grandes mesmo até a nível de integração, como lhe estava a dizer. Nós conhecemo-nos uns aos outros (interior vs. litoral)</p>
--	--	--

	Preocupações	-Um dos grandes problemas também no ensino é, às vezes, as turmas serem demasiado grandes
Visão de inclusão	Perspetivas de inclusão	<p>-Nós podemos dar essa resposta (inclusão) como estava a dizer, estamos mais próximos, é um ensino mais prático, uma coisa mais individual, mais personalizado</p> <p>-Eu considero que é positivo (alunos com NEE no EP)</p> <p>-Eu acho que é positivo (frequentar o EP) para eles, até para o bem deste tipo de ensino e se eles também não andassem aqui também...no ensino Público, não é?</p> <p>-Eu acho que conseguimos dar uma boa resposta (inclusão de alunos com NEE no EP)</p> <p>-Há uns anos atrás não se identificavam muito estes tipos de alunos. Não traziam essas coisas, não é, e hoje em dia muitos, não é. Trazem o processo, acompanha o aluno</p> <p>-Podia ter mais condições (a escola) ...podia ter mais professores ou mais um professor para trabalhar nesta área, não é, mas o resto eu acho que sim, que temos todas as condições para receber este tipo de alunos e os conseguir inserir bem dentro das turmas e da própria comunidade</p>
	Condições de inclusão	<p>-Eu acho bem e penso que nós conseguimos dar uma boa resposta, não é, desde que não sejam muitos (alunos com NEE no ensino profissional)</p> <p>-Depende, depois, das dificuldades destes</p>

		<p>alunos porque pode haver outro tipo de respostas (a par do EP e do ensino regular)</p> <p>-Penso que a inserção deles é muito...eu acho que é boa, não é, e a gente não estar a diferenciar logo à partida, também não deve ser assim... nem mesmo dentro da turma (inclusão de alunos com NEE no EP)</p> <p>-Tentamos promover a coesão da turma, não queremos que o aluno se sinta à parte nem que os outros possam pôr de parte</p> <p>-Não podemos ter uma turma inteira ...só de alunos ou com muitos, muitos alunos (alunos com NEE) porque nós também temos que dar atenção aos outros, não é, e esse tipo de alunos requerem mais atenção</p>
	<p>Importância do sucesso</p>	<p>-É um ensino mais prático e um ensino também muito próximo, personalizado, individualizado (fator de sucesso)</p> <p>-Eu acho que sim. Para eles bastante, até! E eles conseguem depois de ultrapassar essas dificuldades com a nossa ajuda e com a ajuda dos pais, também, e acho que eles ficam bem (frequência no EP)</p>
	<p>Condições do sucesso</p>	<p>-Eu acho que é o facto, pronto, de sermos uma escola pequena... As turmas também às vezes não serem muito grandes</p> <p>-Sim, é a tal proximidade que eu lhe estava a dizer e a avaliação, por exemplo</p>

Maria Vieira Caiado - A opinião dos Diretores de Turma do Ensino Profissional  
na inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais

		-Nós somos uma comunidade pequena e é mais fácil fazer essa...essa integração desses alunos
Caraterísticas da população atendida	Tipos de alunos	<p>-São alunos que têm algumas dificuldades... muitos deles escolhem este tipo de ensino uma vez que como é um ensino mais prático, não é, eles resolvem escolher estes cursos, não é, em vez de estar a fazer outro curso</p> <p>-Não tenho, não... por acaso não tenho tido (alunos com NEE)</p> <p>-Cada vez há mais alunos com necessidades educativas especiais, não é?</p> <p>-Sim... sabíamos que tínhamos alunos com dificuldades, sim, mas não eram rotulados com isso, não vinham com necessidades educativas especiais...hoje já vêm com RTPs feitos</p>
	Dificuldades	<p>-Tem (RTP)... eu acho que ela pode não se aperceber dessas muitas dificuldades que o aluno, o filho, possa ter, não é, mas estava a dizer que muitos dos pais não admitem (mãe/EE)</p> <p>-Pode haver uma outra, não é, mas ...eu acho que elas são sempre ultrapassadas</p> <p>-Estes alunos que têm estas tais dificuldades, não é, às vezes temos que pensar onde é que vamos colocá-lo, porque nem todas as, as instituições ou as empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos</p>
	Adaptação do corpo	-Eu acho que nós conseguimos dar uma resposta bastante positiva uma vez que somos uma

Adaptações necessárias	docente aos alunos	<p>escola pequena... há mais proximidade entre professor e aluno eles conhecem-nos todos</p> <p>-Nós temos uma equipa que trabalha também nesse sentido, que fazem os planos... pronto, que nos dá também algumas orientações para atuarmos com este tipo de alunos e com as dificuldades que têm</p> <p>-A direção é uma direção também no nosso caso é muito aberta a estas coisas (alunos com NEE) e temos tudo.</p> <p>-Temos uma equipa temos uma pessoa digamos, mais...como é que hei de dizer, que como é que trabalha mais com isto (alunos com NEE), não é, além da psicóloga</p> <p>-Falamos sobre as dificuldades que cada um tem e quais as estratégias que vai utilizando também, além daquelas que possam ser iguais para todos</p> <p>-Nós promovemos atividades (inclusão)</p> <p>-Eu penso que promover assim muito diretamente essas coisas, não é, e assumindo que temos esses alunos, eu acho que não fazemos uma atividade só, só por si só, como é que hei de dizer, não vamos, não vamos entrar em contato só por causa disso, então não sei (estratégias, recursos e atividades)</p> <p>-Eu acho que não vejo necessidade muito nisso, está a perceber, em individualizar-se as atividades. As atividades são da turma e o aluno...esses alunos são incluídos</p> <p>-Claro que podíamos ter mais recursos. Se</p>
---------------------------	-----------------------	---

		<p>tivéssemos recursos financeiros para...o ideal seria ter então um professor dedicado exclusivamente a isso (educação especial)</p> <p>-Sim, pelo menos aqui nós temos sentido isso (mais alunos com NEE no EP)</p> <p>-Trabalhamos muito com a realização de projetos... o facto de o ensino ser por unidade ou por módulos, por isto também é bom (inclusão de alunos com NEE)</p> <p>-Eu penso que nós temos os recursos necessários de acesso a tudo isso (inclusão)... se a gente tivéssemos mais um, pelo menos, mais um professor do ensino especial seria bom</p>
	Adaptação dos alunos ao ensino profissional	-É um ensino mais prático e um ensino também muito próximo, personalizado, individualizado
	Adaptação às características da avaliação	_____

Síntese: o entrevistado possui uma opinião positiva sobre inclusão de alunos com NEE no EP, considerando que a escola tem resposta e sendo pequena reúne condições favoráveis à inclusão, a proximidade entre alunos e professores é boa, mas o seu discurso é contraditório pois considera que não devem ser “com muitos, muitos alunos porque nós também temos que dar atenção aos outros, não é, e esse tipo de alunos requerem mais atenção”. Refere que alguns alunos escolhem o EP porque não têm “muitas capacidades” e sendo mais prático, mais individualizado, é mais fácil alcançar

resultados positivos do que noutro tipo de ensino. De igual modo assiste a um aumento de alunos com NEE no EP.

Cita a direção como “muito aberta” a inclusão e a equipa de apoio que orienta e apoia os professores com uma psicóloga e professora de educação especial, mas considera que se houvesse mais um seria bom:” Podia ter mais professores ou mais um professor para trabalhar nesta área”. As medidas vão sendo reavaliadas em conselhos de turma.

Como DT procura promover a coesão das turmas para que todos os alunos se sintam incluídos. Solicita aos professores atenção e cuidado a um ou outro aluno para que não haja “divisões”.

Referente a estratégias não considera pertinente pois os alunos são e estão sempre presentes e tratados de igual modo, assim que “nunca senti essa necessidade...as coisas correm muito bem”. As atividades que são realizadas são para todos.

Aponta como problema o volume das turmas e refere que quando as turmas estão separadas em determinadas disciplinas e o número de alunos ronda a dezena é mais fácil trabalhar.

Os pais/EE são convocados e compreendem as dificuldades dos filhos, mas considera que para alguns é difícil admitir. O seu discurso é contrário pois refere “Pode ela não perceber bem todas essas dificuldades”. De todo o modo salienta que a relação é positiva e os pais participam.

Expõe que a comunidade não se apercebe das NEE dos alunos pois saem acompanhados pelo grupo turma quando vão a exposições. Atenta que, como estratégia, não justifica sair da escola e promover uma atividade apenas para incluir os seus alunos: “não vamos entrar em contato só por causa disso”. Menciona que existe uma associação que “está mais dentro destes assuntos, não é, uma vez que tem vários psicólogos, tratam problemas com emigrantes e acompanha um pouco mais de perto isto. E se nós tivéssemos alguma dificuldade eles estão prontos, também, para nos ajudar nalgumas coisas. Mesmo até em formação em contexto de estágio, de FCT, por exemplo, esta seria uma boa associação para um aluno” pois considera que o aluno teria um melhor acompanhamento uma vez que, por vezes, é necessário ponderar sobre os locais de

estágio onde colocar um aluno pois nem todas as instituições ou empresas estão munidas de ferramentas para apoiar e ajudar um aluno com NEE na realização de um estágio. No entanto, o seu discurso é contraditório pois refere ter a escola todas as condições para

Como promotor de sucesso na inclusão de alunos com NEE no EP considera a dimensão da escola uma vantagem e as turmas estarem separadas nalgumas disciplinas facilita: “ter menos alunos para, para lidar, não é, facilita-nos um pouco a nossa tarefa, não é”. A proximidade entre todos os elementos, o próprio ensino ser modular e prático. No entanto o seu discurso é contraditório pois refere que a escola reúne todas as condições para acolher alunos com NEE e incluir na escola e comunidade: “condições para receber este tipo de alunos e os conseguir inserir bem dentro das turmas e da própria comunidade”. Quanto ao interior não vê nenhuma dificuldade ou diferença. Reforça a necessidade de mais um professor de educação especial.

### **Transcrição da entrevista ao DT5**

Entrevista realizada online dia 31 de maio às 11h30

**Entrevistadora** – DT5, eu vou-me apresentar. O meu nome é Maria. Estou a fazer o mestrado em Educação Especial-Domínio Cognitivo e Motor e esta entrevista advém da necessidade da mesma para finalizar a minha Dissertação. É só mesmo esse o efeito. Vou pedir-lhe autorização para... para gravar a Entrevista, para autorizar a mesma. Vou pedir esse consentimento e, no final, se for necessário eu posso facultar a transcrição da mesma na eventualidade de necessitar tirar alguma coisa ou adicionar ou alguma coisa que esteja em falta se desejar. Pode ser?

**DT5**- Tudo bem, sim, pode ser. Está bem.

**Entrevistadora**- Entrevistado DT5, está a gravar. Obrigada!

**Entrevistadora**- Por favor, quais são as suas habilitações literárias, a sua formação... área de formação. Pode falar um pouquinho de si, por favor?

**DT5-** Eu sou um licenciado em Marketing. Trabalho aqui nesta escola há vinte e oito anos...

**Entrevistadora-** Sou eu que estou sem Internet?

**DT5-** Não percebi...

**Entrevistadora-** A minha está bem...vou tentar... eu tenho boa net...eu, de facto, não consigo ouvi-lo DT5...

**DT5-** Quer que eu mude de lugar? Se mudasse de local... deixe cá ver. Se eu fosse para aqui se isto estaria melhor...

**Entrevistadora-** Se for possível agradeço muitíssimo... estamos na escola, não é?

**DT5-** Sim, diga. Está melhor?

**Entrevistadora-** Sim, consigo ouvi-lo. Francamente melhor, obrigada.

**DT5-** Isto é uma sala fechada, mas se não ouvir eu mudo mesmo para outra sala.

**Entrevistadora-** Se porventura parar a imagem por completo e de facto ficar tudo aos cortes que eu não consiga depois fazer a transcrição eu peço ajuda que é para depois não ter que tornar a pedir e a repetir... fica já arrumado desta vez que eu agradeço. Estava a perguntar, por favor, para me falar um pouquinho de si, qual a sua área de formação, as suas habitações...

**DT5-** Consegue ouvir-me? Pronto... eu sou licenciado em Marketing..., mas não... é eu consigo...eu estou a ouvir bem. E a Maria está a ouvir bem?

**Entrevistadora-** Sim, agora sim, DT5.

**DT5-** Se calhar é melhor mudar de sala.

Entrevistadora- Obrigada! Sim, certíssimo, obrigada.

**DT5-** A ver se temos melhor net...

Entrevistadora- Consegue ouvir-me?

**DT5-** Sim, e você? Também? Melhor?

**Entrevistadora** - Muito obrigada, DT5. Sim, agora já não tenho “cortes”, obrigada. Falava-me de si...

**DT5** – Sim, estava eu a dizer então...eu trabalho nesta escola há vinte e oito anos, sou licenciado em Marketing, não é verdade, nem sempre foi esta a minha profissão uma vez que tenho 62 anos...pronto, trabalhei numa empresa mineira até vir para aqui, pronto...não sei o que é que lhe hei de dizer mais. Já lecionei aqui...estou a lecionar no momento área de integração (AI) que é uma disciplina aqui dos cursos, que é comum a todos os cursos. Já lecionei marketing que foi na altura quando vim para cá e lecionei até há bem pouco tempo... Agora temos outros professores que estão a dar essa área...e não sei se conhece o nosso tipo de ensino, é um ensino profissional, não é, e o currículo do curso está dividido em três áreas, não é, que é sociocultural e científica e depois é técnico ou prático. Os professores que não, que não são profissionalizados não podem dar nem na área científica nem na área sociocultural e por isso é que eu deixei o Marketing, uma vez que eu tenho a profissionalização, não é, sou profissionalizado, não é, como professor e fiquei eu com a Integração e dei a parte técnica como o Marketing a outra colega. Também lecionei marketing e vendas, outras disciplinas de economia. O meu grupo é de economia e contabilidade, o 430.

**Entrevistadora** - Isto é muito engraçado! As perguntas vão se justapondo umas com as outras. A próxima...é...há quanto tempo leciona? Portanto há vinte e oito anos que dá aulas?

**DT5** - Vai fazer vinte e oito agora em setembro, sim.

**Entrevistadora** - E há quanto tempo é orientador de turma no ensino profissional?

**DT5** - Desde sempre, desde que vem para aqui.

**Entrevistadora**- A área de formação da sua direção de turma é, é o marketing? A sua direção de turma é esse curso?

**DT5** – Sim, não, eu já fui diretor de turma de outros cursos. De animador sociocultural...

**Entrevistadora** - Mas nesta altura? Neste momento?

**DT5-** Neste momento é só estes dois, sim. São estes dois que é o Curso de Comunicação e Marketing, Relações-públicas e publicidade e o curso, também, de Técnico de Artes Gráficas. Neste momento são só estes dois.

**Entrevistadora-** Muitos anos, muita experiência!

**DT5-** Sim, sim, sim.

**Entrevistadora-** De que forma perspectiva ou de que forma vê a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) neste tipo de ensino?

**DT5-** Eu, eu acho bem e penso que nós conseguimos dar uma boa resposta, não é, desde que não sejam muitos, não é, porque também...mas temos alguns por turma, não é, eles vão escolhendo os cursos que vamos abrindo ao longo deste tempo e pronto... e eu acho que nós conseguimos dar uma resposta bastante positiva uma vez que somos uma escola pequena, não é, uma vez que também há mais proximidade entre professor e aluno eles conhecem-nos todos, nós também os conhecemos a todos...é, e eu acho que nós conseguimos atingir esses objetivos e temos tido resultados positivos.

**Entrevistadora-** Considera que o trabalho com estes miúdos, com estes jovens e os anos de experiência que tem mudam a sua opinião relativamente à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) no ensino profissional?

**DT5-** Acho que não, não sei...como é que eu hei de dizer... eu não sei se percebi bem a pergunta...

**Entrevistadora-** O trabalho com estes miúdos, estes alunos em particular, alunos com necessidades educativas especiais (NEE) e os anos de experiência que o DT5 já tem mudou a sua opinião relativamente à inclusão no ensino profissional?

**DT5-** Não ,não ,não... uma vez, pronto, são alunos que têm algumas dificuldades, não é, nessas áreas e mesmo até este tipo de ensino, o nosso ensino profissional, nós temos alunos, por exemplo, como é que eu vou dizer, que são bons ,não é, têm muitas capacidades, mas também temos outros que não são tão... não têm tantas capacidades ,não é, e eles também escolhem este tipo de ensino, muitos deles escolhem este tipo de ensino uma vez que como é um ensino mais prático, não é, eles

resolvem escolher estes cursos ,não é, em vez de estar a fazer outro curso ,digamos ,  
mais no outro tipo de ensino, no ensino regular... o nosso também é regular...

**Entrevistadora-** Eu sei, sim...

**DT5** – Há sempre um debate, mas penso que...porque nós podemos dar essa  
resposta como estava a dizer, estamos mais próximos, é um ensino mais prático, uma  
coisa mais individual, mais personalizado, digamos.

**Entrevistadora-** Quais são as suas expectativas relativamente à inclusão destes  
alunos neste tipo de ensino, que é um ensino muito mais profissionalizante, muito mais  
virado para o mercado de trabalho? Considera que é positivo ou que é negativo?

**DT5** - Eu considero que é positivo, não é, positivo...

**Entrevistadora** - Nas suas direções de turma as patologias que tem, os alunos que  
têm com necessidades educativas especiais (NEE) é alguma coisa mais significativa ou  
menos significativa? Tem casos...

**DT5** - Não tenho, não. Não tenho assim nenhum caso de alunos com... às vezes  
com muitas dificuldades assim até mais graves...Não, não por acaso não tenho tido e  
eles conseguem... nós, pronto, mas de facto uma vez que os acompanhamos e estamos  
mais próximos deles...claro que às vezes temos que dar uma atenção mais especial, não  
é, estar próximos deles. Nós temos agora neste momento, eu tenho na minha turma um  
aluno sírio...claro que ele não sabe escrever bem ,não é, ele vai copiar ele não...ele não  
escreve... ele vai copiar as letras, ele está desenhar as letras e neste momento é um  
pouco assim. É claro que quando estamos a fazer uma ficha de trabalho eu estou ao pé  
dele e “ponha assim, ponha assado”... algumas coisas ele vai aprender, sabe, ele vai ...  
algumas coisas vai aprender ,não é, mas tem essas dificuldades, não é, assim a língua,  
mas...

**Entrevistadora** - É um ensino muito profissionalizante, mais virado para o  
mercado de trabalho estes miúdos têm formação em contexto de trabalho (FCT), têm  
prova de aptidão profissional (PAP), têm estágios. Considera que é positivo ou que é  
negativo para alunos com necessidades educativas especiais, a nível de inclusão?

DT5 - Eu acho que é positivo para eles, até para o bem deste tipo de ensino...e se eles também não andassem aqui também...no ensino Público, não é, a minha esposa também é professora e está numa escola pública, não é...

**Entrevistadora** - No dito “regular” ...

DT5 - Sim, regular... também regular não é exato, o nosso também é regular, mas é uma maneira de falar...

**Entrevistadora** - Que funciona por módulos, mas também tem o português, a matemática...

DT5 - Ela também tem lá uns alunos desses e eles também têm algumas dificuldades ou bastantes dificuldades. Depende, depois, das dificuldades destes alunos porque pode haver outro tipo de respostas. Não, não ser este tipo de ensino ou o ensino regular e haver outro tipo de respostas, mas penso que a inserção deles é muito...eu acho que é boa, não é, e a gente não estar a diferenciar logo à partida, também não deve ser assim... nem mesmo dentro da turma. Não acho bem que ele seja um...que a gente os distinga dos outros, não é, nós temos... tentamos que que essas diferenças não sejam muitos sentidas a nível global, a nível de turma... apesar como eu estava a dizer...eu...fazemos então a tal ficha e tal e depois temos a resposta, não é, e eu estou mais próximo dele: “- já pôs isto, já pôs aquilo, já respondeu a isto”, porque também é mais lento, uma vez que tem mais dificuldades a escrever, mas eu acho que é bom e nós conseguimos dar uma resposta...uma boa resposta, sim.

**Entrevistadora** - Quais são os recursos, depois falarei em estratégias, facultados pela direção..., portanto agora é o todo...pela direção da escola para promover a inclusão destes alunos?

DT5 - Nós temos uma equipa que trabalha também nesse sentido, que fazem os planos... pronto, que nos dá também algumas orientações para atuarmos com este tipo de alunos e com as dificuldades que têm. As dificuldades são logo identificadas...pronto, este aluno tem esta dificuldade, este aluno tem estas medidas, tem aquelas e a gente vamos adequando, não é, e a direção é uma direção também no nosso caso é muito aberta a estas coisas e temos tudo pronto, não temos, como hei de

dizer, não temos aquele professor não sei se conhece então o outro tipo de ensino no caso é ....

**Entrevistadora** - Conheço os dois. Também já dei aulas no profissional e estou familiarizada com os dois.

**DT5** - Na escola da minha esposa de facto eles têm professores que só se dedicam a isso, não é, que cada professor, por exemplo, tem 10 alunos com necessidades educativas especiais (NEE) pronto, digamos que é assim, e aqui nós não temos bem isso, não é, temos uma equipa temos uma pessoa digamos, mais...como é que hei de dizer, que como é que trabalha mais com isto, não é, além da psicóloga. Estou a falar de uma professora, mas não estou a falar da psicóloga, também trabalha nesse...nessa área.

**Entrevistadora** - Uma professora de educação especial?

**DT5** - Sim, também trabalha nessa área e pronto, é elas que nos vão ajudando e nós vamos também resolvendo algumas questões através do plano que também nos é dado, não é, e vamos conversando e nas reuniões de avaliação ,não é, que a gente faz vamos vendo se as medidas que são aplicadas ou não que a gente estava fazer sobre isto, não é, falamos sobre as dificuldades que cada um tem, e quais as estratégias que vai utilizando também, além daquelas que possam ser iguais para todos.

**Entrevistadora** - Como orientador de turma quais são os recursos que utiliza para incluir os seus alunos, estes alunos, nas suas ...na sua direção de turma. Como diretor de turma... depois já peço como os outros professores dos quais é orientador, portanto engloba um grupo de professores...a sua turma...

**DT5** - Nós tentamos promover a coesão da turma, não queremos que o aluno se sinta à parte nem que os outros possam pôr de parte...como é que hei de dizer?... nem sei...sei lá

**Entrevistadora** - Como diretor de turma...

**DT5** – Sabe que às vezes, às vezes a gente não se sente...como é que eu hei de dizer... acho que temos, por exemplo, eu tenho um aluno no terceiro ano que eu agora não sou diretor de turma dele e a gente nem sentia essas dificuldades e ele estava tão bem inserido, não é, só quando a gente estava mesmo, mesmo em cima que vê de facto

tem aqui umas dificuldades, por exemplo, escrever. Há alguma palavra ou outra que ele não consegue escrever e..., mas ele é um bom aluno, ele percebe tudo e faz tudo aquilo que a gente diz para os outros fazerem ele faz, mesmo até sem ajudas, não é, e por isso é que há algumas coisas nós tentamos que as coisas não sejam tão individualizadas, não é, que o tratamento não é assim tão especial. Não sei se está a perceber o que eu quero dizer, que a gente o põe assim de lado e depois é tratado assim, não. É igual!

**Entrevistadora** - Quer incluir como diretor de turma...

**DT5**- E queremos incluir, queremos que não haja divisão, que ninguém se sinta, não é, mal... nesse aspeto, não é, nem os próprios colegas e eu...

**Entrevistadora** - Os seus colegas também? É isso que pede aos seus colegas porque é diretor de turma?

**DT5** - Exatamente! Peço aos colegas para, às vezes, terem mais atenção àquele, ou outro, mas de uma maneira geral também tratado tudo mais ou menos igual, não é, mais ou menos, é igual, claro! Temos que ter sempre um cuidado especial com esse tipo de alunos que tem outras dificuldades que os outros alunos não têm, não é, mas pronto temos...que não haja assim divisões, mas tem que haver uma coesão na turma...é isso que a gente tenta promover, não é.

**Entrevistadora** -Relativamente a estratégias, contrariamente a recursos, quais são as que utiliza de forma a incluir um aluno que tenha necessidades educativas especiais de forma isolada, ocasional, porque pode haver uma ocasião em particular ou individual...

**DT5** - Por exemplo, nós promovemos atividades, não é, o aluno está sempre presente, pronto, para permitir essa, essa inclusão digamos, para não se sentirem à parte...nem sei como é que lhe hei de dizer...eu acho que isso é tudo muito igual, não é.

**Entrevistadora** - Estava a falar de estratégias que nós podemos utilizar com os nossos alunos e, às vezes, é necessário fazer uma de forma isolada ou de uma forma ocasional porque acontece só daquela vez e depois...

**DT5** - Sim, mas não tem acontecido.

**Entrevistadora** - E estratégias de grupo ou coletivas ou estruturadas de forma a incluir estes seus alunos?

**DT5** - Não sei, eu penso que nunca senti essa necessidade...as coisas correm muito bem.

**Entrevistadora** - Relativamente aos outros professores da sua direção de turma, quais são as estratégias que eles utilizam?

**DT5**- Eu penso que as mesmas. Ter mais atenção, estar mais perto deles, não é.

**Entrevistadora** - Conseguem estar em sintonia?

**DT5** - Sim, sim, de certa forma, sim. Claro, pronto, e neste caso sabe que eu estou... eu estou na área, então, sociocultural. Eu quando falei destes dois cursos, eu tenho duas turmas com estes dois cursos. Eu, por exemplo, eu tenho as aulas juntas. Quando eu tenho aulas, não é, de integração ou quando há português ou quando há inglês eles estão todos juntos. Por exemplo, no caso do primeiro ano eles são vinte e três, pronto é um bocado mais difícil, uma vez que a turma é maior, a gente também está atento mais a este, mais àquele, mais aqueloutro, mas vamos tentando. Mas na parte técnica e na parte científica os cursos estão separados. O professor passa a ter apenas dez alunos na sala de aula, não sei se está a ver. Eles têm, por exemplo, psicologia no caso da comunicação, eles estão lá dez alunos ou doze. No caso da físico-química, não é, o caso de artes gráficas que eles têm isso... estão lá dez alunos, por exemplo. É mais fácil até quando o aluno até está... pronto! Está num grupo mais restrito até ainda mais atenção tem. Não só ele até como todos os outros, não é. Um dos grandes problemas também no ensino é, às vezes, as turmas serem demasiado grandes. Não é a mesma coisa!

**Entrevistadora** - Relativamente aos pais, aos encarregados de educação, que são elementos essenciais quais são as estratégias que utiliza?

**DT5** - Olhe, pronto, eles são convocados, eles têm que assinar o plano, eles têm que assinar esse plano, eles sabem bem as dificuldades que foram identificadas desses alunos, não é, e pronto, não temos tido problemas nem...eles sabem, eles percebem que há dificuldades, não é, claro que nós pais muitas vezes temos um filho com estas características e que não queremos admitir. Tentamos, não é bem assim, não é bem

assim, mas pronto..., mas não tem havido problemas nem eles...de facto aceitam, participam. Eles vêm às reuniões de encarregados de educação apontam, também, esses problemas, eles falam com o diretor de turma que era até quando vêm ou quando a gente os chama, se for necessário ou até telefonam, não é, telefonam para ver como é que as coisas estão, para tratar desses assuntos.

**Entrevistadora** - Tem conseguido sempre, quando se faz um RTP de um aluno, tem conseguido que os pais colaborem, que os pais assinem porque os pais têm que assinar, pois, são parte importante da equipa...

**DT5** – Sim, sim muito... pronto, eu tenho outro aluno, agora já vou falar noutro, de facto, um aluno que está no segundo ano...

**Entrevistadora** - Com RTP?

**DT5** - Ele tem bastantes dificuldades, também. Está no segundo ano. A mãe participa muito. A mãe é a encarregado de educação. Eu não sei se ela sabe que ele tem dificuldades, mas não sei se ela sabe bem quais são as dificuldades todas, não é.

**Entrevistadora** - Esse aluno tem RTP?

**DT5** - Tem, tem, pronto, eu acho que ela pode não se aperceber dessas muitas dificuldades que o aluno, o filho, possa ter, não é, mas estava a dizer que muitos dos pais não admitem ou, pronto... ele é um rapaz, é um querido em casa. Para nós também! Não temos problemas a nível de comportamento com esses alunos. Pode ela não perceber bem todas essas dificuldades porque ele por acaso dá algumas faltas, não é, ainda ontem lhe telefonei porque ele estava a faltar e -” então onde é que está o aluno” - o “aluno” está na cama, diz que está com dor de cabeça, deitou-se tarde, pronto... não sei se está a perceber. Ela própria até pode achar que seja um pouco normal faltar, foi dando umas faltas por causa disso ...ou está com dor de cabeça ou por ter deitado tarde no dia anterior, que foi uma das coisas que ela disse e a gente está a insistir, está a ver, e pronto ... e já agora apontando este caso, é um dos casos que a gente mais insiste com a mãe para ele vir à escola, telefonamos várias vezes. É um aluno que tem bastantes faltas com as tais dificuldades, mas ele vai conseguindo, mas eu tenho, também, estar ali mais próximo, mas é melhor para ele conseguir fazer as coisas, não é, pronto. Mas a mãe atende sempre. Há uma colaboração bastante grande, não é. Falha ali qualquer coisa em

casa, não sei se está a perceber, pronto. Penso que ela acha até acha um pouco normal que ele esteja a dormir ou qualquer coisa, mas a gente diz – levante-o lá, chame-o lá, ele tem que vir para a escola, tem que vir para a escola. Mas ela aceita bem as coisas e vem sempre quando é chamada, vem sempre.

**Entrevistadora** - As estratégias utilizadas para e com a comunidade para a inclusão destes alunos quais são?

**DT5** - Não sei, pronto, nós... o aluno como é acompanhado da turma, não é, quando saímos, quando vão a exposições, não é, com a turma...eu não sei se... pronto, se a comunidade se apercebe um pouco disto, não é. Tirando uma ou outra associação que temos aqui, eles está mais ou menos da existência do que é este tipo de alunos, outras podem nem se aperceber que temos alunos com essas necessidades, digamos. Eu penso que promover assim muito diretamente essas coisas, não é, e assumindo que temos esses alunos, eu acho que não fazemos uma atividade só, só por si só, como é que hei de dizer, não vamos, não vamos entrar em contato só por causa disso, então não sei. Nós temos aqui a associação “XXXX” não sei se algum colega já falou sobre isso e ela de facto está mais dentro deste assunto, não é, uma vez que tem vários psicólogos, tratam problemas com emigrantes e acompanha um pouco mais de perto isto. E se nós tivéssemos alguma dificuldade eles estão prontos, também, para nos ajudar nalgumas coisas. Mesmo até em formação em contexto de estágio, de FCT, por exemplo, esta seria uma boa associação para um aluno, também, acho...uma vez que eles entendem melhor as dificuldades do aluno, nós... pronto seria um local para um aluno ou uma aluna deste género. Nós...neste caso, quando colocamos os alunos em FCT...mais! Estes alunos que têm estas tais dificuldades, não é, às vezes temos que pensar onde é que vamos colocá-lo, porque nem todas as, as instituições ou as empresas estão preparadas para receber este tipo de alunos, não é, digamos também assim.

**Entrevistadora** - Relativamente a atividades, DT5, a escola promove atividades em particular para incluir estes alunos que têm necessidades educativas especiais?

**DT5** - Eu não me lembro assim de nenhuma, mas pode ter acontecido, mas assim que me esteja a lembrar, não, assim alguma especial não.

**Entrevistadora** - E como diretor de turma? Que atividades implementa para a inclusão destes miúdos, destes alunos?

**DT5** - Também...eu acho que não vejo necessidade muito nisso, está a perceber, em individualizar-se as atividades. As atividades são da turma e o aluno...esses alunos são incluídos, eles participam ativamente como os outros.

**Entrevistadora** - Identifica algum tipo de dificuldade, estou a falar de dificuldade, relativamente ao processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT5** - Pode haver uma outra, não é, mas ...eu acho que elas são sempre ultrapassadas, mas...não é fácil, uma vez que às vezes se eles precisarem de determinados apoios, não é, nós temos que ter esses recursos para isso, não é, e pronto..., mas acho que...acho que a gente consegue ultrapassar essas coisas.

**Entrevistadora** - De que forma avalia os recursos que tem, que estão disponíveis, as estratégias que são implementadas, as atividades que são desenvolvidas, estou a falar no todo agora, para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais? Qual é...de que forma avalia tudo isto?

**DT5** - Eu acho que conseguimos dar uma boa resposta. Claro que podíamos ter mais recursos. Se tivéssemos recursos financeiros para...o ideal seria ter então um professor dedicado exclusivamente a isso. Cada vez há mais alunos com necessidades educativas especiais, não é.

**Entrevistadora** - No ensino profissional?

**DT5** - Sim, pelo menos aqui nós temos sentido isso. Se calhar há outra coisa, não é. Há uns anos atrás não se identificavam muito estes tipos de alunos. Eles entravam, tinham as suas dificuldades sim, mas não eram catalogados, já vem...

**Entrevistadora** - Não traziam RTP nem processos de alunos?

**DT5** - Não, traziam essas coisas, não é, e hoje em dia muitos, não é. Trazem o processo, acompanha o aluno. Claro que a gente vai vendo quais são essas dificuldades e há outras que depois a gente verifica que eles não, não precisam de ter essas medidas, não é. Nós podemos depois levantar essas medidas.

**Entrevistadora** - Na sua opinião quais são os fatores de sucesso que considera importantes e contribuem para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT5** - Eu acho que é o facto, pronto, de sermos uma escola pequena, não é, é importante, não é verdade? As turmas também às vezes não serem muito grandes, no caso, no caso dos cursos... é como lhe estou a dizer, as turmas são agregadas com dois cursos. Depois temos dez alunos, por um lado, dez alunos do outro, não é, e depois só se juntam naquelas disciplinas que são comuns, pronto. Isso também facilita um bocadinho o facto de a gente ter estar mais... ter menos alunos para, para lidar, não é, facilita-nos um pouco a nossa tarefa, não é, e agora já me perdi...

**Entrevistadora** - Estava a perguntar quais são os fatores de sucesso na inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no profissional?

**DT5** - Sim, é a tal proximidade que eu lhe estava a dizer e a atualização, por exemplo. Nós também trabalhamos muito com a realização de projetos, trabalhos que eles vão fazendo. Às vezes querem em grupo, querem individual, não é, e acho que isso é bom para eles, não é. Outra coisa é o facto de o ensino ser por unidade. Por UFCD ou por módulos, por isto também é bom. Eles, pronto, terminou ali aquela unidade e eles partem para outra, não é. Às vezes podem ter dificuldade em fazê-la e não a fizeram à primeira, mas eles têm uma hipótese de fazer a seguir, quando já tiverem mais conhecimentos e aí...outra coisa este é um ensino, como eu estava a dizer, como é um ensino mais prático e um ensino também muito próximo, personalizado individualizado como lhe disse há pouco.

**Entrevistadora** - Há pouco estava a dizer-me, quando voltámos ao início da questão que havia mais alunos com necessidades, neste momento, no profissional, do que antes, quando iniciou. Tem essa opinião?

**DT5** - Sim, como lhe estava a dizer, também, nessa altura não vinham identificados. Era um pouco isso, sim. Sabíamos que tínhamos alunos com dificuldades, sim, mas não eram rotulados com isso, não vinham com necessidades educativas especiais...isso veio um pouco mais tarde e hoje em dia...hoje já vêm com RTP feitos, não é, apesar da nossa equipa também fazer isso quando identifica... quando um aluno

não vem com isso e quando a gente identifica ,não é, em conselhos de turma a gente consegue falar uns com os outros, não é ,apesar de falarmos também todos os dias uns com os outros, sabe porque é uma escola pequena e a gente cruza-se e o professor vai dizer “ai, este aluno tem isto, tem aquilo”, mas nas reuniões a gente consegue mais falar daquilo todos ao mesmo tempo, mas sinto que neste momento há mais. Acho que isso tem a ver com a inclusão, não é, mesmo nas outras escolas, como estava a dizer, às vezes eu falo sempre da, da minha esposa, eu falo e ela, de facto, tem alunos que... com as várias deficiências, até motoras, não é, e isto não existia há uns anos na escola, não é. Eles iam para outro, para outro tipo de instituição. E hoje em dia, não. Ela tem lá alunos, de facto, desse género e depois têm uma pessoa só para tratar dele, mas sinto que ...pronto, que há mais e que é uma coisa que está identificada, e ainda bem, que é para a gente lhe dar outro tipo de atenção e termos técnicos ou pessoas que são da área e conseguem identificar as suas...muitas vezes nós como professores:” - ai, ele não escreve bem! Olha, ele dá muitos erros ou ele não tem entendido a matéria, mas às vezes há outras coisas que a gente pode não conseguir identificar, não é.

**Entrevistadora** - Considera a inclusão destes alunos na escola, na sua escola, vantajosa para os mesmos?

**DT5** - Eu acho que sim. Para eles bastante, até! E eles conseguem depois de ultrapassar essas dificuldades com a nossa ajuda e com a ajuda dos pais, também, e acho que eles ficam bem e eu acho que se sentem bem. E isto é uma das coisas porque... se calhar se andassem noutra tipo de escola podiam não se sentir tão bem, não é.

**Entrevistadora** - E na sua opinião, quais são os maiores desafios na inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino profissional?

**DT5** - Nem sei como é que hei de responder... Sei Lá! Eu acho que... eles são sempre bem-vindos, não é. Claro que não podemos, digamos, não podemos ter uma turma inteira só disso...só disso, não é o quero dizer assim...só de alunos ou com muitos, muitos alunos porque nós também temos que dar atenção aos outros, não é, e esse tipo de alunos requerem mais atenção, digamos, do que os outros.

**Entrevistadora** - Considera que eles são bem aceites no grupo turma pelos seus pares?

**DT5** - Sim, sim! Não temos tido esses problemas. Alguns são calados, por exemplo, esses alunos que estão terceiro ano, de facto, é um aluno calado, mas ele é bem aceite. Pode não participar muito nas aulas... é como o sírio, o sírio ... uma das que a gente faz é, ele, por exemplo, é eles trabalharem depois em grupo, não é, que é para também não se perder essa coisa de, da tal integração. Eu, de vez em quando, quando dou trabalhos, não é, ou dou atividades para fazer faço sempre em grupo e escolho sempre um aluno para trabalhar com ele que é para não estar sozinho, não é. Claro que às vezes sabe como é que são os alunos, não é, podem às vezes não querer, não é, ou podem... uma vez que ele tem dificuldades...o trabalho depois... por exemplo, ser um trabalho a dois, o outro pode sentir que está a fazer o trabalho pelos dois, não é. E, por isso, vou alternando. De vez em quando trabalha com este, trabalha com aquele para o integrar da melhor maneira.

**Entrevistadora** - Isto é capaz de “cair”, entretanto, mas eu reinicio, está bem? Considera que a sua escola reúne todas as condições de forma a garantir a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, uma vez que se encontra numa cidade de interior?

**DT5** - Eu considero que tem... podia ter mais condições, como lhe estava a dizer. Podia ter mais professores ou mais um professor para trabalhar nesta área, não é, mas o resto eu acho que sim, que temos todas as condições para receber este tipo de alunos e os conseguir inserir bem dentro das turmas e da própria comunidade, digamos. E o facto, então, de estarmos no interior uma vez que são as escolas pequenas, não é, porque há escolas profissionais enormes. Não sei se conhece. Nós temos 150 alunos, mas há escolas que têm 400, 500, por aí fora... é capaz de ser um bocadinho mais difícil. Enquanto nós somos uma comunidade pequena e é mais fácil fazer essa...essa integração desses alunos.

**Entrevistadora** - Vou perguntar-lhe um bocadinho mais...considera que tem acesso a todos os recursos, todas as estratégias que são necessárias para desenvolver um bom trabalho junto destes...destes alunos, ou considera que são “esquecidos”, entre aspas, por se encontrarem longe dos grandes centros urbanos? Qual é a sua opinião?

**DT5** - Eu penso que nós temos os recursos necessários de acesso a tudo isso... a nível, a nível interno, como eu estava a dizer, se a gente tivéssemos mais um, pelo menos, mais um professor do ensino especial seria bom. Nós temos a equipa, não é..., mas nós conseguimos ultrapassar isso... através de nós próprios como diretores de turma, conseguimos integrar os alunos. O próprio professor na sala de aula faz isso, não é. Depois em todas reuniões do Conselho de turma nós conseguimos afinar estratégias para promover a integração desses alunos. Não sei se lhe respondi... acho que me perdi aqui no meio...

**Entrevistadora** - É porque é um meio mais pequeno e, normalmente, nos meios mais pequenos as pessoas conhecem-se e, se por um lado, têm mais facilidade para chegar a algum lado... não sei se considera, se é a sua opinião ou, por outro lado, pode considerar que não tem acesso a tudo porque está mais isolado ou que estão mais isolados... do que Lisboa ou Porto, por exemplo.

**DT5** - Nesse caso eu penso que temos, temos... temos acesso principalmente às coisas mais essenciais. Os grandes centros têm outros meios. Não quer dizer que a gente também não tenha aqui alguns e que, às vezes, até nem recorra a eles porque acha que não é necessário recorrer, não é. Se nós, por exemplo, pedimos ajuda a uma ou outra instituição elas estão prontas para nos ajudar. Nós temos alguma qualidade e eles têm muita quantidade. Eles também podem ter, não é, os grandes centros podem ter qualidade, mas depois também têm uma grande quantidade. Eu acho que... acho que é assim. Este... estes meios pequenos, estas turmas mais pequenas ou estas escolas mais pequenas têm uma vantagem muito grande em relação às grandes mesmo até a nível de integração, como lhe estava a dizer. Nós conhecemo-nos uns aos outros. Eu conheço-os, apesar de não serem meus alunos, que eu não dou aulas a todos, mas eu conheço-os, sei quem são, eles sabem quem eu sou. A gente passa uns pelos outros – “bom dia professor; - bom dia, não sei quanto! “, ou lá se calhar os alunos passam pelo professor e não lhe dizem nada. Aqui não! “-Bom dia, está tudo bem?”, não sei se está a perceber. Esta proximidade que é muito importante e então para estes casos ainda mais! E eles sentem-se, mesmo estes alunos sentem-se que são bem-vindos aqui... penso eu que não, não se sentem... que são mais um, mais um número ou que estão à parte, não é ... essas coisas

**Entrevistadora** - Conhecem-nos pelos nomes?

**DT5** - Sim, sim, sim. Completamente!

**Entrevistadora** - Fala de uma escola com 100, 200, 300 alunos...

**DT5** - Nós temos 150 alunos

**Entrevistadora** - E quatro, cinco cursos? Caiu...

**Entrevistadora** - Obrigada! Já estava admirada... até estava a pensar que ele estava a ser um querido hoje. Estava a permitir fazer sem, sem ser desagradável! Eu Não tenho tempo de dizer desculpe, isto vai... bem não consigo

**DT5** - Não faz mal, não faz mal.

**Entrevistadora** - Estava a dizer-me que tem 150 alunos e 5 áreas de formação?

**DT5** - Sim, comunicação, marketing e relações-públicas, artes gráficas, animação socio cultural, gestão de equipamentos informáticos...é possível e temos um CEF de operador de informática onde temos duas turmas, uma no primeiro, outra no segundo. Claro que já tivemos outros cursos! Tivemos serviços comerciais na altura em que eu vim para cá e tivemos serviços jurídicos e dentro do CEF já tivemos também um assistente administrativo e já tivemos o... o acompanhante de crianças e ainda o operador de impressão.

**Entrevistadora** - Alguma questão adicional que considere que seja pertinente e relevante que queira acrescentar?

**DT5** - Eu acho que não...acho que me vou repetir, não é. Não sei se fui útil...

**Entrevistadora** - Claro que sim! Queria agradecer a colaboração para a minha dissertação. Muito obrigada!